

# AS VISÕES DE JOÃO

UM PEQUENO PROFETA



Fabio Bento

# DAIDOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## **Sobre nós:**

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespirita.org](http://www.ebookespirita.org).



[www.ebookespirita.org](http://www.ebookespirita.org)

# AS VISÕES DE JOÃO, UM PEQUENO PROFETA

Espírito Esíades

Através do médium Fabio Bento

[www.institutopiramide.com.br](http://www.institutopiramide.com.br)

**Esta obra está registrada no Escritório de Direitos Autorais e o autor cede gratuitamente os direitos para veiculação através do site [www.institutopiramide.com.br](http://www.institutopiramide.com.br).**

**A divulgação e o compartilhamento desta obra é livre e gratuito, respeitada a sua integridade e vedada a sua comercialização.**

## Prólogo

Era noite estrelada, a lua se fazia presente, clara, majestosa em sua beleza. João a contemplava detidamente, quase sem piscar, com a admiração que dispensava apenas a sua mãe.

Desde muito cedo, quando ainda era uma criança, João apresentava ímpetos de olhar para o céu. E desde que completou dezoito anos, João sentia um impulso cada vez maior, cada vez mais forte de olhar para o céu, admirar o luar e contar as estrelas. Porém, não apenas isso João fazia. Há pouco tempo sentia um impulso que não conseguia explicar. Era algo grandioso por trás daquele sentimento indecifrável. João queria olhar a lua, as estrelas, o céu de noite ou de dia, mas desejava algo a mais, que não sabia dizer o que era. Ele sabia que seria algo novo, importante, mas quanto mais ele tentava descobrir, mais aumentava sua angústia por não saber o que o incomodava.

A vida naquele tempo não era fácil, havia apenas cento e cinquenta anos do nascimento do Cristo, o homem que mudou a história e o curso da Terra. Tudo era muito difícil, a repressão era grande e as pessoas precisavam sobreviver contando moedas, se quisessem ter alguma dignidade. Mas isso pouco importava para João, pois que ele desejava mais, ele sabia, em seu íntimo, que a vida não era apenas o que se via, toda aquela tortura, toda aquela infelicidade ao seu

redor. João sabia que a vida poderia ser maior que tudo aquilo. João olhava para o céu e nele encontrava esperança.

## Capítulo 1

Sentado ao chão de barro, mais uma vez contemplando as estrelas, João tranquilamente preparava-se para dormir, quando ouviu algo diferente dos sons que sempre se faziam presentes. Parou na tentativa de não fazer barulho algum, nada mais ouviu. Já de pé, virou-se e andou em direção a sua casa. Ouvia claramente a voz proveniente de suas costas:

- João, és enviado do Pai.

Ele teve como primeira reação ficar parado de medo, fechou seus olhos, espremendo-os. Mas em seguida teve uma força invadindo seu corpo e virou-se aos poucos para ver de frente quem lhe dirigiu aquelas palavras. João sabia que quem fosse, teria chegado ali rápido, pois que não havia nada, ninguém, enquanto estava sentado ao chão. Virou-se. Não havia nada. João olhou atentamente tudo ao seu redor, não havia nada, nem vestígio de ninguém. Tudo em silêncio e tranquilidade. João respirou fundo e entrou em casa apressado.

Naquela noite, João sonhou com um homem vestido de branco que lhe entrega um livro muito grande, mas que ele não conseguia abrir. Por mais que tentasse, nada era capaz de abrir o livro.

Na manhã seguinte, junto com seus irmãos, João saiu para o trabalho com seu pai, nos campos de

cultivo da família. Era este trabalho que era capaz de pôr comida na mesa e garantir algumas moedas. João comentou com seu irmão Lúcio:

- À noite, antes de entrar, ouvi uma voz me chamando.

Lúcio, sempre sério, demonstrou surpresa, mas quis saber mais informações:

- Voz? Vinda de onde?

- Do escuro. Dizia meu nome.

- Do escuro? E quem era?

- Não vi. Quando me virei, não estava mais lá.

- O que achas que pode ser? Alguém brincando contigo?

- Não acredito. Não havia ninguém por perto. Não ouvi barulho algum.

- Pode ser um irmão nosso?

- Pode. Mas não sei. Foi muito rápido.

- O quê dizia a voz? Só chamava seu nome?

- Dizia que sou enviado do Pai.

- Pai? Nosso pai?

- Do Pai do céu.

- Do Pai do céu? Enviado? João, é prudente que entre mais cedo para casa. Está começando a ouvir coisas demais.

João calou-se e continuou andando. Ao chegarem ao local de trabalho, iniciaram suas jornadas. João se afastou um pouco mais, a pedido do próprio pai, para trabalhar na colheita. O sol estava forte, João pegou o cesto e o chapéu de palha e caminhou para o local onde seu pai lhe pediu. Começou a colheita. Ouviu um barulho a sua frente, olhou, mas apenas viu um grande reflexo de sol, mas havia também uma sombra, parecia que havia alguém ali. João, que estava agachado, levantou-se rapidamente, pois achou ser um dos senhores de seu pai naquela vinha. Mas ao se levantar não viu ninguém. Porém ouviu nitidamente uma voz que dizia:

- João, João, me escute, João.

De olhos arregalados, João olhava para todos os lados e não viu ninguém por perto. Estava tudo vazio, seus irmãos e seu pai estavam longe. Não sabia quem estava lhe chamando. Tomou coragem e disse ao vazio:

- Que desejas?

A voz penetrando em seus ouvidos lhe disse calmamente:

- Lhe informar como deves abrir o livro.

Imediatamente João soube que a voz falava sobre o livro de seu sonho. Perguntou, já mais seguro e sem medo:

- Como sabes sobre o livro?

- Sei mais do que possas suspeitar, João. Deseja me ver?

Sem pensar e com total segurança, o confiante João respondeu:

- Sim. Apareça. Desejo lhe ver.

No mesmo momento, a sua frente, surgiu a figura de um homem alto, com traços finos de rosto e corpo, vestindo um túnica azul e branca, de pele igualmente branca, incomum para aquela região de sol e calor, de cabelos amarelos e longos até o pescoço, olhos verdes bem claros e sorriso enigmático. João não sentia medo. Perguntou:

- Como chegou até aqui?

- Posso ir e vir, João.

- Todos podem lhe ver?

- Não. Apenas você.

- Por que apenas eu?

- Porque és o enviado do Pai, João.

- Foi você ontem?

- Sim.

- Por que não apareceu?

- Não pude. Você não conseguiria me ver, mas agora, com a luz do dia, está mais confiante e consegue dialogar comigo.

- O que desejas?

- Já lhe disse, informar como abrir o livro.

- Como sabes sobre o livro?

- Já lhe disse isso, João.

- Diz a verdade.

- João, me tenha como um amigo. Vim para lhe ajudar.

- Como vou saber? O moço chega como assombração e diz coisas do meu sonho. Só pode ser coisa ruim.

O homem riu serenamente e apenas disse:

- Sou seu amigo, João. Não temas, mas se quiseres alguma prova, pode pedir. Bastará me chamar e virei. Meu nome é Askhetar.

- Como? Ask...

- Askhetar.

- Você tem que me contar tudo sobre você para que confie em ti.

- Contarei, João. Agora, continue seu trabalho.

Assim, Askhetar sumiu como apareceu. E João, com uma surpreendente frieza e calma, se agachou e continuou seu trabalho como nada tivesse acontecido.

Algo em João havia despertado naquela primeira aparição de Askhetar. Ele estava mais tranquilo e confiante. Feliz e satisfeito.

Ao terminar seu trabalho, voltou para junto de seus irmãos. Teve vontade de conversar com Lúcio, mas resolveu não dizer nada. Nem quando voltaram para casa ao fim do dia. Lúcio não mais perguntou e João permaneceu sem tocar no assunto. Mas a imagem de Askhetar não lhe saía da mente.

Voltando para casa com seu pai e seus irmãos, João obviamente pensava no ocorrido. Por vezes, lhe passava pela cabeça a ideia de que poderia ter sido uma ilusão, algo fantasioso. João não sabia se negava aquela hipótese ou deixava que ganhasse força. Enquanto caminhava em silêncio com seus pensamentos, João olhava o entardecer e admirava o céu e a luz que pairava sobre os campos, o balanço que o vento fazia ao bater na vegetação, nas árvores. Em um desses momentos de contemplação, João viu rapidamente a figura de Askhetar em pé entre um matagal olhando para ele.

João arregalou seus olhos e piscou tentando espreme-los, na tentativa de enxergar melhor, mas quando os abriu não mais o viu. O coração de João bateu mais forte naquele momento. Ele olhou para o lado tentando identificar se algum irmão também tinha visto. Mas todos estavam serenos e isso deu a João a certeza de que ninguém tinha visto a aparição. Pensou em contar para Lúcio, mas preferiu continuar guardando tudo para si, pois tinha receio da reação da família. Não queria ser considerado louco. Porém, aquela segunda aparição amenizou um pouco suas dúvidas anteriores, se estava fantasiando ou não, mas não as derrubou de vez.

Ao chegarem em casa, foram jantar e depois, como de costume, João saiu para admirar o céu. Mas naquela noite, ele tinha muito material na

mente para pensar. E não conseguia fazer com que tudo aquilo se dissipasse.

Saiu e se encaminhou para baixo de uma frondosa árvore, onde por vezes gostava de ficar. Em silêncio, fez uma pequena oração a Deus, pedindo ajuda e informando que não queria ser alvo de fantasias de sua cabeça. Ao terminar, olhou para o céu, suspirou e iniciou a admiração. Estava tranquilo, sereno e feliz. Até que ouviu a mesma voz vinda por trás dele:

- Não está louco, João.

Ele rapidamente se virou e constatou que era Askhetar que estava de pé e falava com ele. A primeira reação de João foi a de fazer uma pergunta:

- Todos podem te ver?

- Não. Somente aqueles que tem a permissão Divina.

- E eu tenho?

- Sim.

- Meus irmãos tem?

- Não, João. Em sua família, somente você a possui.

- Nós vamos conversar agora?

- Somente se assim você desejar.

- Então sinta aqui do meu lado e olha pra frente que não quero parecer louco se alguém ficar me olhando.

Assim Askhetar o fez. João não perdeu tempo:

- Como vou abrir o livro, quem é você de verdade, o quer comigo e como sabe o que sonho?

Askhetar sorriu e disse:

- Muitas perguntas, João. Mas aprecio seu interesse no livro. Tenha-me como um amigo. Estou aqui apenas para ajudá-lo. Você sabe de tudo que acontece com você?

- Tudo o que?

- Ora, João. Não sou o primeiro que você vê.

- Já vi assombração antes, mas nunca conversei com nenhuma delas.

Novamente Askhetar sorriu antes de falar:

- Então você está progredindo, está melhor do que antes. Não está?

- Ou mais louco. Por que não tenho medo de você? Deveria ter. Você é assombração, fala comigo, mas não consigo ficar com medo ou tremer o corpo como o povo todo diz por aí que faz.

- É porque você se sente seguro e algo em você, João, lhe garante essa tranquilidade, esse conforto em estar ao meu lado.

- Não quero mais perguntar nada. Diz você o que veio fazer. Não foi só para me responder, deve ter o que dizer também.

- Você é inteligente, João. Como disse, quero te ajudar.

- Me ajudar com o que? Para que?

- Com suas visões. Para você cumprir o que lhe cabe.

- Visões?

- Isso. Quando só você vê alguma coisa e mais ninguém vê, isso é uma visão.

- Como agora, com você?

- Isso.

- E por que você vai me ajudar e como sabe disso?

- Vou te ajudar porque também tenho missões e trabalhos a fazer.

- Posso contar para quem eu quiser.

- Pode, João. Mas todos vão te entender?

João ficou em silêncio. Askhetar continuou:

- É importante que você saiba que as pessoas não entendem o que se passa e tentam fazer com que quem tenha visões seja tido como louco e seja perseguido por ser bruxo ou endemoniado.

João se assustou e perguntou:

- Estou endemoniado?

- Não, João. Isso é o que as pessoas falam. Você não está endemoniado.

- Você não diria se fosse um demônio.

- Não. Mas não falaria em Deus, como sempre falo.

João pensou alguns instantes e perguntou:

- Como você pode me ajudar? Por que tenho visões? Por que tenho que fazer isso?

Askhetar interrompeu João antes que ele continuasse perguntando:

- São muitas perguntas, João. Mas as respostas virão com o tempo. Agora, somente posso lhe dizer que não temas o que ver. Apenas observe e preste atenção a tudo. Assim, começa a abrir o livro.

João apenas ouviu e não disse nada. Askhetar novamente sumiu. João olhou para o lado e respirou fundo, pensou um pouco sobre a conversa, olhou para trás para ver se havia alguém por perto e voltou a olhar para o céu. Estava intrigado, mas algo dentro dele estava calmo e feliz, e assim João se sentia, apesar de também temeroso.

O restante da noite foi apenas observando as estrelas. Depois João entrou em casa e se preparou para dormir.

Apesar de tranquilo, João se inquietava mentalmente, pois seus pensamentos sobre as aparições não cessavam e cada vez mais, ele se entregava a dúvidas sobre sua própria sanidade mental.

Demorou bastante para conseguir dormir. Estava agitado mentalmente, não conseguia simplesmente ceder ao cansaço do corpo físico.

Mas após bastante relutar com a mente agitada, João finalmente conseguiu adormecer. Seus sentidos foram aos poucos se tranquilizando, fazendo com que sua consciência entendesse o relaxamento como um sinal para que seu espírito pudesse momentaneamente se liberar do corpo. Assim foi feito.

Quando João estava dormindo profundamente, seu espírito saiu de seu corpo e volitou em direção à cidade espiritual de Salvação, que ficava bem próxima à crosta terrestre e abrigava aqueles que sofriam abusos religiosos e eram incriminados, perseguidos e condenados injustamente.

João sempre a visitava em espírito, quase todas as noites. Lá havia espíritos de pessoas que conheceu em vida ou que conheceu a história. Lá, João conversava com amigos espirituais e recebia orientações sobre seu comportamento e suas atitudes durante a vida encarnada.

Mas naquela noite, algo foi diferente. Como de costume, João chegou e se encaminhou para a praça que recebia a reunião de espíritos como o seu, encarnados em desdobramento e os espíritos desencarnados habitantes da cidade e outros espíritos visitantes, mas igualmente desencarnados, que desejavam ajudar em orientações. Mas ao chegar percebeu uma certa aglomeração em torno de algo, mas não conseguia definir exatamente o que era. Foi se direcionando para o local, quando

chegou mais perto, a aglomeração se abriu e João pôde ver Askhetar. Sua surpresa foi enorme, mas satisfatória foi a emoção de encontrar a aparição naquele local.

Askhetar se encaminhou para junto de João. Quando estavam frente a frente, disse:

- João, não me dará as boas-vindas a Salvação?

João, ainda surpreso e um tanto atordoado, estava boquiaberto e sem reação. Mas ao ouvir as palavras de Askhetar, despertou do mini transe e respondeu sorrindo:

- Claro, claro... Que falta de educação a minha. Seja bem-vindo a Salvação. Mas...

Askhetar o interrompeu e completou sua frase:

- O que estou fazendo aqui?

- Isso. Exatamente isso. O que?

Askhetar sorriu e respondeu:

- Vim para conversar contigo e lhe dizer o que não consigo enquanto você está acordado no corpo físico.

- Tem mais?

- Tem bastante, João.

- E porque todos estavam ao seu redor?

- Porque, João, não sou daqui. Não faço mais parte do planeta Terra. Sou habitante de outro planeta e eles me reconheceram como habitante extraplanetário, pois que estudam sobre isso aqui e foram conversar comigo, tentando captar mais informações. Porém, quando percebi sua aproximação, pedi educadamente para se afastarem.

- Bem, já que não é da Terra, o que vem fazer aqui? Qual seu interesse?

- Como sempre, João, muitas perguntas. Posso iniciar lhe revelando que você terá um papel importante dentro da fé e da forma de encarar a religiosidade na Terra, através de suas visões. Você ainda não sabe, mas verá o que mais ninguém pode ver, o invisível, verá aqui, Salvação, mesmo estando na Terra, verá outros homens vivos de outras nações, como se estivesse ao lado deles. E tudo isso ajudará seu povo. Poderá ajudar.

- Verei tudo isso? Mas como e para quê?

- Verás como já me vê. Não és louco, João, és um homem que vê espíritos.

- Um bruxo?

- Não. Sua visão é concedida por Deus e minha missão é lhe ajudar nesta caminhada.

- Mas por quê? Por que não um outro daqui deste planeta mesmo?

- Eu acompanho a Terra, tenho interesses aqui. Conheço, pois sua história, trajetória e tendências evolutivas. Sei de suas carências e limitações. Sei, portanto, da necessidade atual em se romper certos preconceitos e imposições impostas pelo poder dominante. Ofereci-me para ajudar no que fosse possível.

- Para mim?

- Não. Para o governador deste planeta, o homem conhecido por vocês como Jesus, o Cristo.

- Jesus? O homem de Nazaré? O filho de carpinteiro? Ele é o governador da Terra?

- Sim, Ele mesmo. Ofereci-me a ele para ajudar no que ele precisasse. E ele, João, Jesus pessoalmente me perguntou se eu queria lhe ajudar em sua caminhada atual. E aceitei prontamente, pois que um pedido de Jesus é bem mais que um pedido. É algo que se aceita com gratidão, pelo simples fato de ser digno de sua confiança.

- Você está querendo me dizer que Jesus lhe pediu para me ajudar? Porque Jesus se importaria tanto comigo?

- Porque Jesus é bom, é todo amor. João, são questões complicadas que não posso entrar no mérito, mas posso dizer que você está recebendo a oportunidade de se redimir de muitos erros cometidos em seu passado. E irá se redimir através de suas visões, mas não apenas foi concedida pelo Pai esta oportunidade, como a ajuda para cumprir sua parte. Jesus ajuda a quem precisa, por que não lhe ajudaria? Sua tarefa é muito importante e muito difícil. Deixá-lo sozinho seria querer te punir ainda mais. Todos que sabem de seu planejamento, sabem o quão difícil é. Jesus apenas foi bondoso e permitiu que uma ajuda lhe fosse enviada. E não poupou recursos. Enviou-lhe alguém de fora do planeta, com total conhecimento sobre o mundo em que vive e o que se passa contigo. Jesus é amor e justiça, infinita bondade, assim como o Pai.

João apenas ouviu e nada falou. Estava pensativo, mas agradecido. Askhetar esperou que dissesse algo. Depois de alguns momentos, João perguntou:

- E como você vai me ajudar?

- Orientando-lhe no que for preciso. Agora, João, já está no momento de voltar.

- Mas ainda não deve ser a hora de acordar.

- Mas está na hora de você voltar, acredite. O tempo é diferente.

- Diferente?

- Sim. Corre de acordo com produtividade e esforço. Entre outras... Mas isso não é importante para você agora. Volte, João.

- E nos veremos quando e como?

- Nos veremos como nos vimos até agora. Lá e aqui. Até logo.

João sorriu, agradeceu e volitou de volta ao corpo. Ao acordar, apenas se recordou de ter um sonho bom, mas que não lembrava os detalhes, e tinha uma sensação boa, de bem estar. João levantou-se e se preparou para mais um dia de trabalho.

## Capítulo 2

João fez todas as suas atividades do dia de forma normal, sem se lembrar de seu sonho e sem a aparição de Askhetar. Não conversou com nenhum de seus irmãos sobre suas visões do dia anterior, porém não teve dúvidas a respeito. Na verdade, não pensou no assunto.

Ao fim do dia, como de costume, João foi observar o céu, se recostou em uma árvore e sentiu-se tranquilo e de forma serena, respirou fundo e fechou seus olhos por alguns segundos, como que aproveitando o momento. Quando abriu seus olhos novamente, viu a sua frente uma paisagem que não era a do local onde estava, inclusive porque estava dia. Era como se João visse um local, parecendo uma vila ou comunidade, mas não pudesse ser visto ou interagir com as pessoas.

João sentiu um certo medo, mas não o suficiente para bloquear a visão. Permitiu, dessa forma, que a visão continuasse. Estava em certo transe.

A cena que João estava assistindo era de uma vila de camponeses, onde todos andavam, conversavam entre si e carregavam animais, alimentos, enfim, viviam suas vidas normalmente. Era um lugar desconhecido para João. A visão não durou muito e logo João saiu deste transe e voltou a enxergar a paisagem de onde estava.

Estava um pouco ofegante, como se lhe faltasse ar, mas devido ao susto, pois sua sensação era similar à volta abrupta ao corpo após um desdobraimento. E estava realmente assustado e apreensivo. Olhou para o céu e tentou se acalmar olhando as estrelas. Mas não ficou muito tempo ali, logo entrou e se preparou para dormir, não quis falar nada com ninguém, nem sobre outros assuntos, uma vez que sua família ainda estava acordada. Não quis sequer pensar no assunto, mas estava tenso em relação a tudo aquilo. Porém, em seu íntimo pairava uma sensação boa que João não sabia explicar. João dormiu e não teve qualquer sonho. Na verdade, foi poupado de mais desgaste fluídico, uma vez que aquela visão o tinha exigido muito. Então, foi ministrada nele uma recomposição energética e combinada com fluidos calmantes, que possibilitaram que João dormisse profundamente, foi como se ele estivesse sedado, de forma que apenas descansasse e absorvesse a medicação fluídica.

Ao acordar, no mesmo horário de sempre, João sentia-se revigorado com energia de sobra. Acordou feliz e disposto. Logo, o pai de João reuniu os filhos e iniciou os informando:

- Filhos, hoje iremos procurar um antigo amigo meu, que pode nos oferecer trabalho em outros campos, onde poderemos receber melhor. Não iremos hoje ao nosso trabalho de sempre. Alimentemo-nos e sigamos.

Lúcio perguntou ao pai:

- Onde fica tal lugar, querido pai?

- Não tão perto, mas não tão longe. Chegaremos em pouco tempo. Mas nenhum de vocês conhece este lugar, jamais foram lá.

Ouvindo seu pai, João teve a intuição de que ele estava falando do lugar de sua visão. Era estranho para João, mas ele tinha uma certeza íntima de que era realmente o mesmo lugar. Então, tentou buscar uma confirmação de forma sutil:

- Mas, pai, como é tal lugar, uma vila de casas? Um pequeno povoado com grande comércio? Como?

- Uma vila de casas, meu filho.

- E como são essas casas? São...

O pai de João o interrompeu:

- Meu filho, você vai descobrir. Agora, nos aprontemos para ir.

Então, todos se aprontaram e partiram ao local. João permaneceu em silêncio durante a caminhada, envolto em seus pensamentos, tentando entender tudo o que se passava.

Naturalmente, o grupo se dissipava um pouco durante o percurso e João ficou um pouco para trás, porque estava mais lento devido a estar com a mente vagueando com pensamentos longe da caminhada. Então Askhetar surgiu ao seu lado e logo disse:

- Bom dia, meu irmão e amigo.

João se assustou com a aparição ao seu lado, mas respondeu:

- Bom dia.

- Está curioso para saber se o local que viu é o mesmo local que estão indo?

- Como meu pai disse, eu vou ver. Vou descobrir.

João estava um pouco desconfortável. Askhetar continuou:

- Acalme-se. Nada se resolverá em um dia ou dois ou três. Tudo a seu tempo. Confie em Deus, meu amigo.

- Por que não o vejo mais?

- Está me vendo agora.

- Mas faz um tempo...

- Um dia, João. E foi preciso.

- E por quê?

- Não posso te pressionar, João. É preciso deixá-lo à vontade em alguns momentos. Já estão próximos ao local. Estarei por perto.

Ao dizer isto, Askhetar sumiu como apareceu. João continuou a caminhada em silêncio e envolto em seus pensamentos.

Ao se aproximarem mais, João já pôde ver que as casas eram idênticas às que tinha visto. Admirava-se a cada nova confirmação, pois que tudo estava exatamente igual ao que viu.

Ao entrarem na cidade foi o momento exato da visão de João, ele vivenciou exatamente como enxergou na visão. As pessoas caminhando, conversando e carregando animais e alimentos. João sorriu.

O pai de João foi conversar com um comerciante na tentativa de fazer negócios e oferecer os serviços da família no campo. Enquanto aguardava, João sentou-se ao chão e recostou-se em uma parede de algum estabelecimento e ficou observando as pessoas e toda a movimentação. Até que passou um homem que chamou a atenção de João, mesmo sem ele saber o porquê. Era um senhor de idade, que andava com dificuldade, mas

parecia sentir-se bem. Porém, enquanto o observava, João teve uma visão. Ele viu esse mesmo senhor deitado ao chão e com a aparência de um cadáver. Foi apenas isso que viu, logo em seguida voltou a enxergar a movimentação das pessoas. João se assustou e parou de olhar para o senhor, mas guardou bem sua fisionomia.

Lúcio se aproximou de João e lhe disse:

- Parece que iremos demorar. Como estão seus sonhos?

João apenas o olhou e não respondeu. Mas Lúcio insistiu:

- Conte-me, João. Como estão seus sonhos? Andam perturbadores ou se acalmaram?

João respondeu:

- Calmos.

- Ainda se acha enviado, irmão?

Lúcio dizia sem maldade, mas João acreditou ser uma ironia.

- O que deseja, Lúcio, irritar-me?

- Não, João, não desejo. Quero saber o que acontece contigo.

João respirou fundo e respondeu:

- Tive uma visão deste lugar antes de chegarmos aqui. Vi tudo exatamente igual ao momento que entramos.

- Já tinha vindo aqui?

- Não. É a primeira vez.

- Estranho. Mas não deve ser nada. – Fez uma pausa. – Porque isso é bruxaria, você sabe, não é mesmo, João?

- Sei. Por isso que somente conto a você, irmão.

- Mais ninguém sabe?

- Não.

- Não conte mesmo. Podem te levar embora como a menina da outra aldeia.

- Que menina?

- Uma menininha, de uns 7 anos, ela dizia que via homens carregando cruzeiros e disse que viu Jesus de Nazaré.

- O que aconteceu com ela?

- Vieram umas pessoas da Igreja e a levaram.  
Nunca mais apareceu.

- Para onde?

- Ninguém sabe. A mãe chora até hoje.

- Foi bruxaria?

- Dizem que foi e que o demônio roubou sua alma e aparecia em sonhos para ela e dizia coisas bonitas.

- Será, irmão, que sou bruxo?

- Fale baixo, João! Não podem te ouvir falando isso! Você não é bruxo! Só está passando momentos de sono ruim.

João se calou e ficou pensando em tudo que tinha acontecido. Mas de repente ouviu uma voz que lhe dizia:

- Não és bruxo, João, és enviado.

João, assustado, perguntou ao irmão:

- Ouviu isso? Ouviu isso?

- Isso o que?

- A voz!

- Que voz, João? Não ouvi nada.

E Lúcio um pouco preocupado e bastante irritado, se levantou e deixou João sozinho. Askhetar apareceu ao seu lado e disse:

- Fui eu quem falou agora, João. E somente você pode ouvir. Seu irmão não pode.

- Como posso confiar em você?

- Não confie em mim. Confie em Deus.

João ficou em silêncio e Askhetar desapareceu novamente. João ficou em silêncio aguardando seu pai para ir embora. Mas envolto aos pensamentos sobre as visões e as aparições daquele ser que João não tinha certeza de quem era.

Após um período mais ou menos longo, o pai de João novamente apareceu e puderam sair da cidade. O pai contou aos filhos que havia uma boa chance de prestarem serviços nos campos do homem com quem falou, mas que teriam de voltar no dia seguinte e que naquela metade de dia que ainda faltava, eles iriam trabalhar em outro campo, onde sempre havia lugar para trabalhadores como eles.

Então foram até lá e conseguiram o trabalho e o salário de meio dia. João trabalhou normalmente embora sua mente estivesse apenas voltada para as aparições e as dúvidas sobre Askhetar.

Ao fim do dia, terminados os trabalhos, voltaram todos para casa. João, como sempre, foi ter seu momento de intimidade com o céu estrelado.

Porém, naquele dia João fez algo diferente. Não ficou apenas observando o céu e esperando que Askhetar aparecesse. Antes disso, João fez uma prece para Deus, pedindo ajuda:

- Deus, nosso Pai, muito respeitado e temido, se não for pedir muito de vós, desejo que me auxiliés, pois que não entendo o que se passa. Apenas vejo coisas e não quero ser bruxo, Deus. Quero ser um homem de Deus. Ajude-me, Pai, a entender o que acontece e a livrar qualquer mal que estiver em mim. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Ao terminar, abriu seus olhos e olhou em volta. Não havia nada. Respirou aliviado e ficou observando as estrelas com a calma de antes. Enquanto as observava, lembrou de um fato interessante. João, ao observar estrelas, sempre pensou que o mundo poderia ser maior do que ele conhecia, porque as estrelas eram tantas e brilhavam tanto e estavam tão alto, que não poderia significar algo menor que um simples enfeite no céu. Ele achava que as estrelas deveriam ter um propósito maior e por isso, algo maior que seu entendimento deveria existir. E lembrou da vez que fez um pedido a Deus, antes de se deitar para

dormir, para perceber se isso era verdade e se fosse, que Deus pudesse mostrar qual seria a grandeza além da vida que conhecia.

Ao lembrar isso, João ficou parado por alguns momentos, pois lembrou que logo em seguida deste pedido, Askhetar apareceu pela primeira vez. Concluiu que havia alguma conexão. E se estivesse certo, Askhetar deveria ser algo bom, pois vinha de Deus. Sorriu levemente e respirou aliviado. Ficou onde estava, olhando o céu, contemplando as estrelas e o luar, em silêncio, por um longo tempo. Depois entrou, fez suas orações e foi dormir.

### Capítulo 3

Naquela noite, logo após adormecer, João visitou o mesmo lugar de antes quando conversou com Askhetar e lá estava ele o aguardando.

- Boa noite, João!

Animadamente, o ser o cumprimentava e saudava com um belo sorriso. João respondeu:

- Boa noite!

Askhetar convidou João para uma caminhada enquanto conversavam. Askhetar disse:

- Estou muito feliz, João. Você ficou em dúvida sobre mim.

Aquela afirmação confundiu João, que perguntou:

- Como pode ter ficado feliz com isso?

Askhetar respondeu:

- Não desejo que alguém confie em mim somente porque apareci. Desejo que confiem em mim porque acreditam que sou um ser de Deus. E para se ter essa certeza, é preciso que se duvide, que se pense a respeito, que se investigue, que se pesquise, que se converse, analise. E você, João,

está próximo a uma conclusão, pois passa por todas estas fases. Você não é um homem cego. Você é alguém de quem se espera muito, por isso está muito à frente dos homens que convivem com você; mas cuidado, pois que isto é um perigo e uma ameaça que a própria vida lhe impõe.

- Um perigo e uma ameaça?

- Sim, pois que ao sentir certas facilidades, pode cometer o erro de se julgar melhor que os outros homens e ninguém o é, João. Você pode ter conhecimento e entendimento, mas não é melhor que ninguém. Todos somos filhos de Deus, nosso Pai. E Ele nos fez iguais em tudo, inclusive em capacidade, lembre-se sempre disto.

João ficou em silêncio, pensativo. Askhetar não interrompeu. Depois de um período, João questionou:

- E quando vou aceitar completamente sua presença em minha vida?

- Em breve. Mas ao acordar no corpo dará um grande salto para isso.

- Amigo, percebo que algo maior se espera de mim. Sua presença demonstra que estou certo. O que se espera de mim? O que tenho que fazer? Por que isso está acontecendo?

- Tudo tem seu tempo próprio. Você terá suas respostas. Por enquanto, apenas tenha a certeza de que precisa confiar nos desígnios de Deus de forma absoluta, até mesmo para ter essas respostas. Agora, João, você irá visitar outro lugar. Venha, vou te levar até lá.

E João apenas sentiu um leve toque, algo o puxando para cima, e em seguida estava em outro lugar junto com Askhetar e pessoas que não conhecia estavam a sua volta. Mas todos pareciam ser boas pessoas, estavam sorrindo e o lugar era belo e com muita luz. Askhetar apontou para um homem e disse:

- João, este é Marcos e está é numa colônia que recebe pessoas que de forma bruta deixam o corpo.

Marcos se aproximou e disse:

- E este será o caso do senhor da cidade que visitou hoje com seu pai e seus irmãos. Permitindo Deus, aquele senhor sairá do corpo. Isso já está para acontecer há algum tempo, mas ele vem se cuidando melhor e praticando atos que a misericórdia de Deus apoia. Mas, ao que entendemos, chegou seu momento de partir. E você viu, João, para lhe mostrar o que pode ver, que tipo de coisas pode ver.

João estava em silêncio. Askhetar olhou para ele e apenas disse. Volte agora.

João acordou no corpo de repente, estava ofegante e assustado. Eis que arregalou seus olhos, estava lembrando de tudo o que aconteceu. Mas não sabia se era um sonho ou havia acontecido de verdade.

Teve calma. Apenas levantou-se e iniciou seus afazeres. Não quis pensar a respeito, mas notou uma diferença. A dúvida já não era tão mais forte.

Seu pai disse que voltariam a mesma cidade do dia anterior e que poderiam fechar acordos de trabalhos. Partiram, então, a caminhar.

Durante o caminho, João sempre se distanciava do restante do grupo, pois preferia observar a paisagem a conversar sobre qualquer outro assunto. Lúcio olhou para ele, mas não quis interromper sua introspecção, pois João parecia feliz e satisfeito.

A caminhada foi tranquila e logo chegaram à cidade. Porém, havia um tumulto se formando exatamente naquele momento. João, seu pai e seus irmãos correram para ver de que se tratava e João teve uma surpresa. A mesma visão que tivera daquele senhor estava acontecendo. Ele estava caído no chão, morto. Acabara de ter um ataque cardíaco fulminante e não teve chances.

João se assustou, mas não se surpreendeu tanto, pois se lembrava do sonho e agora, tudo começava a se encaixar, embora ele não quisesse contar mais

nada sobre isso a ninguém, com medo de represálias violentas, como era o costume da época.

João se afastou do tumulto, sentou-se em uma sombra, recostou-se em uma parede e pôde ver a chegada de anjos socorristas. Eram dois amigos espirituais que se acoplaram ao espírito ainda em dormência daquele senhor e o levaram para o alto, até desaparecerem das vistas de João.

Ele acompanhou, sem se afetar e com calma, toda a movimentação. João reagia com naturalidade e, pela primeira vez, tinha uma visão e reagia com tranquilidade e segurança. Askhetar surgiu sorrindo e disse:

- João, meu amigo, podemos conversar?

Igualmente sorrindo, João respondeu:

- Sim, amigo, agora tenho certeza de quem és.

- E quem sou?

- Um verdadeiro enviado dos céus. Um anjo de Deus.

- E para que fui enviado?

- Para me ajudar em algo. Abrir aquele livro. Ainda não sei o que terei de fazer depois de abri-lo, mas sei que irá me ajudar nisso também.

- João, és enviado do Pai. E minha missão é apoiar, ajudar e servir. Juntos, deixaremos um legado ao povo que virá.

- Legado ao povo que virá?

- Sim. Um povo ainda distante. Mas que saberá quem você um dia foi.

- Eu tenho que cumprir minha missão hoje para ajudar um povo distante?

- Não somente isto. Serão vários povos, próximos e distantes, vários homens, mulheres e crianças, várias criaturas de Deus. Suas visões poderão salvar vidas e mudar destinos, poderão inspirar homens de bem a tomar decisões voltadas à paz e à justiça.

João olhou para o chão, como se intimidando com seu papel. Porém, Askhetar continuou:

- Não reaja assim, João. Seja bravo, pois assim és. Valente e destemido. És um profeta, João. E veio ao mundo para ajudar as pessoas.

- Não sou profeta. Sou apenas alguém que vê coisas, mas não é bruxo.

- Entenda como quiser. Mas não perca a fé em Deus.

- Jamais a perderei.
- Eu sei.
- E agora? Que fazemos?
- Mantenha a fé e aguarde.

Assim, Askhetar sumiu como surgiu. E João continuou sentado.

Após a constatação do desencarne, o corpo foi levado por parentes para outro local e o pai de João foi se encontrar com o comerciante e dono de terras com quem estava negociando.

Ao chegar, se anunciou:

- Modesto – chamou o negociante pelo nome ao entrar na casa – tem alguém em casa?

O Sr. Modesto atendeu ao chamado, sua voz procedia do interior da casa:

- Júbilus, já o atenderei. Aguarde, por favor.

O pai de João, Júbilus, ficou em pé no cômodo aguardando a chegada do comerciante, que não se demorou e o saudou:

- Júbilus, que bom revê-lo! Venha, por favor, façamos uma pequena caminhada enquanto conversamos.

- Eu prefiro que conversemos mesmo aqui, Sr. Modesto.

O comerciante olhou desconfiado para Júbilus, mas não discordou.

- Aqui então será. Deseja uma caneca de vinho?

- Por favor, Sr. Modesto.

Enquanto servia o vinho, o comerciante foi direto aos negócios:

- Então, Júbilus, aceitou minha proposta?

O pai de João estava sem jeito, mas respondeu:

- É muito boa, mas para aceitar, preciso mudar alguma exigência do senhor.

Modesto sorriu ao entregar a caneca de vinho a Júbilus e perguntou:

- Não está falando da menina, está?

Júbilus abaixou os olhos e respondeu com voz fraca:

- Sim, Sr. Modesto, estou.

O comerciante respondeu em tom alto e irritadiço:

- Mas como? Não é possível, Júbilus, que façamos negócios sem essa exigência! Se for assim, é melhor que saia agora mesmo daqui com o resto de seus filhos! E pode levar essa caneca de vinho como lembrança!

Júbilus apertou a caneca com força, levantou seu olhar e respondeu timidamente e engasgando a voz:

- Não, Sr. Modesto, não é isso... Apenas tenho esperança de fazer alguns ajustes nessa exigência e...

O comerciante interrompeu Júbilus e prosseguiu com a mesma impaciência e tom de voz:

- Júbilus, não há ajuste! Não tem acordo sem essa menina!

Júbilus colocou a caneca em cima da mesa e tentou dizer algo, mas ao ver a reação do pai de João, Sr. Modesto se aproximou de forma intimidadora e disse em tom baixo, porém firme:

- Você pode voltar pra sua roça e ficar o resto de seus dias comendo lavagem de porco com seus

filhos ou fazer acordo comigo e ter uma vida melhor, boa comida, boa casa protegida do frio, boas vestes, pra você e pra toda sua família. Você escolhe, Júbilus, e escolhe agora. Porque se sair por aquela porta, pode esquecer tudo e passar sua vida toda no chiqueiro onde você vive.

Júbilus não conseguia responder, mas pensou no bem estar da família e respondeu com voz trêmula:

- Eu aceito, Sr. Modesto. Vamos fechar negócio.

Modesto riu alto e abraçou Júbilus dizendo:

- Boa escolha, Júbilus! Não se arrependerá!

Os dois brindaram com as canecas de vinho e continuaram a conversa. Neste mesmo momento, João, que permanecia sentado no mesmo lugar de antes, teve uma visão de sua irmã de treze anos saindo de casa e andando sozinha pela estrada de barro. Foi somente isso que viu, foi rápido e ele não entendeu do que se tratava. Ficou curioso, mas como não sabia como chamar Askhetar para esclarecer, preferiu esperar a próxima vez que ele aparecesse para perguntar sobre o que se tratava aquela visão.

## Capítulo 4

Após um longo tempo acertando todos os detalhes com Sr. Modesto, Júbilus saiu da casa do comerciante e procurou seus filhos para contar as novidades. Depois que todos estavam reunidos, o patriarca iniciou o discurso:

- A partir de amanhã iremos trabalhar nas terras do Sr. Modesto e iremos receber o dobro do que ganhamos pelo nosso dia de trabalho até hoje!

Todos sorriram contentes e Lúcio quis se certificar:

- Então, pai, a quantia de moedas que recebemos pelo dia de trabalho vai ser paga pelo Sr. Modesto para trabalharmos para ele?

- Isso! E ele ainda vai nos dar um pedaço de terra para fazermos nossas próprias plantações e começarmos nosso próprio comércio!

João coçou a cabeça. Estava destoando da alegria dos demais. Não estava gostando da conversa. Resolveu falar:

- Pai querido, por que o Sr. Modesto vai fazer tudo isso? Temos carinho com a terra, sabemos trabalhar. Mas ninguém que eu conheça ganha o que vamos ganhar trabalhando nas terras e ainda

vamos receber um pedaço de chão? Acho que tem coisa errada nisso.

Júbilus franziu a testa e respondeu a João:

- Não há nada de errado, João!

Lúcio e os outros irmãos apoiaram o pai e João calou-se.

- Agora vamos embora pra casa, que temos o que aprontar para amanhã.

Após ser categórico, Júbilus começou a caminhar de volta para casa com seus filhos. Mas apesar de estar confiante externamente, por dentro estava deprimido por acabara de dar sua única filha para o Sr. Modesto. O trato foi que Modesto acabaria de criar a menina, e quando tivesse idade, a desposaria. Isso seria feito sem alarde. Apenas Júbilus iria levar a menina até Modesto e este prometeria uma melhor educação, e até mesmo alfabetização à menina. Com isso, Júbilus cederia sua filha com a justificativa de que ela teria uma vida melhor.

Júbilus sabia inconscientemente que o que estava fazendo era errado, mas priorizou o dinheiro ao invés da família.

No caminho de volta, como sempre, João estava separado do grupo e teve outra visão enquanto

caminhava. Ele viu sua irmã desaparecendo em meio à fumaça, e depois que a fumaça se desfez, ela havia desaparecido. Na sequência da visão, Askhetar apareceu. Mas ficou em silêncio. João se pronunciou:

- Vai ficar quieto? Está aí para não dizer nada? Não acredito. Já está engraçado? Não acredito.

Askhetar sorriu da piada de João, mas continuou sem dizer nada. João então disse:

- O que vai acontecer com minha irmã?

- O que você viu?

- Ela indo embora e sumindo na fumaça.

- Então é isso.

- Mas o que isso significa?

- O que acha?

- Não sei. Esperava que você me explicasse.

- João, não basta apenas ver, é preciso saber o que significa.

- Não sei.

- Não sei? É só isso? Não vai tentar?

- Não sei se quero.

- João, você pode não querer, mas para ser profeta e cumprir o que lhe cabe, precisa aprender a entender o que vê. Nem sempre a visão se explica sozinha.

João ficou em silêncio e pensativo alguns instantes, depois disse:

- Acho que tem relação com os negócios de meu pai com o Sr. Modesto.

- Muito bem, mas isso não estava na visão, estava?

- Não, mas...

- Você deve se concentrar na visão, pois caso contrário está supondo baseado em algo que não viu.

- Mas acertei?

- Não se trata de acertos e erros, trata-se de entender a visão. Não é um jogo, João. Diga-me o que viu.

- Vi que ela estava indo embora sozinha e depois estava em uma fumaça e quando a fumaça sumiu, ela não estava mais lá.

- O que acha que é?

- Não pode me ajudar?

- Já estou. Mas não vou decifrar para você. Pense muito bem no que acabou de falar para mim.

Assim, Askhetar sumiu e João voltou para casa em silêncio e tentando desvendar o mistério das visões.

Enquanto Júbilus se isolou nos fundos da casa, do lado de fora, da mesma maneira, João procurava refúgio e silêncio, tentando pensar sobre o mistério daquelas visões.

João pensava, buscando descobrir algo que fosse chave para desvendar o enigma. Primeiro viu sua irmã andando sozinha, e a impressão que teve quando viu foi de solidão e tristeza. Estava tendente a concluir que se tratava de uma partida, que sua irmã iria embora sem eles, sozinha, portanto. E depois a viu entre fumaça, mas depois sumia.

João estava considerando a fumaça como algo importante, como algo que envolvia a menina para fazê-la desaparecer depois.

- Uma farsa – disse baixinho.

João sorriu e pensou mais um pouco, tentando juntar as duas visões. Concluiu falando com ele próprio:

- Uma farsa para fazer com que ela vá embora, nos deixe e depois ela sumirá. E quem será o responsável é aquele que fará com que ela parta. E tudo será uma farsa.

João deixou de sorrir. Estava preocupado. Sabia, em seu íntimo, que havia relação com os negócios de seu pai com o Sr. Modesto, mas não tinha provas, como Askhetar disse, estava supondo. Mas não podia deixar que nada de mal acontecesse com sua irmã ou que seu pai fosse tão terrivelmente enganado. Precisava de respostas. E pela primeira vez, teve necessidade real de chamar por Askhetar e pedir ajuda. Fechou seus olhos e pediu com fé a presença do amigo. Ficou poucos segundos assim, e quando os abriu, lá estava Askhetar, sorrindo e simpático. Então, o espírito disse:

- Conseguiu entender as visões?

- Tenho o pressentimento que você já sabe a resposta, mas pergunta mesmo assim. – João não quis ser irônico, realmente tinha tal dúvida.

Askhetar não se incomodou com o comentário, pois sabia que João não estava sendo sarcástico. Respondeu com tranquilidade:

- É certo que estava acompanhando você de perto. Mas precisa me dizer, ao contrário, estarei eu supondo.

João coçou a cabeça sem entender muito bem, mas prosseguiu retornando ao mistério das visões:

- É uma farsa que vai ser ou já foi tramada para levar minha irmã embora; e depois, quem a tramou vai fazê-la sumir.

- Não era tão difícil, mas meus parabéns, João.

- Mas estou preocupado. Se isso é verdade, minha irmã vai sumir e o que será isso? Morte?

- Não sei. Somente nosso Pai sabe.

- E por que eu vi? Eu posso mudar o que vi?

- João, certas coisas ainda podem ser mudadas pelos homens, outras não, são desígnios imutáveis de Deus. Mas as que podem ser mudadas, por vezes, são vistas por pessoas sensíveis, profetas, se preferir, que as podem dizer a outras pessoas para evitar o acontecimento. Porém, nem todas as visões podem ser mudadas, apenas é permitido ver para que alguns consigam escapar, de tragédias, por exemplo. Mas o que é visto, não pode ser mudado.

- E neste caso?

- João, não é bem assim que funciona. Nem nós, espíritos do Pai sabemos o que pode ou não ser mudado. Apenas quando tentamos mudar é que sabemos a verdade.

- Então, devo tentar?

- Se desejar, apenas se desejar.

- E como faço?

- Você saberá. O que acha que pode ser?

- Os negócios do meu pai com o Sr. Modesto.

- Já tem certeza?

- Não.

- Talvez devesse começar por aí. É apenas uma sugestão. Faça o que desejar, ou até mesmo, não faça nada. És livre para escolher o que fazer ou não fazer.

- Entendi, obrigado.

Askhetar sumiu e João foi procurar seu pai. Estava realmente muito preocupado com o que poderia acontecer com sua irmã. Não queria que nada de mal acontecesse com ela. Foi até os fundos da casa e Júbilus estava sozinho sentado no chão olhando a escuridão. João percebeu a tristeza no ar

e desacelerou seus passos e buscou suavizar a respiração e conter sua ansiedade. Ao chegar perto, parou e sentou-se ao lado de seu pai. Quis dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Apenas recostou sua cabeça no ombro de seu pai, que o abraçou e começou a chorar baixinho. João se assustou e logo saiu daquela posição para verificar o rosto de Júbilus, que tratou de secar suas poucas lágrimas e perguntou a João:

- O que quer, meu filho?

- Por que você chorou, pai?

- Não chorei, filho. Tenho esse problema nos olhos. O que quer, João?

Ao perceber que o pai não levaria o assunto do choro à frente, João entrou no assunto que desejava:

- Pai, o que o Sr. Modesto vai ganhar com esse acordo que fizeram?

- Como assim, meu filho?

- Ora, ele não tem nenhuma vantagem?

- Nosso trabalho.

- Somente?

Júbilus começou a ficar irritado e não queria mais conversar e foi se levantando para entrar, porém João ao perceber a tentativa de fuga da conversa por parte do pai, foi direto ao assunto:

- O que a irmã tem a ver com isso?

Júbilus, que já estava de costas, parou de andar e ficou alguns instantes naquela posição. Virou-se lentamente e perguntou a João:

- O que você pensa que está dizendo, filho?

O tom intimidador do pai assustou João, que deu alguns passos para trás e disse:

- Nada, pai. Eu só ouvi que...

- Ouviu o que, filho?

Júbilus andava devagar na direção de João, que não conseguia responder. Júbilus continuou:

- Ficou me vigiando e ouvindo minha conversa, foi?

- Não, meu pai... Eu só...

- Eu tenho que lhe dar uma surra, sabe disso não é, João? E depois? O que eu faço com você? Você sabe que merece sumir daqui por que ficou ouvindo a conversa dos homens...

- Não, pai. Eu não ouvi a conversa do senhor com o Sr. Modesto, eu juro, pai. Eu só achei que ele iria querer algo a mais que nosso trabalho e só temos a irmã pra oferecer.

Júbilus parou de andar em direção a João e baixou seus olhos com vergonha. Ficou alguns segundos assim e em seguida olhou para o filho e disse:

- Acha que é fácil cuidar de tanta gente? Acha que eu gostei?

- Mas, pai, se prometeu isso, pode não fazer, ainda é tempo...

- Não! Não posso! Dei minha palavra ao Sr. Modesto. E se não a cumprir, não arrumaremos mais trabalho por aqui.

- Vamos para outro lugar, pai!

- Pare de me aborrecer com isso, João! Está feito! E você vai calar essa sua boca e não vai contar nada a ninguém, ninguém! Entendeu bem, João?

João abaixou a cabeça e apenas respondeu, concordando. Júbilus entrou na casa e João ficou em pé olhando para o chão, até que começou a chorar contidamente no meio da escuridão. E assim João passou a noite. Não entrou para dormir.

Ficou sentado no relento e ninguém sentiu sua falta ou foi o chamar. João pensou muito em tudo que estava acontecendo. Estava convicto de que seu pai havia negociado a irmã. Sentia revolta, repulsa. Sentia que deveria mudar aquelas visões. Não poderia arriscar perder a irmã ou simplesmente fingir que nada sabia, como lhe ordenou o pai.

Um pouco antes do amanhecer, João se decidiu. Levantou-se do chão e andou em direção à casa. Askhetar, que havia passado a noite com João, mas sem ser visto, conhecia suas intenções e apareceu para ele. Mas não em sua frente, ao lado pelo caminho onde passava. Estava em pé, em silêncio, e apenas observando João, que apenas o olhou e também nada disse; apenas diminuiu um pouco seus passos enquanto passava, olhando para Askhetar, que permaneceu em silêncio. Com isso, João olhou para frente e prosseguiu em seu rumo.

Entrou na casa devagar, com cuidado para não acordar a família. Faltava pouco para que todos levantassem. João arrumou uma pequena trouxa com poucas roupas suas e outra com algumas de sua irmã, apanhou alguns pedaços de pão e pegou todas as moedas que havia juntado trabalhando com seu pai, que não eram muitas, pois Júbilus não permitia que os filhos tivessem muitas moedas, mas era uma quantia que permitiria alguma alimentação. Assim, acordou sua irmã com calma e quando ela despertou, ele disse a ela baixinho:

- Venha, irmãzinha, venha. Precisamos ir agora. Depois vou te contar tudo, mas precisa confiar em mim.

- Mas, João, para aonde vamos? E o pai e os irmãos e a mãe?

- Venha agora. Depois te digo, venha, venha...

A menina confiou em João. Levantou-se da cama sem fazer barulho, como ele a orientou. Em silêncio quase absoluto, saíram de casa e, ainda com a noite chegando ao fim, andaram pela estrada que saía do vilarejo.

Enquanto caminhavam apressadamente, a menina perguntou a João:

- Irmão, por que você está fazendo isso? O que aconteceu?

- Precisamos sair daqui agora, depois te conto.

Mas a menina parou no meio do caminho:

- Não, João. Não vou a lugar nenhum enquanto você não me explicar agora o que está acontecendo.

João parou, respirou fundo e disse a ela sem rodeios:

- O pai entregou você ao Sr. Modesto, um comerciante, em troca de trabalho. Eu descobri e não posso deixar isso acontecer.

A menina estava chocada, mas quis entender melhor:

- Me entregou? Como assim me entregou?

João abaixou a cabeça e respondeu:

- Ele te vendeu. Te deu para o comerciante. Se você ficar em casa, o pai vou te entregar para o Sr. Modesto e você vai pertencer a ele. Você escolhe, irmã. Quer ficar?

- Não, João! Não quero ser vendida pelo meu pai! Mas não há um jeito? Você tem certeza disso?

- Eu suspeitei e fui falar com o pai. Ele quase me surrou e mandou eu ficar calado. Irmã, ele não vai mudar de opinião.

A menina começou a chorar, abraçou João e eles voltaram a andar pelo caminho que levava para fora do vilarejo.

Na casa, não demorou muito e Júbilus acordou. O primeiro lugar para onde olhou foi a cama da filha. Ao vê-la vazia, levantou-se apressadamente gritando:

- Onde está a menina? Onde está a menina?

Todos acordaram assustados e também passaram a procurá-la. Júbilus saiu da casa e continuou gritando lá fora, chamando a filha pelo nome. Até que deu falta de João também. Voltou e perguntou a todos:

- Cadê João? Onde está? Alguém o viu?

Todos abaixaram as cabeças e guardaram silêncio. Júbilus esbravejou e cerrou seus punhos na direção do céu. Ordenou aos filhos:

- Venham todos agora! Vamos sair e caçar João e a irmã de vocês!

Todos obedeceram ao pai e saíram da casa para procurar os irmãos. Júbilus estava descontrolado e raivoso, mas orientou os filhos:

- Vamos procurar pelo vilarejo. Eles não devem estar longe.

Separou os filhos em três grupos e iniciaram a busca no vilarejo e nas cercanias. Desprezando o local onde estavam de verdade, no caminho para fora de lá. Porém, Lúcio desconfiou que, se João levou a irmã embora mesmo, não iria querer voltar e enfrentar o pai, então concluiu que só poderia ter ido embora de vez. Então deveria estar na estrada de barro. Despistou seus irmãos e se

embrenhou caminho adentro, correndo para ganhar tempo.

Enquanto Lúcio ia à procura de João e sua irmã, Júbilus e o restante dos filhos se arvoravam sem sucesso. O pai cada vez mais nervoso, praticamente exigia dos filhos que achassem seus irmãos. O descontrole beirava as ações de Júbilus.

Após tanta correria, Lúcio não mais aguentou, estava cansado demais, suas pernas doíam e sentia falta de ar. Parou e se recostou em uma árvore da estrada, ao lado havia um pequeno lago e uma bonita vegetação. Ele estava praticamente desistindo, pois achava que João não estaria tão longe, na verdade, não sabia quando João tinha saído de casa, então não poderia precisar o quão longe estaria. Porém, em seu íntimo, sentia o irmão próximo, mas naquele ponto, já desacreditava da mesma intuição que o fez ir por aquela estrada.

Cansado, sentou-se ofegante e procurou o ar que lhe faltava, mas aos poucos conseguia recuperar a boa respiração. De repente, ouviu uma voz. Era uma voz de homem, clara e audível, mas não havia procedência certa, vinha do ar. A voz dizia:

- Lúcio, se deseja encontrar João, se apresse e continue por essa estrada, pois não tardará a encontrá-lo.

Lúcio ficou em pânico, procurou por todos os cantos e não via ninguém. Mas como era um local de muitas árvores e vegetação, a pessoa poderia estar escondida em qualquer lugar. Ele então gritou:

- Quem está aí? Apareça, covarde! Apareça e me enfrente!

A voz tornou a dizer:

- Não perca tempo comigo. Procure João. Vá agora, se desejar encontrá-lo.

Lúcio estava com medo, mas na dúvida e por intuição, decidiu continuar sua corrida na busca por João. Saiu correndo pela estrada na direção certa. João estava próximo, pois caminhava mais devagar naquele momento.

A menina assustada e fragilizada, perguntou a João:

- Irmão, o que vamos fazer? Para aonde vamos?

- Não sei, irmã. Por enquanto... Temos que fugir do pai.

João abaixou a cabeça em sinal de tristeza. A menina também se entristeceu, porém continuaram a caminhada, cada vez mais devagar.

Após alguns minutos de frenética corrida, Lúcio avistou João e sua irmã bem na frente da estrada. Mas ficou feliz por tê-los encontrado. Gritou por eles, mas ainda não ouviam. Continuou correndo.

A menina parou e perguntou:

- João, ouviu alguém te chamar?

Ele fez expressão de surpresa e respondeu:

- Não, não ouvi.

Mais próximo e exausto, Lúcio tornou a gritar o nome do irmão. A menina disse:

- Agora! De novo! Eu ouvi de novo!

- Eu também ouvi!

Viraram-se e viram Lúcio sinalizando com os braços. Ao perceber que estava sendo visto, Lúcio parou, esquivou seu tronco para baixo e colocou as mãos apoiadas sobre os joelhos, sintoma clássico de cansaço extremo.

Como Lúcio estava sozinho e João gostava dele, Começaram a andar na direção do irmão.

Ao ver que João estava retornando, Lúcio pôde sentar-se e descansar. Na verdade, ele deitou-se no chão por tamanha extenuação. Ofegava bastante e

seu peito subia e descia visivelmente, seus batimentos cardíacos estavam acelerados, mas sua pressão arterial mantinha-se em níveis normais para tal ritmo de exercício físico.

Ao chegar a Lúcio, João primeiro ajoelhou-se e ajudou o irmão a sentar-se. Depois o abraçou de maneira calorosa e forte. Lúcio olhou para a irmã e sorriu, a menina retribuiu o carinho da mesma forma. João perguntou:

- Lúcio, o que faz aqui?

Embora ainda ofegante, Lúcio já conseguia falar com certa tranquilidade, então respondeu ao irmão com outra pergunta:

- João, eu é que desejo saber o que você fez?

João foi firme:

- Estou indo embora com a irmã.

- Por que? O pai está enfurecido e te procurando pelo vilarejo inteiro!

- Posso imaginar. Por isso que não posso perder tempo e devo ir logo embora.

- Não, João. Primeiro me diga o que está acontecendo. Eu mereço saber. Corri até aqui... E

ainda ouvi uma voz dizendo para continuar... Nem sei se enlouqueci.

João riu e disse:

- Não enlouqueceu, não, irmão. Acho que sei do que se trata. E se for mesmo isso, você não só merece como precisa saber da verdade.

- Ótimo! Então me conta primeiro por que está fugindo e depois da voz! Vai logo, João!

João rindo, foi direto ao assunto:

- O pai resolveu vender a irmã para o Sr. Modesto. É por isso que temos tantas vantagens. O pai deu a irmã pra ele.

- Não acredito! Tem certeza?

- Sim. O pai confirmou e me ameaçou de surra se falasse.

- Não acredito! Então... Por isso é que está fugindo?

- Isso. Não posso deixar isso acontecer. Vou embora e Deus que nos ajude.

Lúcio ficou pensativo por alguns instantes e surpreendeu João com o que disse em seguida:

- Eu vou junto!

João riu, pois não acreditava que Lúcio pudesse ter uma reação como aquela ou que tivesse coragem suficiente e disse:

- Você vai junto? – Dizia sorrindo e com leve desdém.

- Sim, vou.

João parou e olhou a expressão decidida de Lúcio. Então parou de rir e perguntou:

- Por que deseja vir conosco?

- Não posso viver mais com um pai que faz isso com um filho. Não consigo mais voltar. Se não me quiser com vocês, eu irei sozinho para qualquer outro lugar.

João pensou alguns segundos, olhou para a irmã, que consentia com o olhar e respondeu:

- Certo. Mas nos apressemos, pois que ele não pode nos alcançar.

Lúcio sorriu e os três irmãos se abraçaram. Estavam agora por conta de si próprios na vida.

## Capítulo 5

Várias semanas se passaram e João e seus irmãos não foram encontrados por seu pai, que teve que prestar contas com o Sr. Modesto, que desfez todo o negócio. Com isso, Júbilus precisou conversar com seu antigo patrão e tentar seu emprego de volta, o que acabou conseguindo. Mas nunca mais viu seus filhos de novo.

João e seus irmãos não demoraram muito e chegaram até uma pequena cidade, onde encontraram uma pequena estalagem, onde acabaram ficando durante essas primeiras semanas, pois João e Lúcio conseguiram trocar a estadia por trabalho. João estava tão tenso com tudo aquilo que acontecia, que não conseguia ter a concentração e tranquilidade suficientes para se comunicar com Askhetar, que os acompanhava de perto.

Até que em uma noite, após um árduo dia de trabalho, João deitou-se na esteira de palha a qual tinha direito, próximo ao estábulo, onde dormia com seus irmãos, e de tão cansado, respirou fundo e se deitou. Seu relaxamento foi tanto naquele momento que Askhetar, que sempre tentava uma aproximação e não conseguia, desta vez ficou visível e João mostrou-se muito feliz em revê-lo. Sorriu, levantou-se e andou para fora do estábulo, nos fundos da estalagem, para poder conversar com tranquilidade com o amigo. Disse sorrindo:

- Quanto tempo!

- Estava com vocês, mas não era possível este contato. Com isso, vejo que está mais calmo devido a tudo que ocorreu e ainda ocorre.

- Sei que a situação não é das melhores...

Askhetar interrompeu:

- Sabemos que pode melhorar. Não sabe, João?

- Acho que sei.

- É preciso saber ao certo. É preciso que entenda os motivos de tudo isto estar acontecendo. Assim. Você irá acabar sabendo que tudo sempre irá melhorar.

- Tudo sempre irá melhorar?

- Sim, esta é uma lei. Pode até demorar, mas tudo sempre melhora.

- É, mas... Não sei o que fazer agora.

- Por que vocês ainda estão aqui, neste lugar?

- Porque não temos outro para ir.

- Vocês acaso procuraram?

- Não.

- Então por que diz isso?

João abaixou a cabeça e Askhetar prosseguiu:

- Entenda, João, que sair de casa foi apenas o início, não é fim. É preciso seguir em frente. Continuem caminhando. Assim como Deus ajudou aqui, continuará ajudando. Mais à frente, nesta estrada, encontrarão notícias boas.

João sorriu e Askhetar sumiu. Ele voltou para sua esteira e avisou Lúcio:

- Amanhã, bem cedo, antes de amanhecer, partiremos.

Lúcio apenas sorriu, consentindo com a decisão do irmão.

Antes mesmo do amanhecer, João levantou-se, acordou Lúcio e juntos acordaram sua irmãzinha. Assim, cumpriram a promessa de partir antes de o sol nascer.

Pegaram a estrada para o sul, como sugeriu Askhetar. Compartilharam o último pedaço de pão que ainda lhes restava. Porém, ninguém reclamou, ao contrário, estavam felizes.

Enquanto caminhavam, Lúcio perguntou a João:

- João, você disse que sabia sobre a voz que ouvi na estrada, mas ainda não me contou. Não vai me contar? Por que não conta agora?

João sorriu e disse:

- Acho que posso contar.

- Por que acha?

- Porque não confirmei minhas suspeitas e...

A voz de Askhetar se fez ouvida, mas apenas por João:

- Pode contar a ele, pois fui eu quem ele ouviu.

João começou a rir. De fato, gargalhava. Mas de alegria. Lúcio se assustou e quis saber do que se tratava:

- O que há, João? Qual o problema?

- Eu ouvi a voz agora. Confirmando tudo!

Lúcio se assustou:

- Agora? Mas não ouvi! Eu não ouvi! Por que só você ouviu?

- Não sei - disse João.

Então, Lúcio perguntou:

- Vai poder me contar ou não?

- Sim. Você se lembra de que te disse um dia que tinha escutado uma voz?

- Lembro! Você disse que a voz dizia que você era um enviado do Pai.

- Isso mesmo! – João dizia empolgado.

- O que é que tem – perguntou Lúcio.

- É a mesma voz que você ouviu.

Lúcio se espantou porque não entendeu:

- Como assim a mesma voz?

- A voz do mesmo espírito.

- Espírito! Então também sou bruxo? – Lúcio parecia apavorado.

João respondeu rindo:

- Não! Não é isso! Ninguém é bruxo! Nem eu nem você! Tenho certeza disso. Mas aquela voz que falou comigo também falou com você.

- E como você tem certeza de que não somos bruxos?

- Tenho certeza, pois que vi o dono desta voz. Na verdade, eu o vejo sempre e tenho certeza, por tudo o que já aconteceu, de que não sou bruxo.

- Espera. Você já viu esse tal de espírito? – Lúcio tentava confirmar a informação.

- Vi, sim.

- Então eu também posso ver?

- Não.

- Não? Não tem certeza?

- Tenho certeza de que não pode.

- Como pode ter certeza?

- Porque ele me disse. Me contou que, da nossa família, dos nossos irmãos, eu sou o único que tem permissão para vê-lo. Mas disse que você poderia ouvir e você o escuta. Mas deve ser só isso.

- Então eu posso escutar, mas não ver esse tal de espírito?

- Isso mesmo.

- E quem é ele?

- Um amigo. O nome dele é Askhetar.

- Como é? Ask, o quê?

- Askhetar.

- E o que ele quer com você?

- Me ajudar.

- Com o quê?

- Lúcio, eu já vi outros espíritos, mas achava que era assombração...

Lúcio interrompeu:

- E não era?

- Não! Assombração é coisa pra te assustar! Espírito que é bom quer te ajudar. É isso que ele está fazendo: Me ajudando a entender o que acontece comigo. E está conseguindo.

Lúcio parou de falar por alguns momentos e disse:

- Olha. João. Eu não entendo direito disso. Mas não quero saber. O importante é você ficar bem e nós, juntos.

João sorriu e respondeu:

- Pode ter certeza de que estamos bem. Ele mesmo me disse para irmos por este caminho, que teremos novidades à frente.

- Ele te disse isso? Te disse para andarmos por aqui?

- Sim. E eu confiei.

- João, espero que saiba o que está fazendo.

- Tenho, sim, Lúcio. – Respondeu o confiante João.

Os três irmãos caminharam sem parar durante horas e ainda não havia sinal da próxima cidade, que eles nem sabiam qual era. Estavam cansados e com fome e sede. Mas João avistou algumas árvores frutíferas e eles foram descansar sob os galhos enquanto se alimentavam de alguns dos frutos. Aproveitaram e guardaram alguns para o restante da viagem.

Enquanto descansavam, ouviram uma voz. Mas não era de Askhetar. Era uma voz feminina, mas não de uma mulher, parecia ser de uma menina, de uma criança. O som vinha do ar. E todos, inclusive a irmãzinha, a podiam ouvir. A voz dizia:

- Sejam bem-aventurados, amados irmãos. Porque a sementeira é severa, mas a colheita será próspera.

Espantados, os irmãos ficaram imóveis. A voz não continuou e não apareceu ninguém. João pensou em Askhetar com bastante fé. Queria saber o que tinha acontecido. Ele apareceu e somente João o viu.

- O que foi isso? – João perguntou.

Os outros dois irmãos se assustaram e olharam para João, que apenas disse a eles:

- Estou vendo Askhetar e perguntando o que houve. Calma que já falo com vocês.

Askhetar respondeu:

- Não sou o único espírito que podem ouvir. Vocês três são os únicos da sua família que podem ouvir os espíritos.

- E quem falou?

- Alguém de bem. Que deseja ajudar também.

- Quem?

- João, meu irmão... Alguém do bem. Pode ficar calmo. Estou com vocês.

Assim, Askhetar sumiu e João esclareceu tudo a seus irmãos.

Lúcio e a irmãzinha ficaram um pouco assustados e preocupados, mas João, com palavras doces e calmas, intuído por Askhetar, conseguiu tranquilizá-los. A pequena menina foi a que mais aceitou e entendeu as explicações, apesar da idade e de somente naquele momento estar tomando conhecimento da história, absorveu bem. Lúcio, que ao contrário, apesar de ter tido experiências mediúnicas como médium audiente sozinho, antes mesmo do episódio onde os três irmãos ouviram um espírito e de já ter conversado com João outras vezes sobre isso, ainda se mostrava muito receoso e tinha medo de ser bruxo e ter de pagar por isso no futuro. Contudo, aceitou a história e eles descansaram sob a árvore algum tempo até que João decidiu que deveriam seguir caminho.

Os irmãos caminharam mais um bom tempo. Estavam cansados e não avistavam nenhuma cidade ou possibilidade de cidade. Porém, João, confiante, não esmorecia, e apesar do cansaço, conduzia os irmãos para o desconhecido como se soubesse seus destinos.

Até que depois de tanta caminhada, avistaram um monte. Os irmãos caminharam e subiram pelo pequeno monte, porém, o que parecia ser apenas mais um grande e exaustivo desafio, revelou-se uma benção, pois que atrás do monte havia um

pequeno vilarejo, que de longe parecia ser muito simpático e familiar. Porém, João não quis prosseguir sem consultar Askhetar. Parou, respirou, se concentrou e pediu que o amigo lhe dissesse algo sobre o vilarejo. Askhetar sussurrou em seus ouvidos:

- João, se deseja que lhe indique caminhos e tome decisões que precisam ser suas, está perdendo seu tempo.

A resposta não agradou João, que respondeu:

- Mas, Askhetar, você não pode ao menos nos dizer se iremos correr perigo?

- João, não temas. Não fui eu quem disse que poderiam seguir até aqui? Achas que eu os conduziria ao abismo?

- Não. Não acho.

João olhou para os irmãos e disse:

- Vamos descer até lá e procurar abrigo e trabalho.

Empolgados, os irmãos seguiram João. Desceram o monte e já podiam ver que algumas pessoas já os observavam, mesmo de longe, mas nada faziam de intimidador ou que pudesse representar perigo.

Ao chegarem ao vilarejo, caminharam calmamente adentrando a pequena vila sob os olhares curiosos das pessoas, porém pacíficos. Até que um homem alto, forte e com aparência digna apareceu, se postou na frente deles e disse:

- Saudações, forasteiros. Somos a pequena aldeia do sul. Trabalhamos com honestidade e respeito. Temos famílias, mulheres e crianças, além de homens e velhos. Temos teto, trabalho, alimento e vestes para o frio, tudo em troca de trabalho sério e duro. E vocês, quem são?

João respondeu:

- Somos irmãos e não temos mais família – olhou para baixo demonstrando dor. Continuou – Viajamos à procura de trabalho e abrigo.

O homem pensou um pouco e respondeu:

- Há um pequeno estábulo ali em frente. Podem passar a noite lá. Daremos um pouco de comida e água. Pela manhã, podemos conversar melhor sobre trabalho.

João sorriu consentindo e o homem os conduziu até o estábulo, onde se arrumaram para descansar e dormir. Mas receberam pão, água e um pouco de queijo. Os irmãos agradeceram e se recostaram nas paredes do estábulo para descansar um pouco. A menina logo adormeceu, de tamanho cansaço.

Porém, João e Lúcio estavam acordados. Lúcio então perguntou:

- João, o que faremos?

João, sorrindo confiante, respondeu:

- Não sei. Vamos apenas aguardar. Eu sei que existe algo para nós... Vamos aguardar.

- Foi seu amigo que disse?

- Eu sei, eu apenas sei.

- Tem visto mais alguma coisa?

- Não. Mas não me preocupo com isso, pois que Askhetar está sempre perto... E por algum motivo, eu confio nele e me sinto protegido. É por isso que sei que tem algo para nós.

- Para você, talvez...

- Para nós, Lúcio. Vocês não estão aqui por acaso. Temos algo para fazer... Juntos.

Lúcio respirou, pensou durante alguns segundos e respondeu com calma:

- Não sei, João, como você pode saber de tudo isso, apenas sabendo... Mas de alguma forma, eu confio no que diz... Se você diz que sabe que existe

algo para nós, eu digo que confio em você apenas porque sei que tenho que confiar... É estranho, mas é verdade.

João sorriu e fechou seus olhos. Os dois irmãos, então, puderam ouvir a voz de Askhetar:

- Meus amigos... Estão bem acomodados?

Antes que João pudesse responder, Lúcio se antecipou, pois ainda não estava acostumado com as comunicações mediúnicas, apesar de ser um excelente médium audiente:

- Novamente eu ouço! Como? Onde está?

João percebendo a tensão no irmão, sorriu amorosamente e disse a ele:

- Calma, Lúcio. Você não pode vê-lo. E ele, de tão bom, não aparece para mim também, porque não quer que eu tenha alguma vantagem quando fala com nós dois. Estou certo? – Perguntou a Askhetar.

O amigo espiritual respondeu:

- Sim, João. Boa percepção. Lúcio, não tenha medo. Eu sou amigo e estou aqui para ajudá-los.

Lúcio, ainda com os olhos arregalados, respirava com ofegância e estava com o corpo

tenso, apoiado nas pernas, pois não estava mais sentado. Perguntou a Askhetar:

- Você consegue me ouvir?

- Sim, meu amigo.

- Eu acho que você é bom. – Disse com voz trêmula.

João sorriu com carinho e Askhetar respondeu:

- Obrigado pela confiança, Lúcio. Agora que vocês já sabem que podem me ouvir e João pode me ver e confiam em mim, direi que poderei falar com os dois juntos ou separados e que ajudarei vocês em suas missões.

Lúcio perguntou:

- Mas você disse que João é um enviado... E eu?

- Vai ajudar João. Porém, sua missão é tão bela e nobre quanto à dele, pois que será responsável por contar aos povos tudo que viverem.

- Mas como?

- Você saberá. Não se preocupe. Você tem o que é necessário. Descansem um pouco.

Assim Askhetar silenciou-se e os irmãos adormeceram.

Antes de o sol nascer, João já estava de pé. Acordou Lúcio e pediu que ficasse ao lado da irmãzinha enquanto ele iria sair e tentar encontrar o homem do dia anterior.

Ao sair, percebeu que muitos já estavam também de pé e já trabalhando, porém, ainda havia alguns mais a aparecer. João caminhou pelo vilarejo tentando conhecer melhor o local. Procurou aquele homem, mas ainda não o tinha encontrado. Sentou-se próximo a uma casa e se recostou enquanto observava a movimentação. E então teve uma visão.

Ele viu o homem do dia anterior em meio a muitas luzes brancas, amarelas e tons claros. Sua expressão era de felicidade e êxtase. Estava de braços abertos e parecia olhar com alegria para João, essa era sua impressão. De repente, um estrondo se ouviu, o homem olhou para o lado, fez expressão de medo e as luzes se apagaram. João despertou da visão.

João ficou intrigado com aquela visão em particular. Não sabia ao certo o que poderia ser, até porque não conhecia o homem de maneira íntima. Mas parecia ser um bom homem.

João decidiu levantar-se e caminhar mais um pouco. Não quis perguntar a Askhetar sobre a visão, pois acreditava que o amigo não iria fornecer a resposta como da vez anterior. João já havia entendido que precisava encontrar, ele próprio, as respostas para as visões.

Enquanto caminhava, ouviu certo coro, ou seja, várias vozes falando a mesma expressão ao mesmo tempo, vindo de certa casa. Aproximou-se e o som aumentou. Mas o tom das vozes parecia amigável e até mesmo agradável. João parou em frente à porta e ouviu a voz do homem, mas desta vez, somente esta voz:

- E que o Senhor Jesus, o Cristo, possa nos preparar o lugar, como nos anunciam nossos amigos que nos trazem estas boas novas.

Assim que terminou de falar, o povo, cerca de quinze a vinte pessoas, ficou em silêncio alguns segundos e depois se levantou no intuito de sair da casa. O homem percebeu a presença de João e disse a ele em tom amistoso:

- Por favor, entre. Não sabia que já estava de pé.

João sorriu e respondeu enquanto entrava na casa:

- Acordamos cedo. Meu irmão também já acordou, mas faz companhia para nossa irmãzinha.

- Vejo que são muito unidos.

- Sim. Foi a união que nos trouxe aqui.

O homem olhou sério para João e perguntou:

- Acredita que o Senhor Jesus, o Cristo é nosso salvador?

João respondeu sem titubear:

- Sim. Nossa mãe nos ensinou assim e eu acredito e respeito.

O homem sorriu e voltou a perguntar:

- E o que lhe trouxe à nossa oração da manhã?

- Estava apenas caminhando, tentando encontrá-lo para dizer que já estávamos de pé procurando trabalho, quando ouvi o som das vozes e me aproximei para saber o que era.

- E gostou?

- Ouvi apenas o final.

- E gostou?

- Sim. Apesar de pouco, qualquer fala do coração é agradável aos ouvidos.

- Deseja participar conosco à noite?

- Sim. Posso trazer meus irmãos?

- Não há menor dúvida.

João sorriu, assim como o homem que prosseguiu dizendo:

- Mas e o trabalho? O que fazem?

- Podemos fazer de tudo e aprendemos rápido. Porém, trabalhamos com a terra e somos bons!

- Trabalho é o que não falta aqui. Venha comigo. Vamos buscar seus irmãos, comer algo e depois trabalhar.

Assim fizeram. A irmãzinha foi aprender trabalhos manuais com as mulheres e João e Lúcio foram trabalhar na terra, no plantio de alimentos para o consumo do povo.

Trabalharam durante todo o dia sem descanso e sem se importar com o calor. Quando o sol se pôs, o homem foi até o encontro dos irmãos e disse:

- Meus amigos, podem vir se aprontar para o descanso, alimentação e oração.

Os irmãos sorriram e agradeceram pela chance de trabalho que estavam recebendo daquela gente.

Após se prontarem e se encontrarem com a irmãzinha, dirigiram-se a casa onde faziam as orações, a mesma que abrigou o grupo pela manhã. Os irmãos chegaram tímidos, ficando em pé próximo à porta e andando devagar. Mas o homem logo os chamou:

- Meus amigos, por favor, entrem! Acomodem-se!

Foi atendido e os irmãos sentaram-se ao chão e permaneceram em silêncio, respeitosamente. Após todos estarem acomodados e em silêncio, o homem iniciou:

- Novamente, Senhor, estamos reunidos para agradecer mais este abençoado dia de trabalho e saúde...

Enquanto o homem falava, João começou a sentir uma espécie de torpor no corpo, começando na parte inferior e subindo lentamente até a região da cabeça. Não disse nada, apenas tentou se ajeitar, por considerar ser um mal estar devido à posição que estava sentado. Continuou ouvindo o discurso de abertura:

- ...Pedimos então, Senhor, perdão por nossos erros e aceitamos nossas culpas, mas desejamos ser fiéis à tua vontade...

Mesmo tendo mudado a posição, o torpor não passava e João o estava sentindo cada vez mais forte e em mais partes do corpo. Sua visão começou a nublar, a cabeça pesou e seus olhos também, ficando semicerrados. Queria chamar a atenção de Lúcio, mas não conseguia mais mover o braço. Ao mesmo tempo em que uma parte sua entrou em pânico, achando que estava morrendo, outra parte estava assumindo e de forma confiante. João ficou assim alguns minutos, até que foi completamente tomado pelo torpor e perdeu sua consciência, porém, não desmaiou.

O impressionante é que para todos que estavam ali, João estava normal, continuando sentado do jeito que estava, sem grandes alterações. Na verdade, João estava incorporado, e isso aconteceu de forma calma e discreta. Era a primeira vez que acontecia.

O homem, que já tinha encerrado a abertura, teve a intuição de chamar João para dizer algumas palavras:

- ...Agradecemos por nossos novos amigos e trabalhadores. Meu amigo – apontou para João – diga algumas palavras de agradecimento.

João, incorporado, levantou-se sem chamar atenção e foi até o local onde estava o homem. O espírito começou a falar com a voz do médium, como se fosse ele:

- É muito bom estar aqui e ser acolhido com tanto carinho e respeito. Agradeço por mim e meus irmãos. Iremos trabalhar com honestidade para pagar todo amor que recebemos. Que nosso Senhor nos abençoe e abençoe este vilarejo e todas essas pessoas.

Após o discurso, voltou para seu lugar e lá permaneceu em silêncio. O homem agradeceu as belas palavras e fez mais algumas orações e chamou outro homem para encerrar. No meio da oração final, João despertou como de um sono. E de forma abrupta. Arregalou seus olhos e teve a nítida impressão de ter pego no sono durante a reunião. Acompanhou a parte final da oração de forma atenta e em silêncio. Ao término, confidenciou a Lúcio:

- Eu dormi.

Espantado, Lúcio respondeu:

- Não percebi. Para mim você estava bem acordado.

- Como não percebeu? Parece que dormi o tempo todo!

- Depois do que disse, você quer dizer.

Foi a vez de João se espantar:

- Do que eu disse? Como?

- Como assim, João? Ele te convidou, você foi até lá e disse palavras lindas agradecendo por estarmos aqui.

João não acreditou:

- Você está falando a verdade, Lúcio? Pois se estiver... Não me lembro disso!

Lúcio sorriu e disse:

- Mais uma brincadeira sua, João.

Antes que João pudesse responder, o homem chegou e disse aos dois:

- Muito bom vocês terem participado... E, João, belas palavras.

Em choque, João achou melhor agradecer e não dizer mais nada sobre o “sono”:

- Obrigado.

O homem continuou:

- Amanhã, pela manhã, teremos as orações para começo dos trabalhos. Podem vir, se desejarem. Fazemos as orações todos os dias, de manhã e de noite.

Lúcio agradeceu e disse que estariam de manhã também. O homem então os convidou para irem até sua casa:

- Vocês precisam se alimentar, vamos até minha casa, temos bastante comida e bebida!

Lúcio sorriu e respondeu por todos que iriam. Acompanharam o homem. Enquanto Lúcio e ele conversavam animadamente, João permanecia em semichoque e em silêncio.

Chegaram a casa, acomodaram-se e João permanecia mudo. O homem pediu que ficassem à vontade enquanto ele e sua esposa arrumavam tudo. Foi então que João voltou a falar com Lúcio do episódio:

- Lúcio, eu não me lembro de ter dito nada, apenas dormi.

João estava sério. Lúcio, a princípio, julgou que João estava brincando, mas observando sua expressão, pensou melhor e respondeu:

- Como, então, João, isso aconteceu? Que milagre é esse?

- Não sei...

- Já perguntou a Askhetar?

- Não. Pode ser uma excelente opção.

- Vai fazê-lo agora?

- Acho que agora não vai dar... Quando sairmos daqui.

O homem voltou e todos se puseram a comer e conversar. Depois de um tempo mais ou menos longo, e da esposa ter se retirado do cômodo, o homem fez um sinal com a cabeça e o olhar para sua esposa retirar a pequena irmã também. Assim foi feito e ele disse aos dois irmãos:

- Sabem vocês que sou de uma linhagem, digamos, religiosamente nobre.

Ao terminar de falar, ficou em silêncio apenas olhando para os irmãos, que nada disseram. Ele, então, continuou:

- Não tenho pretensões de ser anjo, mago, bruxo... Isso é tudo uma farsa. Pois que a verdade está em Deus, todo o mais não passa de uma encenação, disfarce da vida. Não precisamos disso, precisamos de Deus, através de Jesus. Ele é o nosso caminho. Concordam?

Lúcio e João acenaram que sim com a cabeça. O homem prosseguiu:

- Não quero dizer isso para me gabar de quem sou ou de minha família ou linhagem. Mas sei que vocês vieram para fazer mais e prosseguir com o que tento fazer.

João ficou curioso e perguntou:

- Fazer mais? Não entendo...

O homem continuou:

- Eu sei, pois vejo, sinto, que vocês tem algo a mais que a maioria das pessoas. Vocês não vieram até aqui por acaso.

Lúcio perguntou decidido:

- O que temos a mais, pode nos dizer?

O homem respondeu sem titubear:

- Hoje, por exemplo, durante a oração, não era João quem estava falando, era um espírito amigo que sempre está conosco, mas que hoje estava com João.

Os dois irmãos ficaram mudos e pasmos. João não conseguia sequer se mexer. Lúcio sentiu seu corpo gelar. O homem apenas sorriu. João conseguiu esboçar uma pergunta:

- Mas, como... Como sabe que... Eu não...

O homem percebendo a dificuldade de João para falar, o interrompeu e explicou:

- Tenho o mesmo dom que você, João. Também vejo e ouço espíritos. Vi o irmão que acompanha vocês, vi o que aconteceu hoje e sei que são de paz e do bem. E sei também, João, que você tem muito mais força e capacidade para isso que eu. Por isso, eu sei que você e seus irmãos vieram para continuar de onde eu parar.

João continuava sem conseguir falar, porém, Lúcio, que estava um pouco refeito, perguntou:

- Mas, continuar o quê?

O homem respirou e disse:

- Levando a boa nova. Contando para os povos sobre Jesus, lendo os escritos das pessoas que viveram com ele para as pessoas que vieram depois dele.

João interrompeu:

- Escritos?

- Sim. Há muitos comigo e outros tantos espalhados por muitos lugares.

- Mas quem os escreveu?

- Aqueles que viveram na época de Jesus. Perto dele ou perto de quem viveu com ele.

João continuou perguntando:

- O que você faz é ler para as pessoas?

O homem respondeu:

- Ler também. Mas conto histórias que não estão escritas, histórias que os espíritos me contam e eu digo para as pessoas. Mas estou sentindo cansaço e sinto que algo não está tão bem quanto antes...

João se lembrou de sua visão. Mas permaneceu calado. O homem continuou:

- Já sentia isso antes da chegada de vocês. Mas quando os vi, tive certeza de que meu trabalho teria continuidade com vocês. Eu posso lhes mostrar tudo.

Lúcio perguntou:

- Mas o que acha que irá acontecer com você?

O homem abaixou a cabeça e respondeu em tom triste:

- Não sei... Não sei.

Lúcio e João se olharam e nada disseram. João, então disse ao homem:

- Tudo isso é muito novo. Podemos continuar esta conversa amanhã?

- Sim. Amanhã conversamos, então.

Despediram-se e Lúcio e João, junto com a irmãzinha, voltaram para o estábulo. Tinham muito o que conversar.

No caminho de volta, não trocaram uma única palavra. Cada um com seus pensamentos e ponderações. Assim, ao chegarem ao estábulo, acomodaram a irmãzinha e permaneceram em silêncio. Somente após ela ter adormecido, e mesmo assim, depois de alguns mudos minutos, João perguntou a Lúcio:

- Devemos conversar com Askhetar?

Lúcio fez expressão de ponderação e respondeu consentindo:

- Creio que sim, meu irmão.

João, então, fechou seus olhos e logo em seguida ouviu a voz de Askhetar:

- Não vou ser visível a ti, João. Assim, Lúcio sente-se mais incluído.

Lúcio sorriu e disse:

- Obrigado, Askhetar.

João esperou que Askhetar dissesse algo, mas como isso não aconteceu, ele mesmo iniciou a conversa:

- O homem que nos abriga, e que nos deu emprego e comida, quer nos dar um trabalho que faz, falando de Jesus, nosso Senhor.

Askhetar respondeu:

- Muito bom.

João não gostou muito da resposta:

- Muito bom? Apenas isso? Estamos com algum medo e...

Askhetar interrompeu:

- Desculpe-me, João, por interrompê-lo, mas não vejo motivo para medo. Por acaso não se lembra que disse que encontrariam algo mais à frente? E se pensarem bem, perceberão que são três irmãos unidos pela dor e pelo amor, ao mesmo tempo, e que podem entrar em contato com mortos ou espíritos, independente da região do mundo. Isso poderia ser obra de acaso? Poderia, João?

João voltou a falar:

- Sim, Askhetar, entendo, mas acontece que...

Novamente, Askhetar interrompeu João:

- Peço desculpas novamente, mas, João, não espere que eu diga a vocês o que fazer. Estou aqui para apoiar, não para ditar caminhos e decisões.

Askhetar, então se calou. Lúcio olhou para baixo e depois para João, que permaneceu em silêncio algum tempo e depois disse a Askhetar:

- Sim, amigo. Entendo isso – olhou para Lúcio e prosseguiu – entendemos isso, mas mesmo assim, temos medo. Não o conhecemos e ele disse que lê; nós não sabemos ler.

Askhetar respondeu com tom fraterno:

- João, não se importe com isso. Se for necessário e houver interesse de vocês, isso acontecerá com naturalidade. Confiem em seus corações. O que dizem?

Lúcio não hesitou e foi o primeiro a responder:

- Diz que será algo bom de se fazer.

Askhetar sorriu e perguntou a João:

- E você, João, o que diz seu coração?

João respondeu sorrindo:

- Que será bom e importante... Para nós, para o povo e para... Não sei... Mas considero que bom para muitos.

Askhetar sorriu e disse:

- Confiam. Estou com vocês. Acompanho de perto a tudo. Se correrem perigo, estarei próximo e, se for possível, se Deus permitir, poderei ajudá-los. Tenham fé em Deus, nosso Pai.

Assim a voz de Askhetar não foi mais ouvida aquela noite. Apenas a voz dos irmãos agradecendo ao mesmo tempo:

- Obrigado.

Assim, se recostaram e adormeceram sem trocar uma única palavra. Pois sabiam a opinião um do outro.

## Capítulo 6

A noite de sono foi tranquila e, antes do sol nascer, João e Lúcio já estavam acordados e prontos para a oração matinal. Chamaram a irmãzinha com carinho e a levaram com eles.

Após a oração e antes de ir para o trabalho, Lúcia, a irmãzinha, se despediu dos irmãos e foi para seus trabalhos manuais com as mulheres do vilarejo. João e Lúcio foram procurar o homem para conversar sobre o assunto da noite anterior. João o tocou no ombro, pois estava de costas e disse:

- Podemos conversar sobre o assunto de ontem, antes do trabalho?

O homem respondeu sorridente:

- Sim, meus amigos.

Ele então os encaminhou de volta à cabana onde faziam as orações, pois já estava vazia. Após sentarem-se, João foi direto ao ponto:

- Pensamos bem... E desejamos aprender o que faz com esses escritos... Queremos segui-lo e fazer o que o senhor. acredita que podemos.

O homem sorriu novamente e perguntou a Lúcio:

- Também acha isso?

Lúcio respondeu de forma positiva, mas sem falar, apenas sorrindo. Então, o homem falou:

- Daqui a três dias vou sair e visitar alguns vilarejos distantes, levando estas boas novas. Será uma viagem longa, que poderá durar muito, muito tempo. Talvez, mais de uma primavera...

João se assustou e o interrompeu:

- Mais de uma! Tanto tempo assim?

O homem sorriu e respondeu:

- Sim, João. Pois que, desta vez, levarei a boa nova a lugares que sabemos que ainda não a conhecem. – Fez uma pausa e prosseguiu – Sei que me resta pouco tempo... Não me pergunte como sei, apenas sei... Por isso, quero me dedicar a levar a boa nova a quem puder e passar para meus sucessores enquanto faço esta última viagem.

Desta vez foi Lúcio quem disse algo:

- Mas, por favor, não diga que está será sua última viagem... O senhor nos parece cheio de vida e força!

O homem olhou para baixo e respondeu melancólico:

- Eu sei disso... Como disse, não me pergunte como sei... Pois apenas sei...

João, sentindo o clima triste, tentando reverter o quadro, mudou o foco da conversa. Então, voltou-se para Lúcio e perguntou:

- Lúcio, então... Como faremos? Julgamos que seria de outra maneira....

Mas Lúcio foi assertivo:

- Não, João. Decidimos fazer, e não como fazer.

João continuou indagando:

- E a irmã? O que faremos com a irmã?

O homem respondeu:

- Podem levá-la, se desejarem.

João respondeu feliz:

- Será melhor!

Lúcio consentiu e permaneceram conversando sobre a viagem, planejando rotas, lugares, roupas, alimentos e transporte. Os irmãos pareciam animados, da mesma forma que o homem também estava. Muito iria mudar na vida daqueles filhos de lavrador. Estavam por entrar em uma fase decisiva

de suas vidas. E, de alguma forma, tinham certeza disso. Até mesmo Lúcia, que pressentiu que algo iria mudar enquanto trabalhava naquele dia. Ficou em silêncio e esperou que os irmãos se pronunciassem a respeito.

João e Lúcio conversaram com Lúcia, que aceitou bem a ideia da viagem. Ela apenas disse:

- O que mais pode acontecer de pior? Já saímos de casa, estamos longe de nossa família. Já estamos viajando, ir para mais longe ou mais perto, não faz diferença para mim.

Ela sorriu e assim também fizeram os irmãos. Na manhã seguinte, após as orações matinais, o homem havia combinado com eles que não iriam trabalhar no campo, mas que ao invés disso, ele os mostraria alguns escritos e falaria um pouco mais detalhadamente sobre o trabalho que faz e pretende ensinar a eles.

Portanto, ao acordarem, foram à oração e depois Lúcia foi para seus trabalhos manuais e João e Lúcio acompanharam o homem até sua casa para que conversassem melhor.

Ao chegarem, João mostrou sua ansiedade a respeito:

- Como devem ser esses escritos, Lúcio?

Mas seu irmão mostrou-se mais tranquilo:

- Não tema, João. Lúcia está certa. O que mais pode acontecer de pior?

O homem surgiu com vários rolos de papiro nas mãos, sentou-se na esteira ao chão, assim como os irmãos e os colocou também na esteira. Disse a eles:

- Estes são todos que tenho. Temos dezessete histórias sobre a vida de Jesus, o que disse, o que fez.

João perguntou:

- E quem contou?

Lúcio se antecipou e respondeu:

- Ele já não nos disse? Pessoas que viveram com ele.

O homem consentiu e acrescentou:

- Sim, pessoas que viveram com ele, perto dele, os mais próximos ou não tão próximos.

João ficou curioso:

- Eles mesmos que escreveram?

- Alguns sim, outros foram ditados a quem poderia escrever. Outros foram passados para gerações futuras e estes os escreveram.

Lúcio perguntou:

- Há mais espalhados?

- Sim. Há notícias de que há muito mais pelo mundo. Espero que caiam em mãos certas e que façam por eles o que estamos fazendo aqui.

O homem fez uma pausa e disse escolhendo um dos dezessete:

- Vejam este aqui – desenrolou o papiro – está escrito A vida de Jesus e foi escrito por Julius, como está escrito mais embaixo.

Lúcio mostrou surpresa:

- Julius? Não conheço este Julius.

O homem explicou:

- Há muitos que não conhecemos, mas que viveram com Jesus e viram de perto muito do que apenas conhecemos por histórias. Mas também há alguns nomes conhecidos: Matheus, Pedro e Magdala.

- Esses são os nomes conhecidos? – perguntou João.

- Sim. Estes são todos os nomes mais conhecidos que temos nos escritos.

Lúcio indagou:

- Os outros são todos desconhecidos?

O homem sorriu e respondeu:

- Desconhecidos de nós, mas nobres para o Senhor.

Olhando e apontando para o papiro que estava na mão do homem, João perguntou:

- E o que está escrito neste? Pode nos ler um pouco?

- Sim – disse o homem aprontando-se para ler.

João, antes que iniciasse, fez outra pergunta:

- Não sabemos ler. Isso pode ser um problema?

O homem sorriu de forma fraterna e disse:

- Para se amar Deus e fazer o bem não existem exigências.

João sorriu e o homem leu um pequeno trecho:

- *“E ele desceu do barco e chamou Pedro, que antes era Simão e lhe disse que seria ele quem poderia ser a rocha de sua edificação. Pedro respondeu-lhe que não se sentia pronto e ele, com simplicidade, lhe disse: É verdade, Pedro, mas tu o sabes que chegará o dia em que estarás pronto e depois de me negar, experimentará o sol da alegria e o calor da abundância do Espírito.”*

João e Lúcio estavam boquiabertos com a leitura do texto. O homem lhes disse:

- Entendem como isso é importante? Importante e sagrado? São as palavras de Jesus de Nazaré, o homem que mudou nossas vidas e lutou por nós e nos salvou com sua própria vida. Não entendem como isso é valioso? Este papiro em mãos gananciosas e perversas pode esconder Jesus das gerações futuras. Isso não pode se perder. Entendem meu esforço, meu trabalho? Meu desejo é que todos saibam, conheçam as palavras deste homem, Jesus de Nazaré.

João estava com seus olhos marejados, assim como Lúcio, que disse:

- É um trabalho muito bonito.

João acrescentou:

- E nos sentimos honrados por nos convidar para participar dele. Agradecemos.

O homem, de forma amorosa, respondeu:

- Se alguém precisa agradecer, sou eu. Por Deus tê-los enviado até mim para que este trabalho não acabe quando me for. Ele ouviu minhas preces. Eu pedi que fossem enviados homens que pudessem levar adiante o que comecei, e Ele me atendeu.

João perguntou:

- Então, você já sabia que teria que partir há mais tempo?

De cabeça baixa e voz triste, o homem respondeu:

- Sim, eu tenho essa desconfiança há algum tempo. Mas não precisamos falar sobre isso. Falemos sobre os escritos. O que acharam?

- Como disse, muito valioso – respondeu Lúcio.

- Este trabalho não irá terminar quando você partir – foram as palavras de João.

Assim, os três ficaram boa parte do dia lendo e conversando sobre os escritos e como iriam fazer nesta longa viagem. João e Lúcio estavam animados e ansiosos. O homem apenas pedia a

Deus que conseguisse ensinar tudo a eles antes de sua partida, que considerava próxima. Após planejarem tudo mais uma vez, para certificarem-se das rotas e locais aos quais desejavam ir foram caminhar pelo vilarejo enquanto conversavam. João quis saber sobre a procedência dos escritos:

- Como tudo isto está contigo? Como vieram parar em suas mãos?

Com tranquilidade, o homem respondeu:

- Um dia, um viajante, muito velho e adoentado, pediu abrigo durante alguns dias. Nós o acolhemos e quando estava em seus últimos momentos, mostrou-me os escritos e pediu que eu os guardasse em segurança. Logo em seguida, o pobre morreu.

Lúcio questionou:

- Não sabiam quem era e de onde vinha?

- Não. Por seu estado debilitado, não perguntamos. Não sabemos seu nome e cidade. Mas isso pouco importa agora.

João consentiu, mas fez uma ressalva:

- É certo, porém ele não o recomendou que levasse os escritos para os povos. Como isso surgiu?

- Eu os guardei e logo em seguida, alguns dias depois, um anjo falou comigo e pediu que assim eu fizesse. Então, nunca mais fiz outra coisa diferente.

João ficou curioso:

- Um anjo?

- Sim. Um anjo do Senhor, que trouxe benção e prosperidade.

Lúcio perguntou:

- Foi esse mesmo anjo quem disse que iria partir?

O homem sorriu e respondeu:

- Não, não... Isso... eu apenas sei...

Assim, eles ficaram conversando até o momento da oração da tarde. E depois que a fizeram, recolheram-se. Partiriam no dia seguinte, logo após as orações da manhã. Tudo estava pronto. Não havia motivo para demoras.

Os irmãos foram se deitar, pois queriam dormir cedo, porém João levantou-se e foi ao lado de fora olhar para o céu, como costumava fazer. Enquanto admirava as estrelas e o luar, Askhetar apareceu e disse:

- João, está se sentindo bem com esta viagem?

- Sim. Não vejo um motivo para não estar...  
Você vê?

- Não.

Depois de alguns segundos em silêncio, João o questionou:

- Por que pergunta?

- Você deve ter certeza de que está fazendo isso pelos motivos certos. Pois que entrará em uma importante fase e deve estar seguro de suas atividades.

- Que fase é essa?

- Você saberá. O importante é saber, agora, que está partindo pelos motivos certos?

- E quais são esses motivos?

- Quais são os motivos que o levam a partir?

João pensou em pouco e respondeu:

- Não temos casa, saímos de uma família arruinada... Não temos muito... Não temos nada, somente um ao outro... Pareceu-nos um caminho a seguir e ele mostrou saber o que se passa comigo.

- Sim, mas aqui vocês têm abrigo, trabalho, comida...

- Mas se não formos, teremos ainda?

- Esses são seus motivos?

- Talvez sejam...

- E os escritos? E sua visão com ele?

João ficou em silêncio apenas olhando para Askhetar, que nada disse também. Até que João voltou a se pronunciar e perguntou:

- Esses são meus motivos?

- Diga-me você, João. São motivos que justifiquem essa viagem?

- São motivos bons... Não são?

- São, não há dúvida... Mas o que eu acho não é importante, João. O que você pensa é importante, pois é você quem vai... Eu apenas vou acompanhar de perto... Mas você e seus irmãos são quem irão. É importante saber, desde a partida, que fazem isso pelos motivos certos.

Assim, Askhetar se despediu e João ficou mais alguns minutos olhando o céu e pensando, antes de se recolher para dormir.

Pela manhã, os irmãos acordaram mais cedo que de costume e organizaram todos os seus poucos pertences para a viagem. Saíram do estábulo rumo ao local das orações e lá encontraram o homem.

- Sejam abençoados, meus amigos! – O homem os saudou.

João respondeu:

- Seja abençoado, homem de Deus!

Assim o homem lhes explicou:

- Faremos nossas orações, como sempre, depois receberemos uma benção através de orações para proteger nossa viagem e nos proteger também. Então nos alimentaremos e levaremos algum alimento para a viagem, depois nos despedimos de todos e partimos.

João e Lúcio apenas consentiram com a cabeça de forma sorridente, estavam felizes.

Logo iniciou-se a oração e no final, como antecipou o homem, houve uma oração voltada apenas para a segurança e sucesso da viagem. Todos acompanharam com respeito. Assim, ao término de todas as orações, o homem os convidou para sua casa, a fim de se alimentarem. Quando lá estavam, a mulher do homem os acompanhou, o

que não era de costume, mas devido à partida do esposo, isso foi possível.

João e Lúcio puderam então perceber a forma como ela o olhava, com admiração, com respeito e com extremo carinho. Algo que beirava a preocupação, mas havia também no olhar e nos gestos e palavras, uma confiança, uma resignação de saber que algum momento havia chegado e nada poderia mais ser feito. Havia confiança no homem, mas havia também confiança em Deus que o designou para esta missão. Era uma mulher temente. Lúcio perguntou ao homem, tentando desviar a atenção do clima de despedida que se instalava:

- Após nossa partida, quem será o encarregado pelos trabalhos aqui? Quem será o encarregado deste vilarejo, de organizar e prover o sustento necessário ao povo daqui?

O homem sorriu com tranquilidade, olhou para a esposa com muito carinho e disse olhando nos olhos dela:

- Será Laura.

João perguntou:

- Desculpe... Quem?

O homem olhou para João e respondeu calmamente:

- Laura.

- Mas quem é Laura? – Lúcio perguntou.

O homem olhou para a esposa e disse:

- Laura é minha mulher. Um anjo que Deus pôs em minha vida.

João e Lúcio, impregnados pelo preconceito e costumes da época, estavam um pouco assustados com a notícia. Lúcio, constrangido, perguntou:

- Perdoe-me, mas Laura é...

O homem iria responder interrompendo Lúcio, mas Laura o tocou no ombro pedindo para falar. Ele então se calou e ela respondeu:

- Sou mulher? Sim, sou mulher. Mas posso ser o encarregado do vilarejo e tenho a confiança do povo. Já fiz outras vezes e posso fazer novamente.

Lúcio se desculpou caso tenha sido rude, mas Laura e seu esposo apenas sorriram e disseram que não havia motivo para desculpas, pois que não haviam se chateado, que inclusive esse tipo de pergunta era normal e já estavam acostumados a respondê-la.

João sorriu e todos sorriram. Lúcia olhou para Laura com admiração e respeito. Estavam prontos para partir. Pegaram o máximo de alimento que conseguiam carregar e saíram para se despedir do povo.

Muitos já estavam do lado de fora da casa os aguardando, outros foram chegando aos poucos. Assim, o homem foi abraçando um a um, com carinho. Lúcio, João e Lúcia apenas se puseram em um canto aguardando o fim das despedidas.

Após se despedir de todos, o homem chamou os irmãos e foram caminhando em direção à saída do vilarejo. Laura foi junto, iria levá-los até lá.

A despedida dos esposos foi comovente. Lágrimas rolaram dos rostos de todos. Laura também tinha uma certeza íntima de que aquela seria a última viagem do marido. Não disse nada sobre isso, mas pedia a Deus que concedesse a oportunidade de vê-lo mais uma vez, se fosse possível.

Mesmo com muito choro, partiram em caminhada. Lúcia chorava muito, assim como Laura. O homem olhou para trás e viu sua esposa pela última vez. Depois se virou para frente e, forte, prosseguiu com sua missão.

## Capítulo 7

Como desejavam falar para povos distantes, seu primeiro alvo ainda estava longe. Caminhavam há alguns dias e, por seus cálculos, ainda restava mais outros tantos para que atingissem o primeiro povoado. Porém, o clima não era de cansaço ou desânimo, ao contrário, era de alegria e satisfação.

Um dia, quando montaram um pequeno acampamento próximo a árvores, a fim de passarem a noite, João se afastou do grupo no intuito de conversar com Askhetar. Ele se concentrou e logo o amigo espiritual surgiu. João o saudou:

- Seja bem-vindo, amigo!

E Askhetar respondeu:

- Obrigado. É bom também estar novamente contigo nesses momentos. – e acrescentou – Como está se sentindo?

- Um pouco cansado, mas cheio de ânimo.

- Isso é bom.

João ficou em silêncio, assim como Askhetar. Era óbvio que João tinha alguma questão para colocar, um medo, uma dúvida. Mas Askhetar não podia, como seu guia espiritual, presumir o que

João queria, apesar de lhe conhecer os sentimentos. Aguardou que João se posicionasse. Após alguns instantes de silêncio, João tentou entrar no assunto:

- Eu tenho... medo do que possa acontecer.

- Sim, é bom que tenha. Significa respeito pelo desconhecido. Mas, João, diga-me, medo de algo específico?

- Não sei... Algo me aflige e não me agrada.

- Quanto à viagem?

- Não. Estou bem quanto a isto.

- Então?

- Falo de minhas visões.

- Sim. O que têm elas?

- Ainda acho um dom diferente em demasia...

- João, não se abale por se achar diferente. Você tem um dom que Deus lhe concedeu, em misericórdia e amor, para que ajudasse aos homens a encontrar o caminho certo através de Jesus. É algo bom.

- Sei que é algo bom, mas ainda assim... não as entendo corretamente.

- João, você ainda irá aprender muito. Está apenas começando.irá, no futuro, entender melhor o que vê e ainda verá com maior clareza.

João apenas sorriu. Askhetar continuou:

- No momento, é apenas importante que perceba o motivo de estarem nesta viagem, você e seus irmãos. Qual o motivo de estarem fazendo isso? Por que este homem os escolheu? Foi realmente este homem quem os escolheu? O que está acontecendo e parece que irá acontecer? Tente encontrar respostas. Mas não me diga, guarde-as para você. Apenas entenda o momento, consiga as respostas.

João agradeceu:

- Obrigado, Askhetar.

- Lembre-se: sempre haverá motivo para tristeza ou para alegria e pode até ser o mesmo motivo. Qual caminho será, quem escolhe é você: o da tristeza ou o da alegria. Fique com Deus.

João sorriu e balançou a cabeça em concordância. Askhetar se foi e João voltou para perto do grupo. Ao chegar, o homem disse baixinho a ele:

- Conversou com seu amigo... É sempre uma coisa boa.

João até que se surpreendeu, mas sentiu algo tão positivo dentro de si, que não conseguiu sequer se incomodar. Sorriu e respondeu rapidamente que estava feliz.

Após mais alguns dias de caminhada, chegaram a um pequeno vilarejo. O tempo estava fechado e ventava bastante. Anoitecia e as pessoas estavam em suas cabanas. Porém, ao adentrarem no vilarejo, um homem ainda caminhava e os viu. Aproximou-se com receio e perguntou:

- Quem são vocês e o que buscam?

O homem respondeu:

- Somos enviados do Senhor e viemos em paz. Queremos apenas lhes falar a Boa Nova.

O homem do vilarejo ficou algum tempo em silêncio e depois, com bastante desconfiança, perguntou:

- Qual boa nova?

- A de que o Senhor nos enviou seu filho Jesus para nos ensinar e amar.

- Esta é a boa nova?

- Sim!

- Obrigado por me contar... Eu conto aos outros... Boa viagem!

Ao terminar de dizer, o homem do vilarejo virou e saiu andando até entrar em uma cabana e fechar-se lá dentro. Lúcio, preocupado, perguntou:

- E então? O que faremos? Não há mais ninguém. Não há abrigo! O que faremos?

O homem sorriu e respondeu:

- Acalme-se, Lúcio. Isso é comum de ocorrer... Achamos um lugar para passar a noite e, pela manhã, tentamos de novo.

- Mas ele não quer ouvir! – Lúcio exclamou.

- Ele não. Mas e os outros? Saberemos apenas se conversarmos com eles. – disse o homem, com extrema calma.

Assim fizeram. Encontraram um local com algumas árvores e lá ficaram. Havia muito vento, então, por ser um local aberto, não houve possibilidade de acender fogueira, o que redundou em frio ainda maior. A noite foi difícil, mas todos se abraçaram e deixaram a pequena Lúcia no meio, a fim de protegê-la.

Pela manhã, ao acordarem com os primeiros raios de sol, sentiam-se doloridos, pois que

dormiram com seus corpos desajeitados e tortos, porém, havia uma alegria e motivação diferente, especialmente em João, que os contagiava. Era o início da jornada diretamente com as pessoas. Com alegria, se alimentaram rapidamente, fizeram suas orações e voltaram ao vilarejo, na esperança de encontrar alguém que os ouvisse.

Ao chegar, havia algumas mulheres e crianças, que se assustaram com a presença e logo se esconderam em uma das cabanas. Porém, um grupo de três homens se aproximou e com hostilidade perguntaram:

- O que querem aqui?

- Apenas contar a Boa Nova. – respondeu o homem.

Os três homens se entreolharam com suspeita e um deles disse:

- Não queremos saber. Vão embora!

Mas o homem insistiu em tom fraterno:

- Amigos, desejamos apenas trazer paz, viemos com o bem, somos do bem e queremos apenas falar sobre o amor e sobre Jesus.

Um dos homens agiu com surpresa e interesse:

- Jesus?!? Eu já ouvi falar deste homem...

- E o que ouviu falar? – perguntou o amigo de João e Lúcio.

- Pouca coisa. Mas que foi um bom homem que enfrentou o poder do império. Só isso que sei.

- E sabe como ele fez isso?

- Não...

- Podemos contar isso também... E podemos dizer muito mais sobre ele e como ele é capaz de ainda nos ensinar o amor e a paz.

- Mas já morreu! – um dos homens exclamou e gargalhou em seguida.

João e Lúcio se ofenderam um pouco, mas permaneceram em silêncio. Porém o homem, não. E respondeu:

- Mas está vivo ainda... apesar da crucificação.

- Como isso é possível?

- Porque é filho de Deus... Não morre... Assim como nós somos!

- Não vamos morrer? – O mesmo homem fez nova chacota.

Mas o homem estava calmo e respondeu com segurança:

- Nossos corpos acabam... Mas nós ficamos vivos na presença do Senhor. Esta também é uma Boa Nova.

Os homens ficaram sérios, se entreolharam e um deles, que parecia o líder, disse:

- Podem falar com aqueles que quiserem ouvir... Mas ficaremos observando vocês...

- Obrigado. Em nome de Deus, obrigado.

Assim, os homens saíram de perto e eles passaram a caminhar na direção de um pequeno grupo de homens, mulheres e crianças. Enquanto caminhavam, o homem disse baixinho a João e Lúcio:

- Fiquem em oração silenciosa...

João e Lúcio se entreolharam consentindo com o pedido e assim fizeram. Lúcia também entrou em prece.

Ao chegarem ao grupo, o homem iniciou:

- Meus bem aventurados, trazemos a Boa Nova, a esperança e a consolação! Jesus, o Cristo, o messias, o homem de Nazaré! Nos ensinou o amor

e está vivo ao lado de seu Pai, que é nosso Pai, assim como nos disse! Trazemos a paz e a verdade! Pois como Jesus nos disse, ele é o caminho, a verdade e a vida!

Assim que terminou seu discurso de abertura, alguém do grupo soltou uma forte risada e foi acompanhado pelo restante do povo. Até que alguém disse:

- Vocês podem ir embora! Não queremos ouvir nada!

E um coro de vaias e xingamentos foi proferido por aquele grupo. Porém, o homem não desistiu e continuou com o mesmo carinho de antes:

- Jesus disse “bem-aventurados sejam os homens de boa vontade”. Todos aqui trabalham! Sois homens de boa vontade! Sois deuses como Jesus! Todos vocês, todos nós somos filhos do Pai, do mesmo Pai de Jesus, somos deuses como ele nos disse! Podemos fazer coisas milagrosas como ele fez, podemos...

Foi interrompido por um exaltado membro daquele grupo:

- Não vê que não queremos ouvir? Temos nossos deuses e não queremos o seu! Saiam agora daqui! Não queremos ouvir mais!

João, Lúcio e Lúcia, mantinham-se em prece, mas estavam com medo do que poderia acontecer. O homem apenas ajoelhou-se, beijou o solo e ao levantar seu tronco, ainda de joelhos, disse sorrindo e olhando para aquele grupo:

- Obrigado, meus amigos. Obrigado por nos ouvirem e ouvirem a palavra de Jesus.

Levantou-se e saiu andando em silêncio. Foi seguido por João, Lúcio e Lúcia. O grupo ficou emudecido e aos poucos foi retornando aos seus afazeres. João, tenso, perguntou a ele:

- Corremos perigo? Que faremos?

O homem sorriu e respondeu tranquilamente:

- Tenha calma, João. Tenha fé. Nem todos nos ouvirão e nos acolherão. Mas este é momento de falar para todos, o tempo que puderem ouvir.

João ficou em silêncio e Lúcio, que estava igualmente tenso, se pronunciou:

- Não é melhor e mais prudente irmos embora deste lugar?

- Acalme-se, Lúcio. Vamos nos afastar um pouco, nos sentar e orar. Voltamos em pouco tempo.

Lúcia disse a seus irmãos:

- Não fiquem com medo. Eu sinto algo bom em nós.

O homem sorriu e respondeu à menina, enquanto João e Lúcio estavam surpresos:

- Isso, menina Lúcia. Isso mesmo!

Assim, eles se afastaram um pouco do vilarejo, sentaram-se e fizeram algumas orações. João se afastou e procurou Askhetar, que atendeu a seu chamado:

- João, tenha calma, tenha fé. Tranquelize-se. Tudo vai ficar bem.

- Mas tenho receio que nos enxotem com violência.

- Achas que isto seria ruim? Não foi assim que Jesus foi tratado? Não o violentaram igualmente quando quis falar de amor e de paz? Fiquem vigilantes e calmos, falem de amor e transmitam a paz, sejam perseverantes, apenas isso.

- Mas eles não querem nos ouvir!

- Nem todos ouvirão as palavras. Sejam perseverantes, pois quando encontrarem quem escute, valerá este por mil que não ouviram. Agora

tenha fé e retorne para o seu grupo. Façam orações e acalmem-se, você e seu irmão.

Assim, Askhetar se despediu e João retornou para o grupo com mais tranquilidade.

Lúcio estava quieto, introvertido e João se aproximou dele e disse:

– Irmão, não fiques assim, falei com Askhetar e ele me tranquilizou. Façamos orações e tudo irá melhorar.

- Será, João? Será que tudo irá melhorar? Estamos longe de nossa família, não temos casa, trabalho, não sabemos se iremos comer amanhã, se iremos morrer no frio à noite, se ficaremos doentes de frio, fome e sede. Será, João, será que tudo irá melhorar somente porque iremos fazer orações?

João se assustou um pouco com a reação do irmão, mas tentou acalmá-lo:

- Lúcio, eu entendo que você esteja...

Mas Lúcio não permitiu que João prosseguisse:

- João, nós viemos para uma viagem rumo ao nada com um homem que conhecemos ontem e nem sabemos o nome. Você sabe, João, sabe o nome dele? Eu não sei! Lúcia não sabe! E você, João, também não sabe! Sabemos apenas que ele

tem uns escritos velhos e que nos arrastou para cá, com pouca comida e sem esperança de trabalho, casa, comida. Podemos morrer na chuva, na tempestade ou até mesmo espancados por essa gente que não nos quer aqui! Por que ainda não fomos embora? Eles, vários deles, já nos disseram para irmos e nós não fomos! E iremos voltar! Isso está beirando a loucura! Não acha, João?

João estava sem palavras. Nunca tinha visto seu irmão daquela maneira. E Lúcio não dizia coisas sem sentido; ao contrário, seus argumentos eram lógicos. Tentou dizer algo, mas Lúcio nem o deixou começar e logo iniciou outro discurso:

- João, você está vendo outro vilarejo próximo? Porque eu não vejo! O sol já está no meio do céu e nós não temos nada! Ninguém nos ofereceu comida, água, ninguém quer falar conosco! E nós ainda estamos aqui! Não temos para aonde ir! E se formos tarde? O que poderá acontecer? Poderemos morrer!

João tentou falar algo, ponderando:

- Mas, Lúcio, fazemos isso para levar Boas Novas...

- João... Boas novas? E as nossas boas novas? Quem nos dará? Quem nos dirá? Há pouco tempo tínhamos família, casa, trabalho, comida, bebida e vestimentas. E agora, João? O que temos? Nada!

Não temos nada! Você tem seu amigo, que só você vê e...

João o interrompeu:

- Mas você o escuta!

- O escuto, sim! Ele existe! E isso prova o quê? Que ele é bom? Que está nos levando para um lugar bom? Eu não sei, João...

- Você fala tanto em família e casa. Mas o que o pai ia fazer com nossa irmã? Esqueceu-se disso?

- Isso é o que você nos contou... Ninguém sabia disso!

- Acha que inventei tudo?

- Pode ter ficado louco e achado que sabia, mas não sabia. Pode ter achado que viu, mas não viu! Esse seu amigo...

João o interrompeu:

- Lúcio, acho que essa conversa já está ficando longa e cansativa. Precisamos descansar.

Lúcio ficou em silêncio e virou as costas para o irmão, permanecendo sentado, olhando para o nada. João voltou para perto do homem sem nome e de Lúcia, que não ouviram a conversa, mas

sabiam que estavam discutindo pelos gestos e pelas expressões. Quando João se aproximou, o homem apoiou a mão direita em seu ombro e disse:

- Paciência... É tudo que precisamos agora.

João sorriu e sentou-se com eles. Mas, apesar disto, estava triste. Ficou cabisbaixo durante vários minutos, em silêncio. O homem o respeitou, e assim como Lúcia, também guardou silêncio, porém permaneceu em oração. Lúcio sentia-se inseguro e sua fé estava sendo posta à prova. Era natural que reagisse daquela maneira, porém, esperava-se que se motivasse novamente e voltasse para próximo dos outros.

Após um longo tempo onde o cenário não se alterou, o homem levantou-se e caminhou até Lúcio. Ao se aproximar, lhe perguntou:

- Posso me sentar com você, Lúcio?

Lúcio não demorou em responder:

- Sim, pode sentar-se.

O homem sentou, respirou fundo e disse:

- Não é ótimo como a natureza é perfeita?

Lúcio não entendeu a colocação porque não havia qualquer ligação com o que estava ocorrendo.

Então, ficou em silêncio, apenas balançou a cabeça para expressar concordância. O homem continuou:

- Os pássaros, as árvores, os rios, a terra, o mar, as plantas, as frutas, o ar, os animais... Tudo é tão perfeito. Tudo obedece à mesma lei e existe em harmonia. Perfeitamente. Não é belo como tudo isto funciona? Mesmo quando parece não existir motivos que liguem uma coisa a outra?

Lúcio novamente concordou com a cabeça e manteve-se em silêncio. O homem prosseguiu com seu raciocínio:

- Entenda, Lúcio, seus problemas com sua família, a saída de vocês, o dom de João, seu dom e o da sua irmã, vocês irem ao meu encontro e eu esperar por vocês, sem nos conhecermos... Tudo isto também obedece à mesma lei. Tudo existe em harmonia. Perfeitamente. Nada do que está acontecendo é obra do acaso. Isso não existe. É obra de Deus, que nos quer junto, nos uniu, em amor e paz.

Lúcio permaneceu em silêncio, apesar de continuar concordando. O homem silenciou também. E após alguns segundos, Lúcio se pronunciou:

- Então por que está tão difícil?

- Não é fácil mesmo. Ninguém disse que seria.

- Mas não querem nos ouvir...

- Lúcio, ser cristão não é tarefa simples. Não é fácil. É preciso fé e insistência. E, acima de tudo, amor no coração. Isso, você tem sobrando. Alguns nos ouvirão, outros não. Funciona assim mesmo.

Lúcio deu um leve sorriso e respondeu:

- Certo...

- Venha, vamos para junto deles. Faremos uma oração juntos.

Assim Lúcio levantou-se e acompanhou o homem até João e Lúcia. Ao se aproximarem, Lúcio apenas disse a João:

- Desculpe-me.

João sorriu. Eles sentaram e fizeram juntos uma oração de paz.

Após o término, o homem se levantou confiante e disse a todos:

- Voltemos, amigos, pois que sinto a fé vibrar em mim, em meu coração!

Assim, o grupo caminhou novamente para o vilarejo. Com a fé renovada, esperavam ter uma

boa sorte desta vez e conseguir, desta forma, divulgar a Boa Nova a quem desejasse a ouvir.

Ao chegarem ao vilarejo, João percebeu uma mulher e várias crianças brincando perto de uma cabana. Lúcio viu um grupo de idosos. O homem avistou um grupo de homens que os olhavam com ar desconfiado. Mas Lúcia percebeu um grupo de jovens, de homens e mulheres, que os olhavam com curiosidade. Lúcia puxou de leve a vestimenta do homem e apontou para o grupo. O homem sorriu para Lúcia e disse a ela:

- Muito bem, pequena Lúcia. Muito bem.

Caminharam então para este grupo, que não se movimentou, aguardando a chegada dos forasteiros. Ao chegarem, o homem se pronunciou:

- Viemos em paz. E trazemos Boas Novas.

Houve silêncio por parte do grupo, mas houve sorrisos também. Havia receptividade. O homem prosseguiu:

- Jesus, meus amados... Jesus é o nosso caminho. A nossa verdade... Jesus é a vida!

Um dos jovens perguntou ao homem:

- Senhor... É verdade que existe apenas um deus?

O homem sorriu, pois que a pergunta denotava interesse. Respondeu:

- Sim, meu jovem. Há apenas um deus. E Ele é bom, justo e tudo sabe e tudo vê.

Os jovens começaram a sentar, um a um, acomodando-se para ouvir melhor o que o grupo de João tinha a dizer.

Durante um bom tempo, o homem discursou sobre Deus, Jesus e o caminho do bem e da paz e do amor que o Cristo, Jesus, nos ensinou.

Enquanto os jovens ouviam o discurso, outros se aproximavam e também se sentavam para ouvir. Juntou-se, então, pequena multidão que acompanhava atenta as mensagens e as leituras dos escritos.

Porém, aqueles homens que não desejavam ouvir a mensagem de Deus, que possuíam vários deuses, se aproximaram de um jeito nada amistoso, e sem perguntar, nem esperar pausas, o líder foi logo se pronunciando em tom elevado de voz e sem simpatia:

- Nós avisamos a vocês, forasteiros, que não deveriam ficar aqui!

A verdade é que eles não esperavam que o grupo de João pudesse reunir tantos ouvintes

atentos, ainda mais os jovens. Então permitiram que ficassem, mas quando perceberam que estavam tendo sucesso na empreitada, zangaram-se e mudaram de opinião, mas agindo como se desde o início não tivessem permitido a presença do grupo. O homem evangelizador respondeu em tom fraterno:

- Mas estamos cumprindo o que acordamos e...

Foi interrompido pelo morador revoltado, que caminhava em sua direção na tentativa de intimidar dizendo:

- Queremos vocês fora daqui agora! Ou nós mesmos iremos tirá-los daqui! Fora! Fora, agora!

Os gritos do morador não intimidaram o evangelizador, contudo, este se calou e disse para os irmãos João, Lúcio e Lúcia:

- Vamos, amigos... Viemos em paz... Enquanto houve consentimento, pudemos ficar.

O morador, em silêncio, apenas observava a retirada do grupo. Mas eis que o evangelizador virou-se novamente para o grupo de jovens e disse a eles:

- Estaremos ao norte daqui, não longe... Se quiserem, ficaremos amanhã neste local, poderão voltar a nos ouvir.

A divulgação desta mensagem foi considerada como uma afronta pelos moradores revoltosos e o líder, furioso, gritou contra ele:

- Saia daqui agora! Você não pode converter nossos jovens!

Mas o evangelizador não se deixava intimidar e respondeu, com calma e tom amistoso e sem sarcasmo:

- Meu amigo, não entendo. Você nos proibiu de falar dentro de seus domínios, mas fora de seu vilarejo o amigo não tem controle e não pode nos proibir de falarmos a quem desejar ouvir. Fique com Deus.

Ao terminar de falar, se virou e junto com os irmãos, caminhou em direção à saída. O morador, bastante revoltado, por pouco não tentou agredir o evangelizador, pois foi contido por seus amigos. No entanto, virou-se para o grupo de jovens, e furioso, os proibiu de voltar a se encontrarem com o grupo evangelizador.

Na saída, quando parecia que não mais corriam perigo, João desabafou:

- Deus do céu! Achei que nos agrediriam!

Lúcio, de tão nervoso, começou a rir e não conseguia parar. Lúcia comentou, sorrindo:

- O irmão é assim. Fica nervoso e não consegue parar de rir!

O homem evangelizador começou a rir também enquanto caminhavam rumo ao ponto que foi dito aos jovens.

Caminharam em silêncio, após o surto de riso de Lúcio. João mostrava-se confiante e satisfeito, além de tranquilo por não ter sofrido agressão física. Ao chegarem ao ponto onde o homem havia imaginado, próximo a árvores frondosas com frutos e sombra, pararam ali e resolveram acampar naquele local. Lúcio e João foram colher frutas para que se alimentassem. Ainda havia um pouco de água, que repartiriam. Então, fizeram a refeição com frutas e um pouco de pão e água que restava. Mesmo com o término da água, o homem não se mostrava preocupado, pois disse aos amigos que deveria ter algum rio por perto, onde poderiam encher novamente seus recipientes.

Após a alimentação, o homem pôs-se a ler alguns escritos, Lúcio cuidava de Lúcia, certificando de que a menina estava aquecida, pois a noite chegava e ela estava cansada e precisando dormir. João se afastou no intuito de conversar com Askhetar. Após alguns minutos de caminhada, o amigo espiritual surgiu ao seu lado e permaneceu em silêncio. João, então, lhe disse:

- Achei, por momentos, que seríamos espancados.

- Confie em seu amigo, João, ele sabe o que faz e até onde pode insistir.

- Você já o conhecia?

- Eu e muitos outros. Ele é um homem bom, que deseja apenas o bem para todos. Deseja levar os ensinamentos de Jesus a quem puder ouvir.

João ficou algum tempo introspectivo, algo o incomodava. Askhetar, então lhe perguntou:

- O que lhe incomoda, João?

O amigo espiritual sabia das aflições de João, mas não podia adentrar no assunto sem a permissão dele. João lhe respondeu:

- Sabe... tudo isso ainda me incomoda.

- O quê?

- Essas visões, essa viagem... Eu ainda não sei o que tenho que fazer...

- E você espera que eu lhe diga?

João sorriu ironicamente e respondeu:

- Eu não tenho mais essa ilusão!

Até mesmo Askhetar sorriu, assim como João, que acrescentou:

- Evidente, amigo, que fiz uma brincadeira. Sei que você não costuma passar esse tipo de informação.

Askhetar se recompôs e disse a João:

- É preciso calma. Você está no caminho, mas ainda há muito para acontecer, João.

- Mas é difícil, pois não sei por onde ir, o que fazer... Não sei qual preparação melhor...

- Não fique, João, com essas indagações. Confie no Pai, que tudo sabe e tudo vê. Tenha fé nos desígnios do Senhor.

- Eu confio, mas precisava entender melhor como participo nesses desígnios.

- João, tua ansiedade é justa, porém, mesmo desta forma pode atrapalhar. Tudo tem seu momento. Você já tem algumas informações, já conhece o que pode fazer, já chegou a algumas conclusões sozinho. Deixe, agora, que o tempo lhe ensine o restante, lhe diga, lhe mostre o que ainda é preciso.

João sorriu e disse:

- É esse o único jeito, eu sei.

- Aprenda, João, o que puder. Veja como este homem faz; confie nele, no que diz e no que dirá.

João balançou a cabeça de forma positiva e sorriu. Agradeceu ao amigo, que partiu. João voltou para junto de seus amigos. Estava noite e precisava dormir e descansar.

Assim que retornou, novamente o homem lhe disse:

- Conversando com seu amigo... Isso é bom...

João não resistiu e perguntou:

- Como sabe?

- Eu sei, João, eu apenas sei...

João sorriu e se acomodou recostado a uma árvore, fechou seus olhos e logo em seguida já estava dormindo devido a tamanho cansaço que sentia. O dia seguinte precisaria de bastante energia.

## Capítulo 8

Naquela noite, João teve um sono profundo e dormiu tranquilamente, assim como o evangelizador e seus irmãos. Pela manhã, todos acordaram ao nascer do sol, pois que os raios luminosos os convidavam para o despertar. Comeram algumas frutas e o homem chamou João para procurar água, enquanto Lúcio ficou com a irmã.

Durante a caminhada, o homem procurou conversar com João sobre o que estavam fazendo.

- João, lhe agrada o que fizemos até então?

Ele ficou pensativo por alguns instantes, mas respondeu em seguida:

- Já entendi que não iremos agradar a todos e que por muitas vezes não seremos bem recebidos.

- E o que isso significa para você?

- No início, achei que não poderia fazer este trabalho... Mas agora, depois de experimentar a primeira vez, onde nos ouviram, noto ser prazeroso e satisfatório.

- Está disposto, João, a continuar?

- Sim.

- Digo... Depois que me for?

- Evidente que não sabes quando será...

- Está próximo... mas não sei. – O homem respondia com pesar.

- Mas, amigo... Ainda não entendo... Você parece saudável, cheio de vida e...

O homem o interrompeu:

- João, meu amigo... Este não é um assunto que me agrade... Entenda, por favor... O que me preocupa é a continuação do trabalho de levar a Boa Nova a todos quanto possível.

- Se assim Deus o quis, assim será feito. Levaremos adiante seu trabalho. Mas não sabemos ler, já o dissemos...

- Mas vocês têm boa memória. E a menina é inteligente... Acho que posso ensiná-la a ler.

- Isso seria muito bom!

O homem ouviu um barulho de água e apontou uma direção. Estavam perto de um riacho. Continuaram conversando enquanto apanhavam água. João estava mais animado com aquela viagem. Mas ainda não estava completamente satisfeito com o que estavam fazendo. Algo não

estava explicado para ele. E era algo que não tinha associação com o homem ou aquele trabalho. Eram suas visões. João sempre ouvia falar de bruxaria, feiticeiros e coisas do tipo. Sabia que, entre outros atributos, bruxos e feiticeiros tinham visões, assim como ele. E sabia também que a Igreja não permitia esse tipo de manifestação, considerando-a pecado e atentado contra a fé. João estava se sentindo bem com suas visões e com o trabalho, mas o sentimento de que poderia estar praticando algo contrário à Igreja, sendo um bruxo ou feiticeiro, o intimidava, quase a ponto de fazê-lo parar.

É certo que Askhetar já havia conversado com ele sobre isso. Mas esse tipo de dúvida paira sobre médiuns de uma forma incontrolável, além de ser bastante inconstante. João sentia-se vulnerável a esse questionamento. Esse era um ponto fundamental, pois que Askhetar sabia que a primeira pessoa que gritasse contra João o chamando de bruxo, poderia fazê-lo desistir de tudo. E João tinha um caminho a seguir, não poderia desistir por isso. Askhetar estava de prontidão, aguardando o momento de falar novamente com João sobre o assunto.

Depois de pegarem água suficiente, voltaram para próximo de Lúcio e Lúcia. Askhetar, que acompanhava de perto, aproveitou o momento, e sem João perceber, o intuiu a fazer a seguinte pergunta ao homem:

- O que você sabe sobre bruxos e feitiçaria?

O homem olhou bem para os olhos de João, e de alguma forma, sentia a insegurança que o rondava. Não foi intuído por Askhetar, pois que o amigo espiritual sabia de seu conhecimento sobre o assunto. Então, respondeu:

- Alguma coisa... Mas, João... Diga-me... Sente-se como um bruxo?

João reagiu com repulsa:

- Não!

- Também considero assim. Não tem o que temer.

- Mas eu vejo...

Foi interrompido:

- Não importa o que se faça, o que importa é o que se tem dentro do coração... O amor. E isso, João... Você tem bastante.

João sorriu e ficou em silêncio. O homem não falou mais nada enquanto retornavam, pois sabia que João precisava ficar em paz com seus próprios pensamentos.

Depois de regressarem com água, encontraram Lúcio e Lúcia, então se puseram em oração por um tempo mais ou menos longo. O homem evangelizador sabia, ou ao menos tinha essa certeza dentro de si, que em pouco tempo poderiam chegar alguns jovens para ouvir a palavra de Deus.

E realmente isso aconteceu e não demorou muito. Nas primeiras horas da manhã, um pequeno grupo de cinco jovens se formou. Chegaram pouco a pouco, isoladamente. Tão logo chegavam, sentavam-se à frente do homem e em silêncio lá permaneciam. O homem nada dizia, apenas ficou de pé com um papiro nas mãos.

Depois que cinco chegaram, o homem iniciou seu discurso falando de Jesus e de como nos ensinou o amor. Ele procurou falar exclusivamente de Jesus e de amor, naquele dia.

O evangelizador, sem dúvida, falava muito bem, e poderia ficar horas falando sobre Jesus, Deus e o amor sem se cansar ou ser repetitivo. Pois além de todo seu conhecimento, era bastante intuído por amigos espirituais.

Os jovens chegavam cada vez mais e em maiores grupos. Em pouco tempo, dezenas deles já se juntavam e ouviam o evangelizador, em extremo silêncio, com extrema calma.

Porém, a ausência de todos esses jovens do vilarejo despertou o interesse dos homens que expulsaram o grupo de João no dia anterior. Eles já estavam irritados, e esse sumiço, que eles bem sabiam o motivo, os deixou ainda mais irritados. O líder reuniu mais nove homens e partiram na busca do grupo evangelizador, pois sabiam onde estavam, uma vez que não fizeram questão de esconder sua localização de ninguém.

Ao se aproximarem do local, perceberam que havia mais jovens que podiam imaginar, sendo que alguns deles nem eram de seu vilarejo. Eram de vilarejos vizinhos, que de alguma forma souberam do fato e também queriam ouvir as boas novas.

Os homens se assustaram um pouco com a quantidade de pessoas, mas isso não os fez parar. O líder gritou do final das fileiras de pessoas sentadas:

- Pare com isso agora! Eu te avisei!

O evangelizador, assim como todos, olhou para o local de onde vinha a intimação, e sorrindo respondeu:

- Amigo, seja bem-vindo! Por favor, sente-se conosco!

Porém, o convite, que não foi sarcástico, aguçou a fúria do homem:

- Não me faça perder ainda mais a paciência...

O evangelizador ponderou:

- Não vejo qual dano lhe causo. Não nos foi permitido ficar em seu vilarejo. Não estamos lá. Esses jovens que vieram nos ver e ouvir a Boa Nova. E ao que parece, existem outros tantos jovens de outros vilarejos, cuja ascendência o amigo não exerce sobre eles.

O argumento ponderado do evangelizador desarmou um pouco o homem, mas que não perdeu a ira e não queria mostrar vulnerabilidade. Então, disse aos seus jovens:

- Vocês, de nossa aldeia, venham comigo! Vamos embora! Agora!

O evangelizador nada disse. O clima ficou silencioso. Até que, depois de alguns instantes, o primeiro jovem levantou-se e caminhou cabisbaixo na direção do homem. Assim, foi seguido pelo segundo e pelo terceiro. E quando muitos repetiam o gesto, uma jovem levantou-se e disse para o homem:

- Você não pode nos impedir de ouvir sobre Jesus! Se não for hoje, será depois! Não entende que este homem mudou o mundo?

Atônito, o homem murmurou:

- Sara...

Era sua filha. O homem ficou paralisado. Não imaginava que sua própria filha estaria compartilhando aqueles pensamentos. Porém, depois de alguns instantes em silêncio, onde os jovens pararam de andar e esperaram uma definição, ele continuou:

- Venha, Sara! Rápido! Conversamos depois sobre isso, agora venha!

Mas a jovem tinha pulso firme:

- Não, pai. Eu não vou embora. Vou ficar aqui. E quem quiser me acompanhar, que fique também.

Sentou-se. Os homens que o acompanhavam esperaram alguma definição do que fazer. Ele apenas olhou profundamente para o evangelizador e virou as costas, batendo em retirada. Os jovens que haviam levantado, sentaram-se novamente e o evangelizador continuou de onde havia parado.

João e Lúcio, que estavam com muito medo do que poderia acontecer, se tranquilizaram momentaneamente, porém permaneciam em prece para ajudar ao homem.

Depois de um tempo, que durou algumas horas, o evangelizador encerrou os ensinamentos, os convidando para retornarem ao fim do dia, para a

oração de agradecimento. Todos saíram sorrindo e sem tumulto, cada grupo para seu vilarejo, e com a promessa de que voltariam ao fim do dia.

Após o término, o evangelizador sentou-se recostado a uma árvore e suspirou fundo com um sorriso de satisfação no rosto. João e Lúcio apenas o observavam. Ao abrir seus olhos, disse a João:

- João, esta tarde você fará a oração e Lúcio o ajudará.

Foi uma surpresa para os irmãos. João apenas respondeu:

- Sim, faremos com muito respeito.

Lúcio o olhou com ares reprovadores e logo se opôs:

- Mas, João... E se aquele homem voltar? E se a filha dele não vier?

João foi calmo em sua resposta:

- Tenha calma, irmão. Deus permitiu que fizéssemos a nossa pela manhã. Permitirá, também, que a façamos ao fim do dia.

Lúcio saiu resmungando:

- Eu não sei de onde sai tanta confiança...

João olhou para o homem com certa tristeza no olhar, mas foi repreendido pelo amigo:

- Não fique assim, João. Nosso compromisso é com Deus.

- Tem razão... Sim, tem razão. – foram as únicas palavras de João a respeito.

O dia se passou e João tentou ficar em oração, assim como Lúcia e o evangelizador. Lúcio ficou em silêncio, mas não em prece. Porém, próximo do momento das orações, acalmou-se e conseguiu orar sinceramente, preparando-se para o evento.

Os jovens foram chegando; e aos poucos, quase uma centena já se formava próximo à árvore onde a evangelização era feita. Eles notaram que muitos ali não estavam pela manhã. A notícia havia corrido e estava sendo bem recebida. Apesar de a maior parte ser de jovens, havia adultos, idosos e crianças.

Para surpresa e alegria de todos, faltando alguns instantes para começar as pessoas continuavam a chegar e quase duas centenas delas se aglomeravam na expectativa do início da oração.

O evangelizador chamou João e Lúcio e disse a eles:

- Deus provê quando fazemos a nossa parte.

João e Lúcio estavam satisfeitos e nervosos com tanta gente à espera de oração. João expressou sua ansiedade:

- Há muita gente... Não é melhor que você faça a oração? – dirigiu-se ao evangelizador.

Mas o amigo sorrindo, lhe respondeu:

- Não vejo motivos, João. Além do que, você tem boa companhia. Está tão tenso que não percebe...

João entendeu que o evangelizador falava de Askhetar. Fechou seus olhos, buscando se concentrar e quando o abriu, lá estava o amigo espiritual dizendo:

- Acalme-se, João. Estarei próximo a ti.

- Você já estava aqui antes?

- Sim, mas seu nervosismo o impediu de me perceber.

João olhou para Lúcio e confirmou, pelo jeito de olhar do irmão, que ele não estava mesmo vendo Askhetar. Mas, pelo mesmo motivo, suspeitou que o evangelizador pudesse ver o espírito. Na dúvida, perguntou:

- Pode vê-lo?

- Não da mesma maneira que você, mas sim, posso. De um jeito mais sutil e menos vívido.

João olhou para Askhetar e pediu:

- Se possível, amigo, me acalme para começarmos.

Askhetar sorriu e consentiu. O evangelizador, então, foi à frente das quase duzentas pessoas e fez uma pequena abertura, falando um pouco sobre Jesus, para aqueles que não ali estavam anteriormente. Depois de alguns minutos. Chamou João e pediu, carinhosamente, que fizesse a prece de agradecimento do dia e proteção para a noite.

João aproximou-se juntamente com Lúcio. Askhetar estava próximo e João continuava a enxergá-lo.

João teve dificuldade em proferir as primeiras palavras, mas Askhetar, sem que percebesse, o fluidificava e intuía. Assim, conseguiu iniciar e foi se acalmando aos poucos, ao ponto de não necessitar mais do apoio espiritual para realizar a oração.

Conforme João adentrava nas palavras, mais em comunhão com o Divino permanecia. Centenas de espíritos amigos estavam trabalhando, atuando nas pessoas que acompanhavam a oração, fluidificando, tratando, oferecendo todo apoio que

necessitavam. Naquele momento, houve algo parecido com uma sessão espírita. Não podemos afirmar que foi a primeira sessão espírita da humanidade, pois que outras parecidas com esta também ocorreram, especialmente na época de Jesus, quando o mestre falava para multidões. Porém, esta, após a vinda do messias, foi uma das mais importantes reuniões em torno da palavra de Deus, pois que as sementes lançadas naquele dia renderam frutos abundantemente. E além de seus frutos para as pessoas, comunidades e sociedades que se organizavam, foi especial para João, alguém que ainda muito tinha a percorrer e ainda percorre, ora encarnado, ora desencarnado. Naquele dia, João experimentou um marco. Foi uma espécie de batismo, mas sem água. Mas, sem dúvida, foi um rito de passagem, de menino para homem, de aprendiz para profeta.

João fazia a oração com firmeza e confiança. Estava bem e sentia-se feliz. Podia sentir seu corpo e espírito serem invadidos por forças desconhecidas, fortes e benéficas. Lúcio, funcionando como médium de apoio, sem saber doava ectoplasma em abundância para todo o processo, mas em especial para o que acontecia na audiência.

Depois de um tempo considerável para uma prece, as pessoas não estavam cansadas, ao contrário, poderiam ouvir ainda mais, João encerrou e deu a palavra novamente ao

evangelizador, que agradeceu e falou ainda mais rapidamente e os convidou para retornarem novamente no dia seguinte, na mesma parte do dia, e explicou que fariam a oração e dariam os ensinamentos no mesmo momento. Pediu então, que chegassem um pouco mais cedo.

Despediu-se, e as pessoas, com calma e sem tumulto, dispersaram-se.

João estava cheio de energia e emanava confiança. Sentia-se bem, como nunca antes.

Enquanto a pequena multidão se dispersava, João sentou-se em um toco de árvore e apenas ficou observando a movimentação. Lúcia aproximou-se do irmão e carinhosamente lhe deu um abraço e disse-lhe:

- Estou feliz, João, por você.

João sorriu de volta e também abraçou a irmã. Lúcio e o evangelizador se aproximaram, e felizes, abraçaram-se, enquanto João os observava. Lúcio foi o primeiro dos dois a dizer palavras de parabenizações:

- Irmão, como estou feliz por ti! Foi muito bom tudo o que disse! Sorria, João, pois que um novo momento nasceu!

O evangelizador olhou para Lúcio com aprovação e disse a João:

- Sim, João, um novo momento nasceu. Você não é mais apenas alguém que me segue. Você começa a estar pronto para seguir seus próprios caminhos.

- Como assim? Como seguir meus próprios caminhos? – perguntou João.

O evangelizador sorriu e respondeu tentando acalmar o amigo:

- Acalme-se, João. Não vou abandonar vocês! Apenas digo que hoje você caminhou na direção de seguir seus próprios passos. E pode perguntar ao seu amigo!

João sorriu e respondeu:

- E vou perguntar mesmo!

Assim, todos sorriram e sentaram-se para conversar e descansar do dia, preparando-se para a noite. Após algum tempo, adormeceram sob as árvores.

## Capítulo 9

Ao amanhecer do dia, João sentiu um vigor em seu corpo. Mas essa sensação vinha de seu corpo astral, que recebia emanções de Askhetar, mas também porque sua mente se importava apenas em captar as boas vibrações da natureza, evitando as ondas de negatividade. Todos ainda dormiam, então João se afastou e procurou contato com Askhetar, que logo respondeu ao seu chamado:

- Bom dia, João.

- Bom dia, meu amigo Askhetar! Como tem passado?

- Muito bem, obrigado por perguntar. E você, João, como se sente?

- Muito bem, também. Parece que ontem, depois da oração... Não sei... Eu era uma pessoa diferente... Tem algo novo que não sei explicar.

- Fazer a oração diante de todas aquelas pessoas despertou algo em você que estava escondido.

- Escondido? Em outro lugar?

- Não. Escondido em você. E somente você poderia despertar, encontrar.

- E isso aconteceu ontem?

- Sim.

- E por quê?

- Existem certos conhecimentos, muitas vezes ocultos, conhecimentos de como você é de verdade, que ficam escondidos dentro da própria pessoa, em um lugar que somente é aberto quando acontece algo de importância e que tenha ligação com o que está escondido. Está me entendendo?

- Acho que sim. Mas continue.

- Seu conhecimento tem ligação com questões espirituais. Você começa a sentir-se diferente, pois começou a perceber quem realmente é e o que veio fazer no mundo. Quando você participou de uma oração tão grande, bonita e saudável, e isto tem ligação com quem você realmente é e seus conhecimentos, este conteúdo foi libertado, apresentado para você. João, agora, apesar de ainda não saber exatamente quais conhecimentos são esses, você já os sente dentro do seu coração, pulsando junto. Você tem razão quando diz que algo mudou. E foi quando isto ocorreu, quando esse conhecimento escondido foi libertado durante a oração, porque o conhecimento tem ligação com o que fez, a oração. Consegue entender?

- Sim. Fazer a oração, que faz parte desses conhecimentos, os libertou para mim, que ainda

não sei exatamente, mas já os sinto, por isso estou diferente. Ou me sinto diferente.

Askhetar sorriu e respondeu:

- Sim, João. É mesmo isso.

- Mas, Askhetar, quando vou saber que conhecimentos são esses? Como isso vai acontecer?

- Meu amigo, João. Não se impaciente com esses pensamentos. Tudo vai acontecer no momento certo, quando estiver preparado.

- Mas esses conhecimentos...

Askhetar apenas o interrompeu para dizer:

- Perdoe-me, João. Mas a ansiedade não irá ajudá-lo. Tenha calma e tenha fé.

- Certo, amigo... Mas esses conhecimentos são algo que precisarei fazer ou que irão me ajudar a fazer algo, ou são parte de algo que já fiz?

- João, entenda... Muitas vezes o conhecimento é apenas quem você é. Quando o conhecimento é libertado, a pessoa apenas se enxerga diferente e com mais fé, sabendo exatamente quem é. E isso é devagar. É preciso calma e fé em Deus, acima de todas as coisas.

João sorriu e disse:

- Entendi. Acho que entendi.

- Eu sei que entendeu. Você sente-se diferente, foi você mesmo quem disse. E isso já é um entendimento.

- Verdade.

João estava feliz e tudo começava a fazer sentido. Olhou para Askhetar e disse:

- Obrigado, amigo.

- É um prazer estar com você, João.

- Por que você está comigo? Por que me ajuda?

- Já lhe disse antes. Mas posso dizer que amigos ajudam amigos; é isso que amigos fazem.

Apesar de não ficar muito satisfeito com a resposta, João sorriu e agradeceu. Mas antes de se despedir, perguntou outra questão a Askhetar:

- E agora, o que acontece?

- O que acontece? – Askhetar quis mais detalhes na pergunta, apesar de não precisar, pois já sabia o que João queria saber, mas quis fazer com que João verbalizasse seu pedido.

- Sim, o que acontece agora? Estamos com este homem, que é um bom homem, mas diz que vai morrer, apesar de estar muito bem. Estamos andando sem saber o rumo certo. Hoje devem voltar ainda mais pessoas. O que faremos?

- Acalme-se, João. O que aconteceu na oração é apenas o começo. Ainda há muito para acontecer. Continue fazendo o que estavam fazendo. Sem pressa, apenas fazendo. Continuo por perto. Coisa alguma muda em sua volta, apenas a forma como você as vê.

Askhetar sorriu e se despediu. João agradeceu apenas movendo os lábios, sem proferir o agradecimento, também sorrindo.

Assim, João, sentindo-se forte e feliz, voltou para próximo de seu grupo, que já acordava.

Fizeram a oração matinal, alimentaram-se, conversaram e Lúcia levantou uma questão importante. Virou-se para o evangelizador e disse:

- Meus irmãos não sabem ler. Se o senhor partir, como farão? Sei que isso já foi dito, mas acho que posso ajudar. O senhor pode me ensinar a ler e eu leio para eles.

Lúcio e João se olharam sem ainda saber como reagir. O evangelizador respondeu com entusiasmo:

- Sim, posso ensiná-la a ler. Seria um prazer!

Lúcia ficou muito contente com a notícia e disse, eufórica:

- Prometo que vou aprender rápido! Vou ler tudinho, tudinho!

João e Lúcio, se contagiando pela reação do evangelizador e da irmã, se olharam com aprovação. Estava, então, decidido, o homem ensinaria Lúcia a ler.

Começaram naquela mesma manhã. João e Lúcio descansavam enquanto aguardavam o início das orações e ensinamentos da tarde.

João decidiu caminhar sozinho, pois Lúcio havia cochilado. Logo no início da caminhada, João voltou a ter a visão com o evangelizador. A mesma que tivera antes. Foi rápido, mas despertou muita preocupação em João. Ele se questionou se o fim estava próximo para o amigo. Chamou por Askhetar, que logo surgiu. João, então, lhe disse:

- Askhetar, meu amigo, tive a mesma visão com nosso amigo. Isso me assusta, pois ele diz sempre que está partindo e essa visão fica insistindo em surgir. O que será, Askhetar, o que será? – João perguntava com ansiedade e nervosismo.

O amigo espiritual respondia com serenidade:

- João, o curso dos acontecimentos podem não se alterar por conta de suas visões, então, em primeiro lugar, acalme-se. Se nosso amigo irá ou não partir para outro plano, somente Deus o sabe. Mas confiemos em seus desígnios. Tudo se encaixa, tudo se encaixará. Tudo ficará bem.

João ouviu atentamente às instruções de Askhetar e depois perguntou mudando de assunto:

- Há muito não tenho visões. Ao que se deve?

- Você está em preparação. Suas visões voltaram em maior número quando for o momento exato. Acalme-se, pois que não há nada fora do normal contigo. Tudo está como deveria.

- Certo, amigo – João sorriu – obrigado mais uma vez por estar sempre perto e respondendo o que pergunto.

Askhetar apenas sorriu amigavelmente e saiu. João sentou-se em uma pedra e ficou em oração durante um longo tempo.

Na parte da tarde, o evangelizador reuniu todos e disse que precisavam se preparar para os ensinamentos daquela tarde.

- Lúcia, reúna seus irmãos, precisamos começar os preparativos.

A menina foi em busca de João, pois que Lúcio estava no rio. Logo encontrou o irmão e disse contente:

- Irmão, já muito aprendi! Ele disse que aprendo rápido e, se continuar assim, em pouco tempo estarei lendo! Não é uma dádiva?

João sorriu com extrema felicidade, abraçou a irmã com muito carinho e respondeu a ela:

- Sim, Lúcia... É mesmo uma dádiva.

Os dois foram à procura de Lúcio, que já voltava do rio. Assim, em pouco tempo todos estavam reunidos e o evangelizador iniciou suas considerações:

- Meus amigos, hoje será um importante dia. Pois que amanhã bem cedo, antes do sol se levantar, partiremos daqui. Já, após o que faremos hoje, teremos cumprido o que nos cabe aqui.

João e Lúcio não entenderam como isso era possível, pois que parecia que ainda tinham muito a fazer. João perguntou:

- Meu amigo, perdoe-me o questionamento, mas parece-me que ainda temos muito a fazer. Cada vez mais pessoas aparecem e estavam aqui há tão pouco tempo.

Sem demonstrar contrariedade, o evangelizador respondeu:

- João, temos um mundo inteiro para andar, para mostrar e falar do Senhor. Aqui, nossa semente, o que realmente temos que fazer, será plantada hoje. Nossa caminhada não termina aqui. Este local é apenas mais um, o primeiro de vocês, mas apenas mais um na imensidão deste mundo de Deus.

João guardou silêncio, assim como Lúcio, pois haviam entendido a justificativa do evangelizador, que prosseguiu:

- Em pouco tempo as pessoas começaram a chegar. Precisamos nos manter em prece desde já. Coloquemos nossos pensamentos em Deus, nosso Senhor, apenas nele e em Jesus, nosso irmão.

Dessa forma, durante um bom tempo ficaram eles a orar em silêncio, preparando-se para os ensinamentos da tarde.

Logo as pessoas começaram a chegar. Jovens, adultos, crianças, mulheres e idosos. Todos, de vários lugares. Muitos pela primeira vez. A notícia de que havia um homem que ensinava sobre Jesus corria rapidamente e todos tinham desejo em obter informações a esse respeito.

Muitos se retraíam, julgando que poderia se tratar de fraude. Porém, sempre havia quem

ponderasse, dizendo que o homem que ensinava tinha escritos para provar o que dizia, e os lia também.

Mesmo assim, muitos optavam por não buscar as informações, desacreditando que essas pudessem ser verdadeiras. No entanto, antes mesmo do momento do início, dezenas de pessoas já estavam presentes e silenciosamente se acomodavam ao chão e pelas árvores e pedras do local. Em harmonia e respeitosamente, aguardavam o início.

O grupo de evangelização permanecia, sob orientação do evangelizador, em silêncio e prece.

Em pouco tempo, quase três centenas de pessoas já se encontravam no local, um número maior que do dia anterior. O evangelizador, então, disse ao seu grupo:

- Comecemos. João e Lúcio fiquem atentos, pois se for orientado, pedirei o auxílio de vocês nas orações.

Assim, com quase quatro centenas de pessoas, o evangelizador iniciou os ensinamentos da tarde. Falando em tom normal, sua voz podia ser ouvida claramente por todos os presentes, mesmo os mais distantes. Dizia assim:

- Amigos, o Senhor nos enviou seu filho Jesus, nosso irmão, para nos amar e nos salvar, nos

proteger, nos ensinar, nos mostrar o caminho da paz, do bem, do amor, da felicidade, que está nos céus, nos braços do Pai. Em nós, deixou a esperança, o júbilo, e a vontade de fazer mais e aprender mais, sempre buscando a eterna comunhão com Deus. Sabemos, amigos, que Jesus nos recomendou prudência, mas no recomendou também seguir confiantes, pois aquele que persevera em Deus, terá a glória eterna e o céu como morada. Jesus nos disse que amemos aos nossos irmãos, que somos todos nós, somos irmãos. Irmãos uns dos outros e irmãos de Jesus, pois que somos todos filhos de Deus, assim como Jesus, nosso irmão maior. Jesus sofreu por nós, chorou por nós, para nos purificar, nos redimir. E o que fazemos? E o que fazemos? Não respondam, amigos. Não digam palavras. Apenas guardem esta pergunta e a respondam com atos. Jesus sofreu cortes profundos em sua carne, mas sua dor maior está na impureza dos homens, está nos atos de crueldade e brutalidade.

Fez uma pausa tentando passar seu olhar por todos e continuou:

- Quando Jesus disse ao povo que os aflitos são os bem-aventurados, disse, com isso, que aquele que tem dúvida; que sofre por se questionar se seu caminho está certo; que, por isso, está aflito, está dentro do que Deus espera. Este, meus amigos, está no caminho certo. Pois que se preocupa com sua salvação eterna. Preocupa-se com seus atos, com o

que fala, com quem anda e o que faz, mesmo em segredo. Jesus é o amor de Deus em nós. É nossa salvação, nossa esperança.

Fez outra pausa rápida e prosseguiu:

- Jesus, certa vez, disse a seus discípulos: “Examinai todos aqueles que dizem coisas de espantar. Examinai, pois, que alguns estarão dizendo a verdade, no entanto, outros estarão dizendo coisas apenas de si mesmos, não do Pai”.

E depois prosseguiu:

- Amigos, devemos ser cuidadosos com o que dizemos julgando ser a palavra de Deus. Devemos guardar prudência em tudo o que fazemos, pois que haverá sempre, em todos os tempos, homens que vemos e que não vemos tentando mentir, enganar e destruir o amor, são os anjos do inferno, que estão à solta, mas que, no juízo final, estarão condenados à dor e ao sofrimento. E aqueles que apenas disserem coisas de si mesmos, como fossem palavras de Deus, este engano poderá ser julgado com veemência ou complacência. Assim, somente Deus decidirá.

Assim, por muito tempo ficou o homem a evangelizar, falando sobre Deus, Jesus e seus ensinamentos, lendo trechos dos escritos que carregava enquanto as pessoas, em silêncio, ouviam atentamente a tudo que dizia.

Após muito tempo ensinando, lendo e evangelizando, portanto, o homem fez silêncio, olhou para João e disse:

- Venha, meu amigo, faça-nos uma oração para agradecer a Deus tanta bondade.

João e Lúcio se aproximaram e João proferiu a oração, onde agradeceu a Deus por todas aquelas pessoas estarem presentes e atentas aos ensinamentos sobre Jesus.

Após o término, o evangelizador disse a Lúcio:

- Lúcio, por favor, faça a oração final.

Lúcio, totalmente concentrado, fez uma bonita oração para finalizar aquela tarde de muitos ensinamentos e muitas bênçãos vindas do Pai.

Ao término, o homem novamente tomou a palavra e disse a todos:

- Meus irmãos de caminhada, meus irmãos perante o Pai. Amanhã, antes de o sol levantar, nós partiremos para prosseguimento de nossa missão. A vocês, que ficarão, deixo todas as palavras aqui ditas nestes dias, deixo o amor de Jesus e a esperança de que tudo isso floresça em obras do bem e segundo Jesus nos ensinou, caminhando sempre em direção ao Pai, a Deus, que é apenas um, é o único. E como Jesus disse: “Sou o

Caminho, a Verdade e a Vida.” Façamos como ele nos disse. Abençoados sejam todos vocês. Vão em paz.

Assim o homem encerrou e as pessoas demoraram um pouco para se levantarem e começarem a partir. Estavam um tanto chocadas, pois acreditavam que o grupo ficaria ali muito tempo. Alguns do povo aproximaram-se de João e Lúcio questionando se não poderiam ficar mais alguns dias. Porém, orientados pelo evangelizador, responderam que não poderiam, pois tinham que continuar suas caminhadas.

Então, após um período lento de retirada, todos saíram e o evangelizador fez junto com João e seus irmãos a oração de final do dia e deitaram-se para dormir, planejando bem cedo, antes de o sol nascer, partirem para outra caminhada.

Muitas sementes haviam sido plantadas. Era o momento de partir e deixar que germinassem naturalmente. Não poderiam mais ficar, o evangelizador sabia. Era mesmo necessário partir para possibilitar a colheita futura naquele local.

## Capítulo 10

Após a partida do grupo, houve focos onde várias pessoas naquele local criaram algo parecido com cultos a Deus. Demorou um pouco, mas o monoteísmo havia se instalado, através de Jesus e seus ensinamentos. Pouco depois, ainda chegaram novos evangelizadores, que já encontraram o terreno preparado, fértil para novos cultivos, ou seja, as pessoas já cultuavam apenas a Deus e reconheciam Jesus como salvador, assim puderam ouvir com maior tranquilidade novas mensagens e novos ensinamentos, também sobre o Cristianismo.

O trabalho do homem e de João e seus irmãos havia funcionado. Deu frutos e preparou o povo para novas mensagens. Essa era exatamente a intenção.

O grupo de João prosseguiu com sua caminhada, de vilarejo em vilarejo. Por vezes, precisavam ser insistentes para conseguir passar os ensinamentos de Jesus. Porém, em outras ocasiões eram bem recebidos e facilmente cumpriam sua missão. Mas, em outras tantas, eram recebidos com indiferença ou agressividade, e nessas, não era possível sequer a tentativa de evangelização.

O tempo passava e Lúcia já sabia ler. Aprendeu rápido, por sinal. O contato de João e Askhetar continuava bom e diário. Lúcio encontrava-se confortado e seguro do que estavam fazendo. Mas

o homem, o evangelizador, sabia que seu desencarne estava próximo, que teria pouco tempo, porém não demonstrava desânimo, ao contrário, estava feliz, pois que João e seus irmãos conseguiriam levar à frente a missão evangelizadora.

Certo dia, o homem foi até João enquanto caminhavam buscando novo vilarejo e disse a ele:

- João, você e Lúcio estão muito bem, Lúcia já consegue ler os escritos para o povo e vocês parecem que já sabem tudo o que está escrito. Está chegando a hora de assumirem sozinhos esta missão.

O sorriso de antes sumiu do rosto de João, que ficou alguns segundos em silêncio, mas respondeu timidamente:

- Aproxima-se o momento de sua partida.

- Sim, aproxima-se.

- Mas, não entendo... Você me parece tão saudável.

- Mas, João, quando chega o nosso momento de partir, nada pode nos impedir. Ou melhor, impedir a Deus de realizar o que planeja.

João ficou em silêncio e o homem prosseguiu:

- Eu apenas desejo que vocês realmente continuem com este trabalho...

João o interrompeu:

- Se for isto o desejo de Deus, não há dúvida.

O evangelizador não continuou com o que estava dizendo. Apenas sorriu para João.

Alguns dias depois, chegaram a um local de intensa movimentação. Havia batalhas e o clima era desfavorável para tentativas de paz. Porém, o evangelizador não se intimidou e disse aos seus:

- Faremos o que sempre fazemos. Sem medo.

Assim entraram na cidade. Não havia nenhuma batalha naquele momento, porém, era intensa a movimentação de soldados, cavalos e armas eram vistas em toda parte. Era um clima tenso.

Logo de início, um homem não muito bem trajado, assim que os viu disse a eles:

- Se vieram falar de Jesus, não precisa. Aqui já se sabe tudo sobre ele. Vão embora antes que se machuquem.

Lúcio imediatamente voltou-se para o evangelizador e disse:

- Eles já sabem o que temos para dizer. Vamos embora.

Mas o evangelizador, com calma, lhe respondeu:

- Acalme-se, Lúcio. Não sabemos o que eles têm conhecimento. Podemos acrescentar. Ademais, não podemos temer os planos de Deus.

Ao ouvir esta última frase, João teve a impressão de que o homem falava de sua própria morte. Assustou-se, mas nada disse, pois sabia que se tratava de um homem obediente a Deus.

Apesar do grande tumulto, conseguiram um local para sentar e descansar um pouco. Beberam água e observaram o local. De repente, o homem levantou-se e disse a João e seus irmãos:

- Continuem sentados, não precisam me acompanhar. Fiquem onde estão, descansem. Irei para o outro lado e começarei a pregar.

Sorriu e começou a caminhar. Mas Lúcia o chamou dizendo:

- Não irá levar nenhum escrito?

- Não, Lúcia. Guarde-os contigo. E ajude a seus irmãos.

Essa última frase não foi compreendida por Lúcia, mas ela obedeceu. João pressentiu que o pior estava por vir, esboçou levantar-se e dizer algo, mas o evangelizador o conteve dizendo:

- Não, João. Não temas. Todos temos nossos momentos. Apenas obedeça a Deus.

João sentou-se. Embora estivesse tenso, pedia a Deus que nada acontecesse ao homem.

O evangelizador foi para a parede oposta, que era um muro da cidade e começou a falar sobre Deus, Jesus e seus ensinamentos. Ninguém deu atenção a ele. Absolutamente ninguém. A indiferença era total, mas o homem não se importava e permanecia sorrindo o tempo todo. Parecia muito feliz. Até que uma explosão se ouviu. João, que estava em prece sentado e com a cabeça entre os joelhos, levantou-se rapidamente assustado e com o olhar no evangelizador. Apenas viu acontecer o que sua visão havia lhe antecipado como possibilidade há algum tempo, de forma exata.

Houve uma explosão ao lado de onde o evangelizador estava e uma pequena torre caiu sobre ele. Não houve chance. O desencarne foi instantâneo.

João e seus irmãos correram rapidamente para o local e com ajuda de poucos homens que se

dignaram em socorrer, retiraram os escombros de sobre o evangelizador, mas ele já não estava mais com vida em seu corpo.

Lúcio deu um grito de dor e sofrimento. Lúcia começou a chorar. E João apenas olhava atônito para o corpo sem vida de seu amigo.

Foi difícil, pois depois que constataram a morte, aqueles que ajudavam foram embora e João e Lúcio sozinhos tiveram que retirar todos os escombros e carregar o corpo para fora da cidade a fim de enterrá-lo dignamente.

Assim foi feito e João, chorando muito, apenas conseguiu dizer estas palavras ao se despedir do homem:

- Seu último instante entre nós foi fazendo o que amava e respeitava. Sua vida foi dedicada a Jesus e a Deus... Peço, Senhor, que tenha este homem em seus braços... Que o proteja e o receba de braços abertos, como ele sempre fez com quem dele precisou.

Abaixou a cabeça, pois não conseguia dizer mais nada. Começou a chorar de soluçar e foi consolado por Lúcio e Lúcia.

Assim, com os três irmãos chorando muito e abraçados, o corpo do evangelizador foi enterrado. Os irmãos saíram caminhando lentamente do local,

sem rumo ou nada que os pudesse confortar. Havia muita dor e sofrimento, mas também a certeza de que a missão iniciada pelo amigo não havia terminado.

Os irmãos caminharam sem rumo durante horas. Às vezes em silêncio, por vezes chorando. Mas não trocaram palavras, apenas abraços esporádicos. Até que João propôs que se abrigassem embaixo de algumas altas árvores à frente, pois já era início de noite e precisavam descansar. Assim fizeram. Realizaram a oração de fim do dia e novamente homenagearam o evangelizador, agradecendo a Deus o privilégio de tê-lo conhecido e aprendido com ele.

Depois da oração ninguém quis comer nada, apenas beberam alguns goles de água e foram dormir. O destino era incerto.

Em desdobramento durante o sono, João encontrou-se com Askhetar. Toda feição abalada de João não era vista enquanto desdobrado. Ao perceber a presença de Askhetar, sorriu e logo disse:

- Amigo, que bom que posso te encontrar!  
Agora temos muito que fazer.

Askhetar concordou com João:

- É verdade, João. Mas a calma é uma forma de prudência. Não devemos ser afoitos.

João completou a fala de Askhetar com seu próprio raciocínio:

- E não devemos nos esquecer de nosso amigo, o evangelizador. Como ele está?

- Bem. Foi acolhido e está sendo tratado. Deixemos que repouse.

- Qual nosso próximo passo? – João perguntou.

- Continuar caminhando e fazendo o trabalho que faziam com ele.

- Mas ele não está mais conosco. Como faremos sem ele?

- Não lhe parece óbvio, João? Você fará o trabalho dele.

- Mas eu não sou capaz de fazer sozinho.

- Não se subestime ou diminua. É prudente não ser orgulhoso, é certo. Porém, sabemos que está preparado. Vai conseguir. E estaremos com você, lhe ajudando no que for possível.

João ficou em silêncio por alguns instantes e logo perguntou:

- E depois? Eu sei que tem algo a mais...

- Sim. Mas o depois não é agora. Faça o agora.

João sorriu e abraçou Askhetar. Voltou ao corpo.

Pela manhã, um pouco antes dos primeiros raios de sol, João já estava acordado e não se lembrava de sua conversa com Askhetar durante o sono. Para ele, foi como se tivesse dormido profundamente. Não havia, portanto, qualquer lembrança consciente em sua mente.

Acordou Lúcio em seguida. Queria conversar sem que Lúcia ouvisse. Falou baixinho com o irmão que acabara de acordar:

- Lúcio, o que faremos?

O irmão esfregou os olhos e respondeu de forma surpresa:

- Como assim o que faremos? Não sabe? Tens dúvidas? Vamos caminhar até achar outro lugar e continuar a fazer o que nosso amigo nos ensinou.

João ficou em silêncio. Lúcio perguntou:

- Tens medo, irmão?

- Um pouco, sim.

- E de que?

- De não conseguir.

Lúcio olhou bem fundo nos olhos de João e lhe disse:

- Deus nos dará as forças necessárias. Esta obra é Dele, não nossa. E se ela está em nossas mãos, é porque temos como cumpri-la. Ele nos ajudará.

João abraçou o irmão. Depois de um tempo, Lúcia acordou e realizaram a oração da manhã, se alimentaram e logo partiram para a caminhada.

Durante o percurso, João se afastou um pouco e pediu que Askhetar se aproximasse para que conversassem. O amigo espiritual apareceu e João lhe saudou:

- Bem-vindo, amigo!

- Obrigado, João.

- O que faremos agora?

- O que já estão fazendo.

- Mas eu não vou conseguir e...

Askhetar o interrompeu:

- João, não temas, pois que nós os ajudaremos no que for preciso e você não deve se subestimar ou diminuir.

João ficou em silêncio e logo comentou com o amigo:

- Engraçado, Askhetar... Parece que já ouvi isso antes... O que será?

Askhetar sorriu e respondeu:

- Conversamos isso durante a noite, em seu desdobramento.

João arregalou os olhos e sorriu.

- Que impressionante – disse.

Askhetar ficou em silêncio e João perguntou:

- E por que não lembrei?

- Porque a maior parte do que acontece durante os desdobramentos do sono não são lembrados ao acordar, somente depois, em alguns casos, parte do que foi dito é recordado. É bastante comum.

- Ainda não lembro. Apenas sei, porque você me disse.

- Tens um privilégio, então.

João sorriu e fez outra pergunta, mudando de assunto:

- Mas, Askhetar, minhas visões estão sumindo... Não vejo quase mais nada.

- Não é o momento. É preciso se concentrar no trabalho de agora.

João insistiu no tema:

- A visão que tive da morte de nosso amigo foi muito distante do momento em que aconteceu. As outras, não. Aconteceram logo em seguida. Por quê?

- Como expliquei, algumas visões são de situações que podem ser mudadas e funcionam como aviso. Outras, não é que não possam ser mudadas, podem porque Deus concede a liberdade de escolha a todos os homens e se houvesse qualquer coisa que Ele determinasse e acontecesse sem que os homens pudessem interferir, essa liberdade perderia o efeito. Mas, nessas ocasiões, o caminho das escolhas está tão bem definido e a tendência que aconteça é tão forte, que acontece realmente, podendo parecer que era algo irremediável, mas não era.

- Então a morte de nosso amigo poderia ser mudada?

- Sim. Mas ele optou por se entregar a esse destino. Então, João, não importa a distância da visão do momento em que ocorra, e muitas vezes pode não ocorrer, não por falha na sua na visão, mas porque o curso dos acontecimentos foi alterado pelas ações dos homens envolvidos. Então, falar com os homens sobre o que se vê funciona como um aviso para que mudem seus atos e construam um novo futuro, não como um aviso de que algo fatalmente irá acontecer.

- Então, tudo o que vejo pode ser alterado pelos homens? Se desejarem?

- Sim. Você terá visões sobre acontecimentos de agora de seu tempo. De alguns dias, de pouco tempo, de coisas que poderão acontecer no mesmo dia e de coisas que poderão acontecer muitos e muitos anos depois de sua própria morte. Por isso, João, você é um profeta.

João ficou em silêncio, mas logo perguntou:

- E como avisarei as pessoas do futuro, depois de minha morte?

- Haverá escritos que contarão sua história, como esses que você ensina e que sua irmã lê para as pessoas.

- E quem irá escrevê-los?

- Acalme-se, João. Muito ainda irá acontecer. Permaneça neste caminho de paz e do bem, que tudo se ajeitará.

- E as pessoas do futuro irão ler tudo o que for escrito a meu respeito?

- Sim, mas apenas no momento certo.

- O que isso quer dizer?

- Que durante muito tempo, ninguém irá ler sobre ti. Apenas no momento certo, tudo será revelado.

- Mas como? Você fala como se tudo já estivesse definido, mas acabou de explicar que...

- Sim, João. Tudo pode mudar, mas o planejamento é que apenas aconteça no momento exato de acontecer. Nós, espíritos, iremos trabalhar para isso.

- E o que as pessoas farão quando lerem sobre mim?

- Não sabemos, João. Mas será um aviso para as pessoas do mundo. O que as pessoas do mundo farão... Não sabemos.

João sorriu e se despediu de Askhetar, que sorriu igualmente e partiu. João retornou para junto

de seus irmãos. Estava feliz, sorrindo e confiante. Era possível sentir a confiança nele.

Depois de alguns dias, avistaram um vilarejo, pequeno, mas parecendo acolhedor. João olhou para Lúcio e disse:

- Então, é isso, irmãos. Tenhamos fé em Deus e muita vontade.

Lúcio e Lúcia olharam com semblantes sérios para João, mas com aprovação. Desceram o pequeno monte e foram se aproximando devagar.

Entraram no vilarejo sob os olhares atentos dos moradores. Os irmãos nada diziam e aparentavam bastante nervosismo. Até que um homem parou na frente deles e disse:

- O que desejam? Se querem passar, podem ir por fora.

João respirou fundo e tentou responder da forma mais firme possível:

- Viemos em paz, bom senhor, apenas viemos para falar sobre Jesus e Deus, nosso Pai.

O homem ficou em silêncio e olhando desconfiado para João. Todos os moradores em volta também guardaram silêncio. Até que o

homem, parecendo estar sendo movido por um impulso, respondeu:

- Podem ir embora. O que sabem sobre Jesus? O que sabem sobre Deus? São apenas crianças!

João permaneceu firme, apesar do medo e do nervosismo. Prosseguiu:

- Somos jovens, mas já aprendemos muito. Mas não queremos ensinar nada a vocês, queremos apenas falar sobre Jesus e sobre Deus, nosso Pai.

O homem voltou ao semblante desconfiado. Até que outro homem, mais velho se aproximou e cochichou algo no ouvido dele, que respondeu da mesma maneira. Pareciam estar decidindo se permitiriam que João e seus irmãos pudessem falar em seu vilarejo ou não. Depois de alguns instantes assim, o homem disse:

- Vocês podem ficar apenas hoje. Podem falar, mas queremos ouvir também e se nada mais do que sabemos tiverem a dizer, irão embora. De noite ou dia.

João sorriu, agradeceu e não perdeu tempo, começou ali mesmo a falar sobre a vida de Jesus. No início, as pessoas estavam com bastante receio e acreditando que os irmãos não tinham muito a acrescentar no que já sabiam. Mas, aos poucos, João foi dizendo informações contidas apenas em

alguns escritos, mas sem os mostrar. E isso significava informações novas, desconhecidas daquela gente. Isso começou a prender a atenção de todos e cada vez mais pessoas se aproximavam para ouvir João, até que praticamente todos do vilarejo estavam o ouvindo.

João foi ganhando confiança, sentia-se bem a cada nova frase, a cada novo tema. E ficava ainda melhor, pois que algumas perguntas surgiam das pessoas e João as conseguia responder com facilidade.

Mas em dado momento, o homem que os interrogou no início colocou a procedência das informações sob suspeita. Porém, João não se intimidou e mostrou alguns escritos que confirmavam o que estava dizendo. O homem se calou, mas outro perguntou de onde eles tinham tirado aqueles escritos. João disse que os recebera de um amigo de mais idade e continuou a falar sobre os evangelhos e sobre Deus.

Sem mais contestações, prosseguiu firme durante um longo tempo. Não estava difícil, uma vez que aquelas pessoas já eram monoteístas e aceitavam Jesus como o messias prometido, queriam apenas confirmar se os irmãos sabiam mais que eles e se as informações extras eram confiáveis. Eram pessoas pacíficas.

Depois de muito tempo, João terminou e as pessoas, inclusive o homem que os interrogou no início, o agradeceram por ter proporcionado tantas novas informações a respeito de Jesus. O homem disse:

- Amigos, fiquem conosco este fim de dia e passem a noite conosco. Daremos comida, bebida e um teto para dormirem.

João respondeu sorrindo:

- Obrigado, bom senhor. Aceitaremos. Há algum tempo não dormimos sob teto algum, exceto o do próprio Deus.

E assim João e seus irmãos se recolheram em um casebre vazio que o homem lhes mostrou, com esteiras onde poderiam dormir. Depois foram oferecidos alimentos, como pão, queijo, frutas e azeitonas, além de água e um pouco de vinho.

Os irmãos alimentaram-se, agradeceram e após ficarem sozinhos, fizeram a oração de fim do dia. Deitaram-se e dormiram tranquilos.

Na manhã seguinte, após a oração matinal, saíram do casebre e logo avistaram o homem, que novamente os agradeceu. João e seus irmãos se despediram agradecendo a acolhida e partiram novamente pela estrada rumo a mais um ponto

desconhecido para levar os ensinamentos sobre Jesus, falar sobre Deus e sobre o amor.

Assim, novamente os irmãos colocavam os pés na estrada, porém muito mais confiantes e seguros. Estavam sorridentes e felizes. E em uma parada que fizeram, a voz de Askhetar foi ouvida por todos:

- Felicidades a todos, pois cumpriram bem a missão naquele local.

Os irmãos se assustaram no início, pois foram pegos de surpresa, porém logo reconheceram o amigo e agradeceram as felicitações. João respondeu:

- Obrigado, amigo. Sei que estava conosco.

Askhetar respondeu:

- Sim, João, não há dúvidas disso. Porém, sabem que este foi o primeiro de muitos. E que neste a boa semente já estava plantada e que nada além de regar foi o que fizeram, bem é certo, mas saibam que em muitos outros haverá maiores barreiras. Fiquem felizes, sim, mas sem perderem a realidade de vista.

Lúcio abaixou a cabeça, em sinal de tristeza e lamentação, porém Lúcia e João, ao contrário, estavam sorrindo. A menina disse:

- Não fique assim, Lúcio. Nós já sabíamos que seria assim mesmo. Temos é que agradecer a Deus por nos proporcionar que o primeiro lugar fosse tão bom e nos deixar bem mais confiantes para os próximos.

João acrescentou:

- Sim, meu irmão. Deus nos ajuda. Sigamos em frente e felizes!

Lúcio levantou a cabeça e sorrindo, disse:

- Vocês estão certos...

Askhetar complementou e se despediu logo em seguida:

- Não temam nada que aparecer no caminho de vocês, pois que estão em missão Divina. Nada os pode deter, acreditem nisso. Tenham calma, fé, perseverança, mas com sabedoria para recuarem quando não houver receptividade. Fiquem com Deus. Estou por perto.

Assim, após Askhetar partir, os irmãos se abraçaram e ali permaneceram para descansar da caminhada.

## Capítulo 11

A vida de João e de seus irmãos estava delineada. Mas por quanto tempo aguentariam como evangelizadores? Afinal, não passavam de jovens recém-saídos da infância. Evangelizar naquela época não era tarefa fácil; ao contrário, muitas vezes a violência física era utilizada para afastar quem professasse contrariamente à crença local. Não iriam esses irmãos querer viver outra vida, que não essa? Seria justo com eles?

A verdade é que a própria vida os conduzia para a posição em que estavam, através de séries de eventos. No entanto, a decisão é individual. Cada qual decide sobre si mesmo, sobre seu futuro e as atividades que deseja cumprir.

João era dos três irmãos o mais empolgado com a situação, apesar de preocupado em ser tido como bruxo pela sociedade. Tinha a possibilidade de ver os espíritos, o que garantia certa vantagem em relação aos seus irmãos no tangente à confiança para execução da missão. Porém, ainda naquele momento, parecia confuso e receoso quanto ao futuro. Não sabia exatamente como deveria se comportar em relação à duração da tarefa - se esta seria para a vida inteira ou não.

Lúcio era o mais inseguro. Por ele, o que já tinham feito estava bom, portanto, poderiam parar em algum vilarejo, montar casa, arrumar trabalho e

ficar por lá mesmo. Mas não tinha força suficiente para fazer isso sozinho. Precisava de João e de Lúcia, mesmo como apoio. Por vezes, pensava em falar com João na tentativa de fazer um pouco diferente ou mesmo parar com as evangelizações e entregar os escritos para as autoridades religiosas. Porém, sem confiança em si mesmo, apenas seguia João sem muita expectativa no porvir. Já havia se cansado daquela vida, queria parar, mas jamais abandonaria João e jamais conseguiria pedir para que parasse.

Apesar de ser a mais jovem, Lúcia era a mais consciente dos irmãos. Tinha a capacidade de se manter tranquila e segura sobre o que acontecia. Apoiava João e sabia que seu irmão era diferente do habitual. E, por algum motivo, sabia que estava ali para ajudá-lo, para apoiá-lo. Iria até o fim, não por gratidão, em agradecimento pelo que João fez a livrando de um casamento armado por seu pai, mas por se sentir bem ao lado de João executando o que estavam fazendo. Lúcia sentia-se feliz e iria até onde João indicasse.

Depois daquela pausa, os irmãos caminharam bastante e passaram em alguns vilarejos próximos de onde estavam. Em todos eles não encontraram muita resistência, pois todos eles já conheciam Jesus e acreditavam em um Deus único, talvez até mesmo por estarem todos esses vilarejos na mesma região. Com isso, os irmãos aprimoraram o discurso, a forma de passar os ensinamentos, a

maneira de apresentar os escritos que Lúcia lia para o povo, a forma como Lúcio fazia algumas orações e, principalmente, a forma como João os apresentava para os líderes dos locais solicitando permissão para falar ao povo. Tudo isso fez com que ganhassem confiança e experiência. Meses se passaram desde o desencarne do evangelizador e os irmãos permaneciam firmes em seu propósito de continuar seu trabalho.

Certa noite, Askhetar perguntou a João:

- Sente-se preparado para jornadas mais difíceis?

A pergunta surpreendeu João:

- Como mais difíceis?

- O trabalho de vocês é o de evangelizar, de levar a Boa Nova. Mas desde que o amigo partiu para o céu, ainda não fizeram isso.

- Como não fizemos? Isso é um absurdo! O que estamos fazendo desde então?

- Estão confirmando o que as pessoas já sabem, e não levando a Boa Nova. Levar a Boa Nova é a dizer para quem ainda não a conhece. Isso vocês ainda não fizeram.

- Você quer nos obrigar a isso?

Askhetar sorriu e respondeu:

- Não, João. Por isso perguntei se você sente-se preparado.

João ficou em silêncio. Tinha entendido o que Askhetar disse. Perguntou:

- Então... As facilidades que encontramos são obra sua?

- Não são facilidades. Acaso não precisam convencer as pessoas a deixar vocês falarem? Acaso não precisam se esforçar para que permaneçam ouvindo? Acaso considera fácil falar o que já sabem? Não são facilidades, João, apenas não é tão difícil quanto levar a Boa Nova. Mas, sim, ajudei no sentido de encaminhá-los para uma região onde a recepção seria melhor. Para o início, seria o ideal.

João novamente ficou em silêncio. Estava tentando pensar, mas acabou perguntando:

- O que você acha?

- Não posso decidir por você, João. Mas acho que já estão bem em relação a quem já conhece a Boa Nova. Porém, saber se estão prontos para novas jornadas é dever de cada um.

- Não sei se falarei com meus irmãos...

- Eles precisam saber, João.

- Mas, e se tiverem medo?

- Medo podem ter, mas isso também pode significar que estão despreparados. E também não podemos violar a liberdade de cada um.

- Falarei com eles e decidiremos o que fazer.

Naquela noite mesmo João procurou os irmãos com este assunto:

- Falei com Askhetar. – disse a Lúcia e Lúcio.

Lúcio olhou para ele com certa surpresa. Afinal, quase todas as noites João falava com Askhetar e nem por isso dizia para eles. João prosseguiu:

- Ele perguntou se estamos preparados para novas jornadas, mais difíceis.

- Mais perigosas? – Lúcio perguntou.

- Possivelmente. – João respondeu.

Lúcio levantou-se do chão e reagiu contrário à ideia:

- O que ele quer de nós? Já não sofremos o bastante? Longe da família, sem ter onde morar, trabalho, sem ter como se alimentar regularmente,

sem saber o que encontraremos pelo caminho? O que ele quer de nós, João?

- Lúcio, acalme-se... Ele apenas perguntou... Não quer nada de nós... Somente nos ajudar.

- Nos ajudar? Como? Arrume uma casa para morarmos!

- Lúcio, essa não é a solução. Você sabe que precisamos cumprir nossa palavra... Temos de ir até o fim com ela.

- E onde é o fim, João? Onde? Onde isso tudo vai parar? Agora vamos enfrentar quem? Povos bárbaros que vão querer se alimentar conosco?

- Não, Lúcio. Não será assim.

- Você não sabe, João. Tudo o que sabe é que tem de fazer alguma coisa. Mas nem sabe ao certo o que seja. Sabe que tem de honrar sua palavra, mas não podemos parar um pouco? Ele mesmo parava e descansava, tinha casa e família!

- Lúcio, eu vou mesmo se não quiser ir. Você pode parar e ter sua casa, seu trabalho e até montar família. Se Lúcia quiser, pode ficar com você. Mas eu vou continuar.

Lúcio ficou calado. Sentou e não deu mais uma palavra aquela noite. Os irmãos dormiram sob certa

tensão. Na verdade, João pouco dormiu. Ficou envolto em seus próprios pensamentos, quase a noite toda. E Lúcio, dormiu bem menos que João.

Ao amanhecer, Lúcio já estava de pé. Havia levantado para ir caminhar um pouco sozinho, para refletir sobre o ocorrido e seus próprios pensamentos. João acordou com os primeiros raios do sol. E dormiu bem pouco, uma vez que somente bem tarde da madrugada efetivamente conseguiu acalmar-se para dormir.

No momento em que Lúcio voltava, João se levantava. O profeta, mesmo tímido, cumprimentou o irmão:

- Bom dia, Lúcio.

Lúcio respondeu com um sorriso:

- Bom dia, João...

Parecia que Lúcio desejava falar ainda mais, porém, não conseguia. João se antecipou, pois desejava a paz:

- Perdoe-me, meu irmão. Se puder escolher, peço que fique conosco. – João dizia de forma um tanto tímida, um tanto triste e cabisbaixa.

Assim que João terminou de falar, Lúcio rapidamente também se pronunciou:

- Também peço desculpas, João, fui ingrato... E saiba que estarei contigo sempre...

Após os pedidos de desculpas, os irmãos de abraçaram para selar a paz.

Porém, o sentimento em Lúcio não havia sido resolvido. A qualquer momento sua insatisfação com a situação poderia vir à tona novamente e com mais força.

Após Lúcia também acordar, alimentaram-se, fizeram as orações matinais e puseram-se novamente na estrada.

Enquanto Lúcio e Lúcio caminhavam abraçados e conversando, João se concentrou a olhar a paisagem perto do horizonte, andava para frente, porém seus olhos não desfocavam da linha horizontal e de tudo que dela estava próximo. E de repente, uma nova visão surgiu. João parou imediatamente de caminhar e ficou com seus olhos abertos, esbugalhados, por alguns segundos enquanto tinha a visão. Seus irmãos apenas perceberam que João tinha parado de caminhar um pouco depois e o profeta já estava saindo de transe. Lúcio logo perguntou:

- O que houve, João?

João comprimiu os olhos e respirou fundo, como que se preparando para falar e ao mesmo

tempo fazendo um gestual de quem volta de um transe mediúnico intenso, como que reconhecendo seu corpo novamente. Disse, após alguns instantes em silêncio e bem devagar:

- Tive outra visão...

- Mais uma! – Lúcio exclamava, porém com certo tom de interrogação.

- Sim – respondia, João.

Lúcia, com mais sensibilidade, caminhou para próximo de João, abraçou-o e perguntou:

- Você está bem, irmão? Quer beber um pouco de água? Sentar-se?

João sentou-se e aceitou a água. Após beber alguns goles, respirou fundo e começou a falar com seus dois atentos irmãos:

- Eu vi um grande incêndio. Tudo pegava fogo, era uma enorme vila de casas. As pessoas corriam para todos os lados. Pessoas queimadas ficavam presas de baixo de pedaços de casas que caíam. Eu via vocês dois também, mas estavam a salvo, tentando ajudar o povo, mas era impossível, o fogo estava alto e vi muita gente morrendo, sofrendo e implorando ajuda. Mas nada podia ser feito. Era tarde demais. – João se calou.

Depois de alguns instantes em silêncio, Lúcio o quebrou perguntando com calma:

- Você conhece o lugar?

- Não... – João dizia com voz fraca.

- Nem as pessoas? – Lúcio insistia nas perguntas.

- Não... Não conheço nada daquele lugar, não sei que lugar é... Mas são pessoas que podem morrer de um jeito horrível... E nem sei como ajudá-las, não sei como as encontrar para tentar avisar...

Lúcio e Lúcio se entreolharam e abaixaram suas cabeças. Não havia o que fazer, pois João não tinha qualquer pista sobre quando seria o incêndio e onde seria. Porém, Lúcia teve uma ideia empolgante:

- Fale com seu amigo! Ele deve saber de algo!

João sorriu enquanto dizia:

- Askhetar, sim! Ele deve saber de algo realmente. Ao menos alguma ideia pode nos dar.

- Não é melhor descansar um pouco antes? – Lúcio preocupava-se com o irmão.

Mas João não se importou:

- Não, Lúcio, estou bem.

Disse isso e fechou seus olhos buscando concentração. Focou seu pensamento em Askhetar e logo a voz do amigo pôde ser ouvida pelos irmãos. Mas Askhetar não estava visível para João, para que os outros irmãos não se sentissem desprestigiados, como sempre fazia em situações assim. Ele dizia:

- Bom dia, João, Lúcio e Lúcia.

Após os irmãos o cumprimentarem também, João foi direto ao assunto:

- Tive outra visão e preciso de sua ajuda.

- O que deseja exatamente, João? – Askhetar perguntava.

- Saber o que foi que vi, quando será e onde será e se ainda é possível evitar.

- Muitas questões... Diga-me o que viu, João.

- Você não sabe?

- Sei, mas você disse que desejava saber o que viu. Se você viu, diga-me você o que viu.

- Um incêndio?

- Um incêndio. Conhece o lugar?

- Não.

- João – Askhetar falava com tom calmo e professoral – isso irá acontecer bastante de agora em diante. Você terá visões sobre épocas distantes que você nem irá viver. Sobre lugares que não irá visitar e pessoas que não irá conhecer. Acalme-se, pois se for de interesse Divino, terá a chance de falar com essas pessoas na tentativa de evitar o que está tendente a acontecer.

Lúcio se antecipou em dúvidas:

- Mas Askhetar... Se João verá pessoas e lugares que não irá conhecer e épocas distantes, depois de sua morte... Do que adianta que veja?

Askhetar continuava a responder com calma:

- O homem pode morrer, mas o que fez, o que disse, permanece como herança para o povo, de sua época e de outras que o sucederão.

João ficou curioso:

- Então, Askhetar, você quer nos dizer que verei muito do que pode somente acontecer depois de minha morte e que terei de contar isso para as pessoas para que as próximas gerações também saibam e se previnam?

Askhetar foi singelo:

- Sim.

- Mas como? – João perguntava.

- Conte como história para as pessoas, escreva, diga para todos, não mantenha em segredo.

Lúcio disse:

- Não sabemos escrever...

Mas Lúcia interrompeu:

- Eu sei! Aprendi com nosso amigo quando também aprendi a ler!

- Você também sabe escrever? – Lúcio perguntava surpreso.

- Sim. E posso ensinar o que sei para vocês, para que todos saibam igual, para que se um faltar, os outros consigam continuar.

Enquanto Lúcio e João se admiravam com a esperteza da menina, Askhetar continuava:

- Apenas tenha calma, João. E registre tudo o que vir. E de alguma forma, conte para as pessoas. E deixe que elas façam suas considerações. Seu trabalho é ver e contar.

Mas João ainda não estava satisfeito:

- Mas Askhetar... Por que verei coisas que muito tempo depois acontecerão? Por que outro não vê próximo de acontecer?

- João, há coisas que somente o Pai sabe. Mas há uma tendência a se acreditar mais no que é mais antigo, de outra geração. Os povos darão valor a coisas vistas agora. Se outros vissem no futuro o que estava prestes a acontecer, talvez ninguém os ouvisse, e ainda poderiam debochar e taxá-los de insanos ou loucos, bruxos ou feiticeiros.

- Mas podem me chamar assim mesmo hoje.

- Sim, mas mesmo que te matem hoje, João, se contar o que viu, as gerações futuras poderão valorizar ainda mais o que disse, por ter sido perseguido e morto por suas palavras.

- Então, morto tenho mais valor?

- Não é exatamente isso. Mas em parte, sim. Porém acalme-se, pois se ainda nada contou, não tem como temer a morte e a perseguição.

João se calou por alguns instantes e logo em seguida disse a Askhetar:

- Isso é muito maior do que eu imaginava...

Askhetar respondeu:

- Sim, João... É muito maior...

João sorriu e respondeu:

- Obrigado, Askhetar.

O amigo espiritual despediu-se dos irmãos, que se abraçaram e se puseram novamente a caminhar.

Após o transcorrer de vários dias, os irmãos avistaram um vilarejo, porém, este era o maior que já haviam visto. Lúcio exclamou assustado:

- Parece uma cidade!

João questionou:

- Não é uma cidade?

Porém, Lúcia concluiu:

- Importa ser cidade ou não? O tamanho do lugar faz diferença?

- Não, Lúcia... Tens razão. – João respondeu à irmã com serenidade.

Então, um pouco receosos, porém cheios de vontade, os irmãos caminharam na direção do enorme vilarejo.

Ao chegarem, perceberam a intensa movimentação de pessoas com animais, vasos de cerâmica, artesãos trabalhando, comerciantes e casas familiares. O que fez Lúcio voltar a interrogação:

- Não é mesmo uma cidade?

Mas sorriu após o comentário e João e Lúcia entenderam que o irmão fizera uma piada, para descontraír. Após sorrir, João voltou-se aos irmãos e disse:

- Se é cidade ou não, não é importante. Mas, pelo tamanho e movimentação, não precisamos pedir autorização a ninguém. Nem saberia a quem o fazer. Começemos.

Dito isto, João se deslocou para uma lateral, se concentrou para realizar uma pequena oração, e nesse momento no qual se concentrava, Askhetar falou em seu ouvido:

- Comece com sua visão.

João abriu os olhos um pouco assustado, mas lembrou da conversa que tivera com seu amigo espiritual. Olhou em volta e viu um pedregulho no qual conseguia subir e se elevar um pouco do chão. Assim, João subiu no pedregulho e começou a falar com o mais alto tom de voz que conseguiria alcançar:

- Eu vi um incêndio que queimava casas, pessoas e causava muitas mortes e sofrimento!

A reação de Lúcio e Lúcia foi de espanto, pois não esperavam que João iniciasse com a visão. Inclusive não acreditavam que seu irmão pudesse contar a visão daquela forma, abertamente e sem medo.

Porém, a primeira frase de João chamou a atenção de alguns, que logo se viraram e se puseram a olhar para ele, que prosseguiu:

- Uma enorme vila de casas consumida pelas chamas, onde mortes horríveis aconteciam e pessoas ficavam presas embaixo de escombros incendiados!

Seus irmãos olhavam perplexos para as pessoas que chegavam mais perto para ouvir João. Alguém gritou do meio do povo:

- Como sabe disso se é tão menino?

E João respondeu intuído por Askhetar:

- Não há idade para se ver as coisas... Se existir Deus no coração, qualquer um que creia firmemente poderá realizar coisas de espantar, como nos ensinou Jesus! Vocês os conhecem?

João conseguiu fazer uma conexão entre a visão e os ensinamentos que desejava passar, e iniciando pelo que viu, chamou a atenção do povo, despertando assim seu interesse. Ele continuou a falar sobre Jesus, até que fez uma pequena pausa e outra pessoa voltou a questioná-lo sobre sua visão:

- Mas você é jovem para ser um profeta!

Outro indagou com malícia:

- Não é muito menino para querer ser um grande profeta?

Mas João, desta vez sem a orientação de Askhetar, respondeu com firmeza:

- Não desejo ser grande. Desejo servir a Deus no que puder, onde Ele me capacitou. Meu nome é João... E sou não um grande, mas um pequeno profeta.

Após esta explicação, o povo calou-se e apenas continuou ouvindo os ensinamentos que João, com segurança, transmitia. Ninguém saiu do lugar. Outros se aproximaram. Cada vez mais pessoas ouviam o que João dizia. Seus irmãos quase não acreditavam no que viam, mas estavam muito contentes. Ao final, após um período não tão grande como de costume, João reconheceu alguns sinais de cansaço e desgaste em algumas pessoas que o ouviam e preferiu encerrar. Quando o povo

percebeu que João se encaminhava para o término, alguns o perguntaram se não tinha outra visão para contar ou se poderia fornecer mais detalhes sobre o que vira. João apenas respondeu:

- Falei tudo que sei. Não tenho outra visão, mas caso tenha, contarei a todos que puderem me ouvir.

Fez uma oração com todos e desceu do pedregulho. Neste momento, algumas mulheres se aproximaram com crianças e uma delas falou a João:

- Cure meu filho! Ele vai morrer! Cure me filho!

Outra, chorando, fazia pedido similar:

- Por favor, senhor profeta, expulse o demônio do meu filho!

E todas as mulheres faziam pedidos parecidos. João, assustado, não conseguia responder a nenhum. Askhetar falou em seu ouvido:

- Diga a elas para pedirem a Jesus em oração.

João repetiu o que ouvira:

- Por favor, senhoras... Peçam a Jesus que cure suas crianças. Ele pode, eu não posso, não sou capaz. Não sou santo, não tenho poderes de curar

os doentes e lunáticos. Orem a Jesus e peçam a cura, ele vai curar essas crianças.

Dito isto, João se afastou lentamente enquanto as mães igualmente faziam. Algumas insistiam no pedido, mas João, consciente de suas limitações, não se envaideceu e apenas afastou-se com Lúcia e Lúcio, na direção da saída do vilarejo.

Lúcio comentou:

- Foi impressionante! E eles acham que você tem poderes além de suas forças!

Porém João respondeu com firmeza:

- Não creia que isso é bom, Lúcio. Ouviram-me, mas colocaram-me em um lugar que não estou. Não gosto disso. Não sei se isso é bom ou mau, mas não gosto disso, de ser tido como santo.

Os irmãos saíram do vilarejo e pararam para descansar e se alimentar. Lúcia lembrou que tinham pouca comida, portanto precisariam retornar à vila antes de partir. João apenas a olhou, como consentindo e demonstrando receio ao mesmo tempo.

João preferiu descansar um pouco antes de voltar e conseguir alimento. Sentia-se cansado, com um desgaste no corpo anormal. Sentou-se próximo a uma árvore e acabou deitando e adormecendo.

O pequeno profeta se viu em um ambiente agradável, pois podia sentir a ambiência. Era uma cidade espiritual, a julgar pelas edificações, mas possuía uma extensa área verde, onde João estava. De repente, uma voz conhecida surge a seu lado:

- Seja bem-vindo, João, meu amigo.

Era o evangelizador. João olhou para o lado e ficou imensamente feliz em vê-lo. O abraço de forma intensa e carinhosa, pois sentia muito a sua falta. Disse a ele, emocionado:

- Graças ao Pai pude rever-te! Por misericórdia Divina! Foi doloroso? Não pude nada fazer...

O evangelizador interrompeu:

- Não pense nisso, João. Afinal, todos nós sabíamos o que iria acontecer.

- Que lugar é esse? – João perguntou.

- Vila Esperança. – o evangelizador respondeu.

- Fica próximo de onde estamos?

- Razoavelmente, mas abrange uma área europeia considerável. Mesmo assim não é uma das maiores, nem a principal colônia espiritual que temos por aqui. Vila Esperança é apenas um local de passagem, uma estada para quem desencarnou

em dor e sofrimento ou mesmo sem dores físicas, mas vítimas de acidentes, como o meu caso. Aqui, recebemos tratamentos devidos, todos os cuidados necessários e depois somos encaminhados para nosso local de morada, de acordo com nossa evolução.

- E você, como está? Recuperado? Parece-me que sim, já consegue se comunicar.

O evangelizador sorriu e respondeu:

- Praticamente recuperado. Tive muita ajuda e continuo tendo. Pedi muito para falar contigo. E foi permitido que tu viesse aqui. E preciso dizer, pois não poderá ficar muito tempo.

João perguntou:

- Mas por que eu? Por que falar comigo?

O evangelizador suspirou e respondeu:

- Quero estar perto de vocês, mas em breve irei para outra colônia e não poderei comunicar-me por algum tempo. Por isso, precisava falar agora. Sei que você e seus irmãos fazem um bom trabalho, fazem o que podem. Esforçam-se. E sei que o trabalho é mesmo difícil, por isso, venho assim dizer que não precisam mais realizá-lo, se assim desejarem. Podem voltar para suas vidas. Apenas peço que entreguem os escritos à minha esposa.

João fez apenas uma pergunta:

- Você quer que paremos ou nos dá o poder de escolha, apenas?

- Quero que se sintam livres.

- Nesse caso – João respondeu – digo de minha parte que não irei mais parar. Não posso responder por meus irmãos, principalmente por Lúcio. Porém, não posso voltar para minha vida, pois esta agora é minha vida, já entendi isso. E começo a ver o tamanho da responsabilidade disso tudo. Apenas espero, que mesmo sem ter a condição ou permissão de se comunicar, que olhe por nós onde estiver.

O evangelizador sorriu, pois ouviu exatamente o que queria, mas precisava dizer o que disse. Respondeu:

- João, você é um grande amigo e um grande homem. Continue neste caminho de Deus. E sempre olharei por você e por seus irmãos, sempre pedirei por vocês, mesmo que não falem mais de Jesus, ainda assim. Que Deus abençoe a vocês. Agora você precisa ir, João. Fique com nosso Pai e lembre-se que o amo como a um filho de sangue.

João sorriu e o evangelizador foi caminhando para algumas árvores. E neste momento, João acordou. Lembrava-se de tudo, até mesmo dos

detalhes. E não considerou sonho, sabia exatamente que se tratava de uma visita sua ao local onde o amigo estava.

Chamou seus irmãos e contou o ocorrido. Lúcia demonstrou imensa felicidade por saber que o evangelizador estava bem. Lúcio também ficou feliz, mas a resposta de João, dizendo que não pararia o trabalho, o incomodou um pouco, mas nada disse a esse respeito. Depois de tantas alegrias, era o momento de retornar à vila e tentar conseguir comida.

- Como pretende fazer, João? – Lúcio questionou sobre a comida.

- Não sei. Vamos entrar lá e falar com algumas pessoas, pedir ajuda. – respondeu o profeta.

Assim retornaram à vila e ao entrarem já começaram a ir a algumas barracas de comerciantes pedindo alguma comida, porém seus pedidos eram veementemente negados. Mas João não se intimidava e continuava na busca. Até que uma jovem aproximou-se e perguntou a João:

- Você é o profeta que falou sobre o incêndio?

- Sim. - respondeu João.

- Por favor, venha comigo. Meu pai deseja vê-lo e oferece comida e bebida para recebê-lo.

João ficou um pouco receoso, mas ouviu a voz de Askhetar dizendo que era seguro ir. João chamou seus irmãos e foram para a casa da jovem.

Quando lá chegaram, João e seus irmãos entraram na casa com a permissão do anfitrião, um senhor muito idoso, mas com vitalidade jovial. Sua esposa, tão jovem quanto sua filha, também estava no ambiente. O anfitrião disse:

- Sejam bem-vindos, amigos. Esta casa é casa do Senhor. Está é minha terceira esposa, e minha filha mais nova, da segunda esposa. Desejo oferecer a comida que desejarem e a bebida que puderem beber.

João aceitou. Os irmãos sentaram-se para fazer a refeição. Lúcia perguntou se poderiam levar alguns pedaços de pão e frutas. O senhor riu e disse que poderiam levar tudo o que desejassem.

João ficou imaginando o que aquele senhor queria com eles. E qual o motivo de tanta gentileza. Depois de algum tempo sem qualquer pista, foi direto ao assunto:

- Meu bom senhor, o que podemos fazer por ti?

- Nada. – respondeu, sorrindo. – Apenas queria oferecer comida. Sei que profetas perambulam sem muita comida. Quis ajudar.

- Muito obrigado, meu bom senhor. Nos ajuda bastante! – João exclamou.

Após a refeição e várias conversas interessantes e de pegarem bastante comida para levar, João e seus irmãos se despediram e o senhor pediu que sua filha os levasse até a entrada da vila.

No caminho, a jovem, muito atraente, insinuou-se para João através de olhares e gestos sensuais. João, que não era bobo, percebeu o que acontecia, mas preferiu fingir que não estava entendendo. Ao se aproximar da entrada da cidade e sem qualquer resposta de João, a jovem foi bastante atirada e pegou em seu braço, dizendo baixinho em seu ouvido:

- Não precisa ir embora agora. Fique comigo mais um pouco. Conheço um lugar onde nós dois podemos ficar sozinhos.

A resposta de João foi simples e sem que ele perdesse o controle:

- Muito obrigado pelo convite, mas tenho uma missão a cumprir.

Assim despediu-se da jovem e partiu junto com seus irmãos. Nada sentiu de remorso ou vontade de retornar para aceitar a proposta. João foi extremamente firme em seu propósito. Este foi um

grande teste para ele, que amadurecia a cada novo evento.

Existiam cidades maiores ao norte e para lá estavam rumando os irmãos. Porém, antes de chegarem, encontrariam alguns vilarejos pelo caminho. Locais que treinariam ainda mais João e seus irmãos, preparando-os para atuação nas grandes cidades.

Os irmãos não perderam tempo e lá se foram em sua caminhada. Porém, devido ao avançar do dia, não poderiam ir muito longe, pois não gostavam de andar à noite. Com isso, ao encontrarem um recanto propício ao descanso, ali ficaram no intuito de passar a noite.

João pôs-se a pensar em tudo o que havia acontecido, o que disse na vila, sua visão sobre o incêndio, as mães querendo que ele curasse crianças, a ida até o evangelizador e a oportunidade de falar com ele, a jovem. O pequeno profeta ficou sentado em silêncio, enquanto Lúcia ensinava Lúcio a escrever.

João fez uma oração rápida e interna de agradecimento a Deus por ter conseguido realizar tanto. Após esta oração, teve outra visão.

João viu novamente um enorme incêndio em uma grande edificação. Mas João não viu pessoas sendo queimadas, viu apenas livros serem

queimados. Não somente livros, mas rolos de papiros também.

Depois João saiu do transe e sua reação não era mais de susto, era de curiosidade. João queria saber que lugar era aquele, se estava próximo ou não de acontecer. Pensou em chamar Askhetar, mas considerou que talvez seu amigo espiritual não fosse responder com clareza questões como aquela. Porém, lembrou-se do que foi dito por Askhetar na vez anterior, que ele deveria ver e contar para as pessoas. Foi então que teve uma ideia muito boa.

- Lúcia, Lúcio – João chamava seus irmãos – conseguimos escrever algo nesses papiros? Existe espaço?

A irmãzinha respondeu:

- Espaço existe, João. Mas acredito que não seja prudente usá-los para escrever mais nada.

- Tem razão, Lúcia. – João dizia com desapontamento.

Lúcio ficou intrigado:

- Mas, João, o que você quer escrever?

- Minhas visões. Askhetar não disse que teria que ver e contar o que vi? Pois bem, posso ver, contar e, para aqueles que não podem me ouvir,

escrever, pois algum dia alguém poderá ler, como fazemos com esses ensinamentos que carregamos.

Lúcio sorriu, consentindo com a ideia. Mas ponderou:

- Precisamos de papiro. Onde arranharemos?

Lúcia foi rápida em seu raciocínio:

- Existem lugares santos onde monges copiam ensinamentos como estes que temos. Lá existe papiro. Será que nos dariam alguns?

João respondeu:

- A ideia é boa, Lúcia. Mas não sei se os monges nos receberiam ou teriam interesse em nos dar papíros.

- Não podemos fazer papíros? – Lúcio perguntou a seus irmãos.

- Fazer? Mas do que é feito? – João perguntou.

- Não sei, mas podemos descobrir e fazer nosso próprio papiro. O que acham? – Lúcio propôs.

Lúcia respondeu:

- Acho que é possível... E precisaremos de tinta também. Mas deve ser tão fácil quanto fazer papiros.

Lúcio perguntou:

- Mas onde descobriremos como fazer papiros?

- Não sei – disse João – mas isso também iremos descobrir.

João contou sua nova visão para seus irmãos, que também reagiram como ele, tentando descobrir os detalhes. Lúcio propôs a comunicação com Askhetar, mas João o advertiu de que não teriam as respostas claras.

Os irmãos, então, fizeram suas orações de fim de tarde, alimentaram-se e foram dormir.

## Capítulo 12

A vida seguiu e João e seus irmãos continuaram em sua missão de evangelizar e de contar às pessoas as visões de João. Eles encontraram uma pequena vila onde já se fazia papiros, e devido à bondade de um senhor muito idoso agradecido por ouvir os ensinamentos de Jesus, ganharam vários rolos, o suficiente para que escrevessem todas as visões. E ainda aprenderam também com esse senhor a fazer tinta. Lúcio e Lúcia escreviam as visões, com os detalhes que João dizia. Porém, ele não as lia para o povo, as contava. Ou seja, não mostrava os papiros com suas visões para ninguém.

Após a visão do incêndio de muitos livros, que foi uma visão de séculos depois, João voltou a ter apenas visões de eventos próximos no tempo e de acordo com o local onde estava. E com a confirmação das visões, João ganhava a confiança do povo, que o tratava definitivamente como profeta.

Porém, essa primeira parte servia apenas para que João ganhasse confiança em si mesmo, observando cada vez mais detalhes das visões. E para que seus irmãos conseguissem cada vez mais recursos de escrita, através da prática. A questão com o povo, que ganhava confiança em João, não era importante, era uma consequência e servia como termômetro. As principais visões estavam

por vir. E eram visões para o futuro, próximo e mais distante.

Passaram-se alguns anos e João e seus irmãos continuavam com o trabalho de evangelização, sem cansar. Era impressionante a força de vontade desses irmãos. De povoado em povoado, de vilarejo em vilarejo, de cidade a cidade. Eram evangelizadores nômades. E a notícia de um jovem profeta corria entre as pessoas.

O contato com Askhetar continuava constante e preciso. Lúcio não mais estava inseguro e já mostrava sinais de satisfação com a vida que levava. Lúcia estava, como sempre, muito feliz e agradecida com tudo o que acontecia.

Um dia, Askhetar aproveitou que João estava acordado e seus irmãos dormindo, e surgiu para o pequeno profeta:

- Boa noite, João.

- Boa noite, Askhetar – João respondeu ao cumprimento.

- Como se sente?

- Bem. Na verdade, como sempre me sinto. Por quê? Há algo novo?

- Não totalmente novo, mas com algumas mudanças importantes.

- E o que seria, Askhetar, você pode dizer?

- Sobre suas visões. A partir de agora, elas começarão a se distanciar no tempo cada vez mais, até você cumprir sua missão.

- Você fala como se eu fosse morrer daqui a pouco tempo...

- Não. Só Deus o sabe, mas não há essa tendência. Para cumprir totalmente sua missão, ainda falta algum tempo, porém uma das partes mais importantes se inicia agora, com a mudança nas visões.

- E devo me preocupar com isso?

- Não. Mas precisa saber que, ao contar para o povo, precisará dizer que não é algo que irá acontecer em pouco tempo. E também será preciso começar a escrever novamente nos papiros.

- Não entendi, Askhetar. Devemos jogar fora o que já foi feito?

- Não. Devem guardar aqueles e não misturar com os que virão.

- Entendo...

Assim, Askhetar se despediu e João adormeceu. Muito iria mudar na vida de João e de seus irmãos.

Na manhã seguinte, logo ao acordar, antes mesmo do nascer do sol e do despertar de seus irmãos, João sentiu-se impelido a levantar-se. Parecia que algo pedia que acordasse e fosse caminhar.

João, que já estava acostumado com situações assim, não mais tentava conter esses ímpetos e concordou. Levantou-se e foi caminhar. Porém, a mesma vontade que teve para se levantar e caminhar, teve para sentar-se próximo a uma árvore, como assim o fez. Começou uma nova visão.

João viu um homem vestindo roupas finas, bonitas e elegantes, usando um chapéu grande, branco e pontiagudo. Este homem passava uma imagem de muito poder. Levantava seus braços e uma multidão o seguia. Porém, o que mais assustou João foi que as pessoas da multidão não tinham olhos. Havia buracos no lugar dos globos oculares. Todavia, nenhuma pessoa da multidão se importava com o fato de não ter olhos. Na verdade, João teve a impressão de que eles não sabiam que não tinham olhos. E, assim, seguiam o homem majestoso sem ver, nem pensar. Havia outros homens vestidos de forma parecida com aquele, sem tanta pompa ou glória, mas todos o seguiam, apesar de haver certo clima de traição e escândalo no ar. O homem, que

vestia as roupas mais finas, e que era o centro das atenções com sua roupa em tecidos vermelho e branco, desenrolou um papiro e começou a falar como se estivesse contando os ensinamentos de Jesus, como João fazia. Porém, João não conhecia aquelas passagens; João não conhecia o que o homem estava falando e tinha a intuição de que se tratava mesmo da vida de Jesus.

João voltou ao normal. A visão tinha acabado. Ele estava atônito com o que vira. E poucos segundos após o término, logo correu para seus irmãos, acordando-os e pedindo para que escrevessem aquela visão, que achava a mais interessante que já tivera.

Enquanto contava, Lúcio ficou curioso:

- Quem é esse homem?

João respondeu:

- Não sei. Mas é alguém muito, muito poderoso. Seu poder estava além de minha compreensão.

- E o que ele lia? – Lúcia perguntou.

- Tive a impressão de que eram os ensinamentos sobre a vida de Jesus, mas eu não conhecia aqueles trechos. – João explicava.

Lúcia continuou indagando:

- Mas como não conhecia? Não sabemos sobre a vida de Jesus?

Lúcio respondeu:

- Não sabemos tudo. Existem outros escritos que não estão conosco, devem estar com esse homem e seus amigos.

- Não são tão amigos... – João observou.

- Amigos ou não – Lúcio completava – talvez tenham conhecimento que não temos. Mas como sabia que eram passagens sobre a vida de Jesus?

João respondeu:

- Eu ouvi o nome do mestre várias vezes, mas não identificava o que o homem dizia que Jesus disse, com o que sei. E tive uma forte impressão de que eram sim, trechos da vida de Jesus.

Os irmãos silenciaram e Lúcio com ajuda de Lúcia terminou de escrever. Sem ter uma exata noção do que tinha visto e sem chegar a nenhum consenso com seus irmãos, João preferiu falar com Askhetar, mas seu amigo foi lacônico em suas respostas, não fornecendo nenhuma pista concreta sobre a visão. Nem poderia, pois João precisava entender o que via, não podia ter a visão decifrada. Precisava se esforçar. E se não conseguisse, significava que as respostas apenas viriam a seu

tempo, no momento certo, através da percepção e vivência de outras pessoas, que lessem os escritos sobre suas visões.

Durante alguns dias, João ficou com suas dúvidas sobre aquela visão lhe permeando a mente. Não conseguia desvendar quem era o homem poderoso e o que tudo aquilo representava. Apenas sabia que a leitura feita era sobre a vida de Jesus e trechos que ele desconhecia.

Até que um dia percebeu que conhecia alguns trechos, porém estes estavam sendo contados de forma diferente. Ele lembrou que o homem poderoso dizia que Jesus falava à grande multidão, o que ficou conhecido como sermão da montanha, isso ele identificou, porém as palavras de Jesus eram outras, diferentes e sem citar alguns aspectos que intrigavam o próprio João, como quando Jesus dizia sobre “a volta do espírito em outro corpo”.

Isso somente deixou João mais confuso. Decidiu insistir com Askhetar, que convocado, não negou a aparição.

- Boa noite, João. Como se sente? – Askhetar cumprimentou o amigo.

João respondeu com a mesma educação:

- Boa noite, Askhetar. Sinto-me bem, mas ainda confuso com aquela visão. O que pode me dizer sobre isso?

Askhetar não fugiu da pergunta:

- João, como sabe, não posso interpretar para você. Pois, como lhe disse, as pessoas irão descobrir o significado no tempo certo. E pode não ser agora. Eu não posso interferir nisso, mas se você decifrar, significa que o tempo é este.

João continuou:

- Mas fiquei confuso, porque o homem poderoso da visão lia um trecho da vida de Jesus que lembrei que conheço, mas as palavras que o Mestre dizia eram outras, totalmente diferentes. Essa visão vai se cumprir ou tem chance de não se cumprir?

- Há fortes chances de se cumprir. – Askhetar respondeu de forma curta.

- E como vou contá-la ao povo? Digo, sem saber do que se trata?

- Diga como viu. Apenas isso.

João ficou em silêncio. Askhetar percebendo sua ansiedade em relação às visões, resolveu falar um pouco sobre isso, no intuito de acalmar seu amigo:

- João, entenda que suas visões irão se intensificar. E a maioria delas você não irá compreender. Como disse antes, você precisa ver e contar. E você, além de contar, ainda está escrevendo, o que vai possibilitar que muito mais pessoas saibam o que você viu.

João respirou fundo e fez uma pergunta de âmbito geral:

- Quando as pessoas irão ler o que escrevemos? Ao final de nossas vidas, onde deixaremos todos os papiros? Se são visões para o futuro, como as pessoas do futuro conhecerão o que escrevemos agora?

Askhetar não fugiu às perguntas:

- As pessoas irão ler quando Deus disser que for o momento e elas estiverem preparadas para entender e houver possibilidade de aceitação. Vocês, quando chegar a hora, saberão o que fazer com os papiros. Terão a resposta dentro de vocês. Não posso interferir nisso também. As visões, muitas delas, são mesmo para o futuro e o que esperamos é que estejam registradas devidamente para serem mostradas e reveladas no momento certo.

- É possível que algo saia errado?

- Sim, é possível. Mas se algo der errado, Deus sempre encontra um jeito de consertar e fazer com que as coisas voltem a seus lugares. De alguma forma, nem tudo se perde com os erros pelo meio do caminho.

João abaixou a cabeça e ficou pensativo. Askhetar disse a ele:

- Tende esperança, João. Confie em Deus. Ele lhe colocou um grande tesouro nas mãos e você está fazendo bom uso dele. Sorria e siga em frente com seus irmãos.

João sorriu e agradeceu ao amigo:

- Obrigado, Askhetar. Sei que não pode me contar tudo, mas sempre dá um jeito de me deixar melhor.

Askhetar também sorriu com a resposta e disse a João:

- Faço o que está dentro de minhas possibilidades, João. Também não sei tudo e aprendo muito com você. Fique com Deus.

Assim, Askhetar se despediu e João voltou para perto de seus irmãos. Estava um pouco menos confuso, mas a visão ainda permeava sua mente como um enigma. Porém, João entendeu que, se não era para decifrá-la, já estava registrada, o que

era mais importante. Então, aos poucos, a vontade de entender a visão foi passando e João começou a esquecê-la, abrindo espaço para novas.

Os dias se passaram e os irmãos continuaram a peregrinação. De cidade em cidade, João seguia contando suas visões e evangelizando as pessoas. A visão sobre o homem poderoso, que tanto confundiu João, era a que menos provocava interesse nas pessoas, para seu espanto.

Em alguns lugares havia quem tentasse cometer agressão contra os irmãos, julgando-os bruxos ou pervertidos. Mas havia quem os considerassem santos, com poderes especiais, inclusive de curar doentes. Mas João nunca se enganou quanto a isso. Ele sabia que não era santo ou podia curar as pessoas de doenças. Jamais de envaideceu com esse tipo de comentário.

Um dia, à noite, seus irmãos já tinham dormido e João estava sem sono, deitado e pronto para descansar. Mas sem aviso, teve outra visão.

Ele viu uma luz de fogo que cortava o céu e aumentava o calor nas pessoas, que corriam com medo e apavoradas. Havia outras luzes de fogo e todas elas caíam sobre as casas e incendiavam os lugares. Muitas mortes e sofrimento.

A sensação de dor em João foi tão intensa que, ao término da visão, desmaiou ali mesmo onde

estava. Somente depois de algum tempo acordou. Mas já recuperado, preferiu tentar dormir.

Ao amanhecer, João contou sua visão a seus irmãos. Lúcio a escreveu da forma que João a relatou. Nenhum dos três irmãos sabia o significado daquela visão. João, em vão, tentou entender, mas não conseguia encontrar nenhuma explicação ou vocabulário correto para narrar com exatidão o que viu.

Como de costume, os irmãos partiram em busca de mais um povo, mais uma cidade, mais pessoas para contar as boas novas.

João sempre começava seus discursos contando suas visões. Isso chamava a atenção do povo que, em seguida, ouvia os ensinamentos de Jesus.

A vida dos irmãos seguia como sempre, com tranquilidade. João tinha cada vez mais visões. A maior parte delas eram pequenas e se referiam a eventos que aconteceriam em poucos dias, às vezes em poucas horas. Essas chamavam muito a atenção do povo. As outras, João as escrevia em papiros diferentes.

Porém, João tinha dúvidas sobre algumas visões. Não sabia se eram para o futuro, como Askhetar disse, ou se eram para um futuro muito próximo. Porém, com o auxílio de Askhetar, que o orientou sobre as visões dizendo que foi preciso ver

sobre eventos próximos para despertar a atenção do povo, João conseguia separar bem as visões e as escrever nos papiros certos.

Os irmãos andavam por muitos vilarejos, cidades e muitas pessoas já os conheciam antes mesmo que chegassem a seu local. A notícia de que havia um novo profeta que não errava nunca corria entre as pessoas, que aguardavam a chegada de João com certa ansiedade e alegria, em alguns lugares.

Isso começou a chamar muita atenção e algumas pessoas que tinham o poder começaram a querer saber mais informações a respeito de João.

O Império Romano, já em fase de declínio, embora ainda muito poderoso, através de seus representantes, iniciou uma pesquisa para saber sobre João, aquele que era falado pelo povo, e falava de Jesus como se o tivesse conhecido pessoalmente, mesmo sem ter vivido em sua época.

Um governador romano confidenciou a um de seus comandados:

- Jamais houve tanta agitação depois de Jesus. Este, de nome João, deve ser parado. O Império não pode mais conviver com pessoas assim.

Mas foi interpelado pelo comandado:

- Com todo respeito governador, não vejo perigo maior neste de nome João. Não viveu com Jesus, não teve contato, ao que sabemos, com os discípulos diretos de Jesus e está longe da popularidade que o chamado messias teve. O governador não acha que o Império está sendo muito enérgico?

Respondeu o governador:

- Nossas ordens superiores são claras. É preciso abafar qualquer forma manifestação como esta, e no princípio.

Assim, sem saber, João e seus irmãos eram alvo de pesquisas do Império. E, mais tarde, passariam a ser também perseguidos pelos romanos.

## Capítulo 13

Em uma cidade, a maior em que João já havia pisado, ele falava a uma pequena multidão que o ouvia atentamente, pois já conhecia sua fama:

- Eu vi um futuro distante, mas não muito. Uma raposa virando cordeiro. Era uma raposa grande e forte, a maior raposa entre as raposas. Tinha a força de vários lobos e a autoridade de vários leões, mas era uma raposa. A maior e mais forte já vista. Muito respeitada por seu poder, temida pelos outros animais. Essa raposa transformou-se em cordeiro. E na frente de todos os homens! Todos viram a transformação! Mas depois, ninguém mais se lembrava da raposa, apenas enxergando o cordeiro, frágil e com aparência boa e dócil. Branco como as nuvens, tão manso que as crianças podiam brincar com ele. As pessoas, esquecidas da raposa e suas violências e agressões anteriores, apenas amavam o cordeiro como amavam seus pais e seus filhos. Porém, ao entrar em seu abrigo, o cordeiro virava um demônio e ria das pessoas, daquelas mesmas que o amavam como fosse o próprio Deus.

Askhetar havia orientado João a apenas escrever esta visão, e mais tarde somente a revelar, mas João não o ouviu e preferiu, por sua própria decisão, contá-la ao povo.

No meio do povo que ouvia, estavam vários informantes do Império. Portanto, não tardou para

que os romanos tivessem acesso a esta visão. E se o próprio João não conseguia entender o significado, o mesmo não acontecia com o Império, que sabia exatamente sobre o que João falava.

Em conversa com Lúcio e Lúcia, João explicou que Askhetar tinha falado que não seria bom revelar esta visão naquele momento, mas como ele não havia encontrado nenhuma lógica no que tinha visto, decidiu que não era nada demais. Lúcia foi a primeira a ser contrária à decisão de João:

- João, creio que tomou a decisão errada. Se Askhetar disse isso, tem um bom motivo. E se você não entendeu, não significa que a visão seja tolice, nunca foi. Acho que você deveria ter ouvido Askhetar, como sempre fez.

João ficou em silêncio, pois respeitava muito a opinião da irmã. Lúcio também se pronunciou:

- Por que não nos perguntou nada? Por que tomou sozinho a decisão de contar a visão? Nós estamos juntos contigo. Você vê, você fala, mas o povo sabe que estamos juntos. Acho que deveria ter nos ouvido.

João se aprontou para responder ao irmão, mas Lúcia disse que concordava com ele, o que fez que João se calasse. Os irmãos ficaram em silêncio. Já era tarde e já haviam feito as orações. Foram dormir. Porém João preferiu caminhar e conversar

com Askhetar. Chamou seu amigo, que prontamente respondeu:

- Boa noite, João. – sua voz era doce e cordial.

João respondeu com certa tristeza:

- Boa noite, Askhetar.

João considerou que o amigo espiritual diria algo, mas Askhetar ficou em silêncio, o que fez com que João se pronunciasse:

- Creio ter feito algo ruim...

Askhetar respondeu firme, porém com calma e sem alterar o tom de sua voz:

- João, eu não posso te obrigar a nada. Ninguém pode. Estou aqui para protegê-lo, orientá-lo e não mandar em você. Apenas te dei um conselho, uma orientação, mas você escolheu outro caminho, apenas isso. Não há dúvida de que foi um caminho que poderá trazer problemas mais cedo do que imaginávamos, porém eles viriam agora ou depois. Iremos continuar, de minha parte, como antes.

João sorriu, pois ouviu o que desejava. Apenas agradeceu e uma lágrima caiu de seu rosto. Despediu-se, pois não conseguia falar de tanta emoção. Voltou para perto de seus irmãos e se recolheu para dormir.

Ao acordar, a primeira providência de João foi se desculpar com seus irmãos que, na verdade, não estavam aborrecidos, apenas tinham uma opinião diferente sobre o assunto. Após conversas e abraços, os irmãos seguiram novamente o caminho, com alegria e satisfação.

Estavam a caminho de uma grande cidade, maior que a anterior. Era um grande teste, pois João jamais havia falado sozinho a tantas pessoas. E seria um grande risco também, pois o Império Romano já o observava de perto.

Durante uma noite, com seus irmãos já dormindo, João estava sentado em uma grande pedra observando o céu, como fazia quando na casa de seus pais, quando teve outra visão para o futuro.

Ele via grandes construções de pedra, com abóbadas imensas e grandes imagens de pessoas esculpidas. Via muitas pessoas que entravam nossas construções e adoravam crânios e outros ossos humanos. Muitas dessas pessoas saíam de muito longe apenas para visitar essas construções e admirar essas ossadas.

Depois a visão mudou um pouco e João teve a nítida sensação de um pequeno salto no tempo, mas essa nova visão teria ligação com a primeira.

Ele viu um grupo de homens muito inteligentes, cultos, habilidosos e com acesso ao poder, ao

dinheiro, mas que não era deles, apenas através de seus trabalhos, conseguiam consumir e desfrutar um pouco daquele dinheiro e poder que, na verdade, os comprava. João viu outro grupo de homens, esses os verdadeiros donos de todo dinheiro, usufruindo o poder. Esses homens pagavam aos homens do primeiro grupo com dinheiro, pois pediam trabalhos, e sendo entregues, recebiam o pagamento. João pôde ver alguns desses trabalhos: eram pinturas belíssimas, esculturas, e muitos desses trabalhos estavam expostos nas construções imensas que João viu primeiramente. Porém, tudo isto apenas foi a introdução da visão. O mais importante estava por vir... João viu um desses homens poderosos conversando com outro de barba e cabelos brancos, solicitando um trabalho diferente. O pedido era que ele criasse algo que seria apresentado como verdadeiro, mas seria uma farsa, uma invenção. E o pior, seria apresentado como sendo algo ligado a Jesus. O homem de barba e cabelos brancos aceitou, pois receberia muito dinheiro por isso. João teve a impressão, ao ver este quadro da visão, de que outros trabalhos como aquele seriam também encomendados e aceitos, sob condição de grande soma em dinheiro recebida.

João, ao sair do transe, ficou estarelecido com o que viu. Chamou Askhetar no mesmo instante. E foi atendido. Ao aparecer, o amigo espiritual saudou João:

- Boa noite, João.

Ao que foi respondido:

- Boa noite, Askhetar. Tive uma visão que muito me impressionou...

Askhetar disse:

- Eu sei. O que deseja saber a respeito?

João tinha um ar de dúvida na voz e em sua expressão corporal:

- Não sei exatamente... Mas o fato de Jesus ser usado para enganar o povo me incomoda. Estou certo? Entendi corretamente? Jesus será usado pelos poderosos para enganar o povo? Será traído novamente por dinheiro?

Askhetar, sempre calmo em suas explicações, iniciou realizando, em primeiro lugar, um importante esclarecimento:

- João, primeiro devo lhe esclarecer algo. Jesus não foi traído.

João lhe interrompeu com espanto:

- Não? Como não? Claramente os escritos contam que...

Desta vez Askhetar interrompeu João:

- Acalme-se, João. Tudo a seu tempo. Você irá entender essas coisas. Por hora, saiba que Jesus sabia o que iria acontecer. Judas fez o que Jesus já tinha conhecimento, portanto, o mestre não foi traído. Acredite.

João se calou com olhar de choque. Askhetar prosseguiu com as explicações da visão:

- Mas você tem razão quando diz que Jesus será objeto de ganância e será usado para iludir o povo. Jesus será um grande estandarte da vaidade, luxúria, egoísmo e orgulho na busca pelo poder e por mais poder, tudo comprado e financiado pelo dinheiro. Você entendeu certo.

João não conseguia se conter. Estava agitado com o que ouvia. Movimentava-se de um lado a outro, gesticulando e falando:

- Isso é uma completa heresia! Isso sim é uma completa heresia! Quem fala em nome desse homem santo pode ser perseguido e morto, mas quem o usa para enganar tem dinheiro e poder? Não entendo como isso pode acontecer! Isso é desrespeitoso, é uma heresia!

Askhetar aproveitou uma pausa no discurso de João e tentou acalmá-lo:

- João, lembre-se que precisa ver e escrever o que viu. Não tente passar as suas impressões

personais sobre a visão. Não tente dizer o que sente. Apenas escreva o que viu. E fique calmo, pois perder a paz não vai ajudar, tampouco mudar esse quadro.

João olhou para seu amigo e, mais calmo, disse:

- Tem razão. Tem razão, Askhetar. Mas concorda comigo?

- Isso é apenas o começo, meu amigo.

- Apenas o começo?

- Sim... Infelizmente.

João abaixou a cabeça em sinal de extrema tristeza e desconforto. Depois, olhou para Askhetar com olhar de indignação e disse:

- Obrigado, amigo. Mais uma vez, obrigado. Ditarei para Lúcio e Lúcia, sem dizer o que sei e penso. Vá com Deus.

Askhetar agradeceu e se despediu sorrindo:

- Boa noite, João. Fique com Deus.

Assim, o amigo espiritual retirou-se e João voltou a sentar na pedra. Estava pensativo e indignado. Ficou quase metade da noite acordado e pensando no que viu e nas informações que

Askhetar havia lhe passado. Aos poucos, tranqüilizou-se, mas o sentimento de que tudo aquilo era um completo absurdo para ele, não passava.

João dormiu pouco e pela manhã, após a oração matinal, ele contou suas visões para seus irmãos. E somente após elas estarem escritas, narradas conforme viu, sem a interferência de sua opinião, ele contou para seus irmãos o que achava e sua conversa com Askhetar. Evidente que a indignação foi a mesma. Mas, por fim, levantaram acampamento e seguiram seu percurso em direção a mais uma grande cidade, a maior que já haviam visitado. Um lugar dominado pelo Império Romano. Um grande perigo para eles, naquele momento.

Ainda faltam alguns dias para chegarem a tal cidade, e no meio do percurso, durante uma pausa no meio do dia, ao descansar recostado em à sombra de uma árvore, João teve outra visão:

Ele viu exércitos. Eram soldados romanos invadindo uma cidade, queimando casas, matando pessoas, mulheres e crianças; caçando pessoas como se fossem animais e as prendendo. Depois as levavam para lugares escuros onde eram torturadas. Muitas morram ali mesmo, outras eram executadas por leões, enquanto uma multidão assistia e vibrava com o que via. Porém, isso era um começo. Porque depois João viu aqueles que, para ele, pareciam os

mandantes de tudo aquilo. Eram poderosos. Mas João viu uma transformação. Aqueles que mandavam caçar, prender, torturar e matar, depois viravam líderes de um imenso povo e falavam em Deus e um Jesus, como fossem tementes a Eles, porém, sem de fato o serem. João viu esses homens rindo e caçoando, em segredo, do povo que acreditava no que falavam.

João saiu do transe e entendeu o que viu. Resolveu ali mesmo, sem consultar Askhetar e sem falar com seus irmãos, a não ir para aquela cidade grande, governada pelo Império. Decidiu fazer o caminho oposto, fugindo de lá o mais rápido possível.

João chamou seus irmãos. Apavorado disse:

- Temos que sair daqui rápido! Iremos agora!

Lúcio não entendia e perguntava buscando explicação:

- Mas, João, por quê?

- Eles vão nos matar! Nos prender, torturar e lançar aos leões! De nada mais irá adiantar! Estaremos mortos!

Lúcia tentou acalmar o irmão:

- Calma, João. Sente e nos conte com calma o que houve. Você teve uma visão?

João contou tudo o que viu e sua conclusão:

- Por isso irão nos prender. Falamos de Jesus.

Lúcio argumentou:

- Mas isso não está na visão. Ela não conta o motivo da perseguição e tortura.

João deu razão, mas explicou seus motivos:

- Você está certo, mas já tive muitas visões e todas parecem se unir. Se você tentar entender tudo isso, vai enxergar que os romanos capturam quem fala de Jesus, mas depois, não sei quando, irão se unir a Jesus, mas o usando para ganhar dinheiro e manter o poder. Mas até esse dia chegar, muitos irão morrer, e acho que nós mesmos.

Enquanto Lúcio entrava em pânico, Lúcia tinha uma visão ainda mais clara:

- E nós fugiremos? E nós deixaremos de falar de Jesus? Jesus morreu por nós. Você, João, que fala tanto disso a tantas pessoas, não lembra que Jesus passou por tudo isso que disse? Que foi perseguido, caçado, preso, torturado e morto? E por quem, João? Por nós! Por todos nós! E agora? Não podemos fazer o mesmo por ele? Não temos esse

dever? Por que temos de fugir? Se formos caçados, presos, torturados e mortos, apenas estaremos cumprindo nosso dever para com Deus e amando Jesus como ele nos amou.

João e Lúcio ficaram em silêncio absoluto. Não se mexiam e abaixaram suas cabeças com vergonha de si mesmos.

Lúcia sentou-se e também guardou silêncio. João e Lúcio ficaram bastante tempo sem nada dizer. Afinal, tinham muito em que pensar.

A decisão era simples: ou continuavam, mesmo sabendo que poderiam ter aquele trágico destino, ou desistiam e passavam a se esconder. E saberiam que, com essa decisão, estariam, de alguma forma, negando Jesus.

Tinham muito em que pensar.

## Capítulo 14

Depois de horas de silêncio, Lúcio propôs:

- João, por que você não chama Askhetar e pede para ele nos ajudar?

João gostou da ideia, e mesmo antes de chamá-lo, o amigo espiritual disse sem aparecer:

- Como estão, meus amigos?

João respondeu;

- Com medo e sem saber para onde ir.

Askhetar então respondeu:

- E espera que eu diga?

João foi um tanto irônico em sua resposta:

- Não espero tanto de você, meu amigo...

Askhetar não se incomodou com a resposta, pois compreendia a pressão a qual João estava submetido. Disse calmamente:

- João, sua interpretação das visões está certa. Mas a decisão, como bem sabe, é de vocês. Não posso interferir. Mas apenas digo que as visões precisam ser escritas como foram vistas, sem a

opinião de vocês. Sem a interferência do que pensam sobre elas.

Lúcia se antecipou aos irmãos e disse ao amigo:

- Nós entendemos, Askhetar. Obrigado por vir. Iremos pensar.

Com o silêncio de Lúcio e João, Askhetar se despediu e os irmãos permaneceram com o mesmo silêncio de antes e com as mesmas dúvidas também.

Não era uma decisão fácil de ser tomada. Os irmãos ficaram dias acampados no mesmo lugar, sem nada decidir. Até que João se cansou daquela situação e disse a Lúcio e Lúcia:

- Todo esse tempo em que aqui permanecemos pensativos sobre qual destino tomar, apenas nos atrasa. Existem pessoas esperando para receber os ensinamentos de Jesus, pessoas precisando ouvir a verdade do espírito. E nós, que a temos, nada fizemos. Não podemos permitir mais atraso. Temos de ter fé e levar os ensinamentos não importando o que aconteça. Mas não podemos ficar em exposição dos romanos. Fiquemos em volta da cidade, não precisamos entrar. Nos movimentemos em seus arredores, um dia aqui, outro ali. Nada que o Império não consiga encontrar, mas fazemos o que nos cabe, levamos os ensinamentos e nos protegemos.

Lúcia sorriu consentindo com a proposta de seu irmão. Porém, Lúcio reagiu de outra maneira:

- Não podemos ir, João. Seremos mortos!

João olhou com calma para o irmão e o respondeu:

- Sim, mas por Jesus.

Mas a resposta não fez Lúcio recuar:

- João, de que adiantará nosso conhecimento depois de mortos? Como levaremos os ensinamentos ao povo depois que os romanos nos matarem?

- E de que adianta agora, conosco parados? E de que adianta viver com os conhecimentos escondidos, guardados conosco? – João rebateu os argumentos de Lúcio.

- Mas, João... – Lúcio tentava prosseguir.

João o interrompeu:

- Lúcio, entenda que temos o que fazer. Não podemos ficar com esses pergaminhos dentro de nossas bolsas sem mostrar a ninguém. Temos de mostrar, de falar, não importa o que aconteça. Não fazer nada é pior que fazer e ser morto.

Lúcio ficou em silêncio e visivelmente contrariado. Até que respondeu ao irmão:

- Não me sinto à vontade com isso. Mas não posso ir embora agora. Eu vou junto, mas nada disso me agrada. O perigo é muito grande.

João sorriu e abraçou o irmão. Lúcia também o fez. E naquele dia mesmo os irmãos partiram para a grande cidade e ficariam em seus arredores, como João propôs. O que diminuiria o perigo e garantiria uma sobrevida a eles, mas não podia definir que estavam a salvo dos romanos.

Enquanto estavam a caminho, o clima era diferente de antes. Lúcio estava muito calado e apreensivo. Lúcia e João também estavam tensos, mas confiantes de que tomaram a melhor decisão e faziam a coisa certa. No entanto, Lúcio não tinha essa certeza.

Uma noite, acampados, com seus irmãos já dormindo, João observava as estrelas e teve outra visão.

Ele via o céu se fechar, as luzes das casas se apagavam. Tudo era muito escuro e sombrio. Mas as pessoas continuavam suas vidas na escuridão, como se estivessem no claro. Era dia, mas as sombras imperavam e o medo era inevitável. João via algumas pessoas trajando longas túnicas que cobriam suas cabeças e carregando livros e

pergaminhos. Porém, não permitiam que as outras pessoas os tocassem ou lessem. Esses, de longas túnicas, eram aqueles que se diziam possuidores da verdade e os culpados pela escuridão. João entendeu que seria uma época sofrida e a escuridão representava o medo e a falta de força do povo contra aqueles que o intimidavam.

João entendeu isso, mas não conseguiu a interpretação completa da visão. Nada fazia muito sentido para ele. Chamou Askhetar e pediu esclarecimentos. O amigo o atendeu:

- Boa noite, João.

Com um sorriso, João respondeu:

- Boa noite, Askhetar. Tive outra visão. Quero saber se a entendi certo.

- O que você entendeu?

- Você sabe o que vi?

- Sim. O que entendeu?

- Que os dias não irão ficar escuros. A escuridão era uma representação do medo e da dor, estou certo?

Askhetar ficou surpreso com a lucidez de João:

- Confesso, João, que não esperava um entendimento tão claro e rápido como esse.

João o interrompeu em tom humorístico:

- Não acredita mesmo em mim...

Como o pequeno profeta estava sorrindo, Askhetar não se importou com o comentário e prosseguiu:

- Mas a visão completa, o que considera ser?

João ficou pensativo e respondeu:

- Não sei. Mas deve ser algo para um futuro não tão distante, mas não tão próximo. Não sei dizer mais que isso.

Askhetar sorriu e disse a João:

- É certo, João. Devo lhe dizer que suas visões acontecerão com maior frequência e serão cada vez mais para um futuro distante. Portanto, você pouco vai entender. Precisamos apenas que as escreva. Não as tente decifrar, pois será perda de tempo. Como disse antes, essas visões são tendências, porque o futuro é feito ou mudado constantemente. Vendo cenários de um futuro longínquo, você não terá a compreensão do que vê e nada será definitivo, nada será certo de acontecer. É por isso que verá. Pois suas visões servirão de avisos para a

humanidade, que poderá, terá tempo de mudar as previsões, caso as suas profecias sejam conhecidas a tempo.

João ouviu a tudo com muita atenção. Mas teve uma única dúvida:

- Mas, Askhetar, por que começarei a ter visões de um futuro distante? Por que não de um futuro próximo ou de um futuro não tão próximo ou tão distante?

- Não podemos perder tempo. Tentaremos agir no que pode ser modificado. Não queremos a glória de dizer que acertamos, por isso tu não terás visões de coisas quase certas, com quase certeza de acontecer e quase sem volta. Queremos que o mundo e a humanidade tenham chance de mudar seu futuro e seu destino. Não queremos a glória, queremos o bom trabalho.

João sorriu e respondeu:

- Quero o mesmo.

Askhetar já estava se despedindo, mas João fez mais uma pergunta:

- Você fala como se não estivesse sozinho, mas sinto que não fala de mim...

- Existem muitos amigos espirituais comigo e com você. Somos muitos e trabalhamos para os homens. E não podemos esquecer de Deus, que é quem permite ou não tudo o que acontece.

João sorriu, assim como Askhetar, que se despediu. Assim João voltou para perto de seus irmãos e relaxou para dormir.

Ao amanhecer, João e seus irmãos fizeram as orações matinais e, depois, o pequeno profeta contou sua recente visão para que seus irmãos a escrevessem. Posterior a isso, João contou a conversa com Askhetar e a instrução que o amigo espiritual havia dado. Lúcio ficou curioso:

- Mas, João, como você vai saber se as visões são de um futuro próximo ou distante?

João não teve dúvidas e respondeu de forma simples e rápida:

- Quanto menos eu entender, mais distante será.

- Por quê? – Lúcio ainda não entendia.

- Não conheço o futuro, os costumes, as vestimentas, como se comportam as pessoas, o que as pessoas possuem. Quanto mais estranho para mim, mais distante para o futuro será a visão. – João respondeu.

Com a explicação de João, Lúcio ficou em silêncio e Lúcia apenas realizava alguns retoques finais no texto do pergaminho. Assim, preparavam-se para partir.

Estavam próximos à grande cidade, mas ainda havia um dia ou dois de caminhada, dependendo do ritmo em que caminhassem. Porém, logo após as primeiras horas da manhã, quando ainda se aproximavam do meio do dia, João sentiu-se mal e pediu que seus irmãos parassem para um breve descanso. Eles fizeram uma pausa na caminhada, próximo a algumas árvores, onde corria vento e tinha sombra. Lúcia deu água a João e perguntou o que sentia. Ele respondeu que apenas sentiu fraqueza no corpo e vontade de descansar. Lúcio sentou-se próximo a ele e disse que esperariam o que precisasse. João iria responder, mas pressentiu algo e mudou o que iria dizer.

- Creio que outra visão está para chegar. – Alertou.

No momento em que Lúcio iria responder, João entrou em transe e não mais podia o ouvir. Seus irmãos perceberam e ficaram em silêncio, apenas observando enquanto estava imóvel com seus olhos arregalados olhando fixamente para o horizonte. Havia preocupação nos irmãos, mas eles também tinham confiança em Askhetar, pois sabiam que o amigo espiritual não desampararia João e que, realmente, o irmão estava tendo uma visão.

João viu um imenso campo. Era verde e tranquilo. Havia luz e sol. Mas a visão se alterou e o cenário mudou rapidamente. No mesmo local, havia buracos no chão onde homens se escondiam de outros homens. Era escuro, não havia sol. Havia fumaça no ar. João quase sentia um cheiro de algo queimando. De repente, alguns homens correram em direção a outros, que também corriam. Todos tinham ferramentas estranhas a João, nas mãos. Eles brigavam uns contra os outros. E se feriam, se atacavam e, assim, matavam uns aos outros.

João se impressionou com essa visão, mas não conseguia parar de ver. A visão prosseguia, com a matança. O corpo de João tremia de medo, pois a cena era pavorosa realmente e nada do que João conhecia se assemelhava ao que via. Os homens usavam objetos estranhos em suas cabeças, como chapéus esquisitos e absolutamente diferentes de tudo que João conhecia. O restante da visão foi apenas matança. João estava completamente horrorizado e seu corpo tremia. Os irmãos tentavam acordá-lo, balançando-o, mas ele não ouvia ou respondia aos estímulos corporais. Até que Askhetar falou com eles que João estava tendo uma visão difícil, que eles precisavam aguardar com calma. Então eles obedeceram, porém, ainda assim estavam preocupados. Ao final da visão, com o campo coberto de corpos e sangue, com apenas alguns homens sobreviventes e que rapidamente fugiram de lá, João ouviu uma voz que parecia estar dentro de sua cabeça, que dizia: “Quando

homens matarem homens por divisões de terra e por interesses mesquinhos, a vida estará ameaçada, mas ainda haverá esperança e a dor poderá ser substituída pela alegria, se os homens caminharem pela paz”. João acordou.

Seu corpo tremia. João suava e sentia febre. Ao ver seus irmãos, desfaleceu nos braços de Lúcio, que se apavorou, mas novamente a voz de Askhetar foi ouvida:

- Acalmem-se. Ele vai ficar bem. Deitem-no e o deixem descansar. Ele irá acordar bem.

Mesmo relutando, Lúcio e Lúcia obedeceram Askhetar e deitaram João no chão. O profeta ficou longos minutos desacordado, mas logo abriu seus olhos e sentia-se melhor. Sentou-se, bebeu água, que Lúcia lhe ofereceu, e preparou-se para contar sua visão.

Já bem melhor, com a respiração normalizada, João iniciou a narrativa da visão. Ao término, Lúcio estava aterrorizado e perguntou:

- Estamos próximos disto?

Mas Lúcia a lembrou:

- Esqueceu-se do que nos disse Askhetar? De que as visões seriam para um futuro mais distante?

E João complementou a irmã:

- E acha que algo assim é possível de acontecer hoje? Não reconheço nada do que vi.

Lúcio consentiu com os irmãos e fez uma colocação justa:

- Mesmo que seja uma visão de um futuro distante, significa que não deixaremos de lutar. E continuaremos a derramar sangue de nossos irmãos. É triste.

- Sim, Lúcio. É mesmo triste. – João concordou.

Assim, absorvendo o impacto da visão e aguardando a recuperação de João, os irmãos permaneceram onde estavam antes de voltar a caminhar rumo à grande cidade.

Algumas horas de passaram e João considerou ser melhor esperar pelo dia seguinte, pois estavam em um local de bom abrigo, não sabendo o que encontrariam pela frente e faltavam poucas horas para o entardecer. Lúcio perguntou:

- Sente-se melhor?

- Sim. – respondeu João.

Lúcia concordou com o profeta:

- Mesmo estando melhor, concordo com João. Não temos pressa. Fiquemos aqui esta noite.

João estava recuperado e, como sempre, preferiu ficar observando o céu antes de deitar, enquanto seus irmãos já estavam adormecidos. E novamente uma visão surgiu rapidamente para ele.

João viu vários pergaminhos. Mas estavam velhos, sujos e rasgados. Havia escuridão onde estavam. E havia tantos, mas separados. Alguns em uma parte, outro tanto em outra, outro tanto em outra parte. Estavam dentro de jarros e homens os encontravam.

João reconheceu estes pergaminhos, pois pareciam muito com os de seus irmãos, de sua época.

Depois a visão mudou e vários homens discutiam sobre os pergaminhos e o que fazer com eles. Não chegavam a nenhuma conclusão. Mas João ouviu uma voz, a mesma da outra visão, que disse: “Quando a cobiça e o poder atingirem ápices, a maldade ganhará força e as verdades serão omitidas e o povo será privado do conhecimento”.

João acordou do transe. Estava bem. Correu para perto de seus irmãos, os acordou e pediu que escrevessem mais uma visão. Após a visão estar documentada, João fez questão de chamar Askhetar na frente dos irmãos, para que eles participassem

também. O amigo espiritual não demorou a se apresentar. E como sempre fazia quando Lúcio e Lúcia participavam, apenas foi presente em voz, disse:

- Boa noite, meus amigos.

João respondeu:

- Boa noite, Askhetar.

Lúcio e Lúcia também saudaram o amigo. João prosseguiu:

- Tive uma visão que não foi assustadora por conta de mortes e sangue, mas me causou assombro por conta de que vi pergaminhos, papiros, mas estavam velhos e rasgados; pareciam escondidos e somente muito tempo depois de escritos, ao que me parece, foram encontrados, e os homens pouco sabiam o que fazer. Askhetar, por que isso? Por que tantos de nós escrevem e já escreveram, se depois nada será utilizado?

Era evidente a preocupação e certo desespero na voz de João, mas Askhetar reagiu com calma e respondeu em tom sereno:

- João, como todas as outras, essa visão não passa de uma tendência, de algo que pode acontecer, mas não é certo, é apenas um aviso. Porém, mesmo que esse aviso não chegue antes dos

atos, essa visão pode não acontecer. O que quero dizer é que existe uma forte tendência de que isso ocorra, mas nada é certo. Nada é garantido. Depois, mesmo que se confirme, se dará pelo abuso de certos homens, com certo poder, não por nosso planejamento, pelos planos de Deus. Mas a espiritualidade precisa agir, considerando que isto possa vir a acontecer.

João continuava indagando:

- Mas, Askhetar, se vocês já sabem que isto pode acontecer, por que não fazem algo agora?

Askhetar respondeu:

- João, mesmo que fizéssemos, a tendência não mudaria, pois é forte e o cerco sobre os homens de boa fé está se fechando cada vez mais. Não há muito a ser feito. Apenas enviar estes avisos.

- Não creio que não haja nada a ser feito, Askhetar. Deus tudo pode. – João argumentou.

O amigo espiritual respondeu:

- Você está certo, João. Mas Deus também não pode interferir na vontade dos homens. Dos homens de fé e dos homens sem fé. Se procuram algo com tamanha força, Deus não irá interferir para que não encontrem, pois Ele é justo e bom.

João se calou, com as respostas e explicações de Askhetar. Não tinha mais perguntas. Mas Lúcia se pronunciou:

- E qual a tendência para o final? Tudo entrará no lugar certo?

Askhetar respondeu com sobriedade:

- No final, tudo sempre entra no lugar certo, Lúcia. Tenha fé em Deus.

Assim os irmãos se despediram de Askhetar e foram dormir. Porém, João ainda tinha muitas dúvidas em mente.

## Capítulo 15

João não conseguia dormir. A visão parecia se repetir em sua mente. Ele tinha dúvidas. Ele tinha vários questionamentos. Levantou-se e foi caminhar pela noite. Ficou pensando em como os homens continuariam em guerra, destruindo, mentindo, escondendo. Todos aqueles pensamentos entristeciam João, até que, no meio da caminhada, ele parou e teve mais uma visão.

Ele viu pilhas de corpos de homens mortos. Todos estavam nus e muito magros, a ponto de seus esqueletos serem visíveis abaixo da pele. O corpo de João tremeu e ele começou a suar. Mas a visão continuava e João via outros homens vestidos iguais, parecendo muito saudáveis fisicamente, observando as pilhas de corpos, e alguns riam e conseguiam brincar com a situação. Era muito extremo, de um lado uma dor imensa, de outro, risos motivados pela morte e pela dor. João não mais conseguiu ver e desmaiou.

A visão já tinha mesmo chegado ao fim. O desmaio de João não a abreviou. Ele estava um pouco distante de onde seus irmãos estavam e, mesmo assim, Lúcio e Lúcia estavam dormindo. Askhetar, que acompanhava João sem ser notado, preocupou-se e foi até Lúcio, na tentativa de acordá-lo. Falava ao seu ouvido. Mas somente conseguiu sucesso quando rastreou seu espírito, que liberto do corpo, estava em uma colônia

espiritual junto com Lúcia. Então, Askhetar enviou uma mensagem de nível inconsciente e quando os irmãos a receberam, voltaram imediatamente para o corpo, como se tivessem sendo abruptamente acordados. Eles, ao acordarem, não se recordaram da mensagem de Askhetar, que se pronunciou a eles:

- Acordei vocês, pois João teve outra visão e está desmaiado perto daqui.

Ainda pouco desperto, Lúcio tentava entender:

- Como? João está desmaiado?

Lúcia olhou em volta e não viu João, então disse:

- Onde ele está, Askhetar? Nos leve até ele!

Assim, Askhetar os conduziu para o local onde João estava. Os irmãos levaram água e tentaram acorda-lo, mas não conseguiam, Até que Lúcia, aflita, jogou um pouco de água em seu rosto. Assim João despertou. Lúcio o colocou sentado e ofereceu água. João guardava a visão bem nítida e começou instantaneamente a chorar. Os irmãos não sabiam o que fazer ou dizer. Então Askhetar disse a todos:

- O que João acabou de ver é algo que tentamos impedir que aconteça, mas que infelizmente nos parece ser inevitável devido ao rumo que já, hoje, a

humanidade adota. É algo triste e lamentável, mas muito provável de acontecer. Tenha calma, João. É bela sua reação, mas precisa se recompor, pois ainda há muita dureza em seu caminho.

Dessa forma, João aos poucos, parou de chorar e tentou dizer, ainda soluçando um pouco:

- Desculpe-me... Não queria chorar... Mas é muito triste...

Lúcia o interrompeu:

- Deixe, João. Venha conosco. Durma. Amanhã pela manhã escrevemos esta visão.

Lúcio também consentiu com a ideia da irmã e todos voltaram para o local do acampamento. João, muito fragilizado, deitou e logo dormiu, um tanto abatido com a visão e o desmaio. Porém, seus irmãos não conseguiam dormir e Askhetar disse a eles:

- Estamos próximos de uma definição na vida de vocês. Precisam ser fortes, aconteça o que acontecer.

Lúcio entrou em pânico, mas antes que pudesse dizer algo, Lúcia o interrompeu e disse:

- Lúcio, não se afobe. Isso já era algo que podíamos antever. Nada é novo. Temos que continuar, apenas isso.

Askhetar respondeu satisfeito:

- Isso mesmo, pequena. Isso mesmo. Boa noite. Tentem dormir.

Assim, os irmãos deitaram. Lúcia logo adormeceu, mas Lúcio não conseguiu e passou a noite em claro, deitado e olhando as estrelas, com os olhos arregalados de pânico e dúvidas.

Ao amanhecer, João estava quase refeito. Sentia-se melhor, mas ainda guardava dores no corpo e na cabeça. Acordou, mas permaneceu deitado. Chamou por Lúcio, que prontamente o atendeu.

- Sim, João. – disse o irmão.

- O acordei? – João perguntou.

- Não. Na verdade, não dormi. Passei a noite em claro, pensando...

- Pensando em quê, meu irmão?

- Askhetar disse a mim e à Lúcia que estamos próximos de um fim, de uma definição. Isso me assusta... João, não quero morrer...

João sentou-se e interrompeu Lúcio, tentando ser forte e dizendo com voz calma:

- Acalme-se, Lúcio. Tudo irá dar certo. Estamos fazendo o que é justo ser feito. Estamos com Deus e com Jesus ao nosso lado. É por Eles que fazemos tudo isso e se nosso fim é a morte, a prisão ou seja qual for, será pela justiça e pelo bem do que Jesus nos ensinou.

Lúcio olhou bem fundo nos olhos de João e respondeu:

- Mas, João... Eu não estou preparado para isso. Eu não quero isso. Não pedi isso!

- Você não sabe, Lúcio. Está conosco por algum motivo. Eu saí de casa com Lúcia. Você foi atrás de nós, nos procurou e quis ficar conosco, mesmo tendo a chance de voltar. Isso significa que algo você também tem nesta nossa história.

- Se eu soubesse que seria assim, não estaria com vocês...

- Isso não me magoa, meu irmão. Isso não me assusta. Você, mesmo sem saber, escolheu estar conosco. Podia até não saber como seria, mas quis estar ao nosso lado. E vou lhe dizer... Se desejar, pode também ir embora, no momento que quiser... És livre, Lúcio, podes ir embora... Não precisas seguir conosco.

Lúcio ficou em silêncio e não respondeu. João continuou:

- Saiba, meu irmão, que nosso amor não terminará, seja qual for sua decisão. Você é forte e saberá trabalhar para ganhar seu pão e irá formar família. Poderá ser bom para você.

Lúcio o interrompeu:

- Você sabe, João, que não farei isso! Eu ficarei com vocês. Só temo este fim horrível.

- Não é horrível, Lúcio. É apenas um fim.

Lúcia acordou e perguntou a João caminhando em sua direção:

- Está bem, João?

- Sim, Lúcia. Ainda com algumas dores, mas que passarão.

A irmã perguntou novamente:

- O que conversam?

Lúcio a respondeu antes que João dissesse algo:

- Sobre como estamos juntos e juntos ficaremos.

Lúcia sorriu e ofereceu água para João. Eles ficaram durante algum tempo aguardando João se refazer, antes de continuarem a caminhada. Fizeram a oração da manhã e pouco antes do meio do dia, resolveram seguir caminho para a cidade. Porém, antes disso, enquanto se refazia, João ditou a visão que tivera para seus irmãos, que novamente se abalaram ao lembrá-la.

- Isto é horrível... – Lúcia fez apenas este comentário.

Lúcio nada disse e os irmãos seguiram o caminho. Estavam ainda a uns dois dias da cidade e não sabiam ao certo o que poderiam esperar de lá, mas algo estava em suas mentes: Algo se definiria lá.

Quase ao fim do dia, depois de horas de caminhada, Lúcia pediu que João parasse, ao contrário do que ele mesmo queria.

- Vamos parar agora, João. – Lúcia dizia.

- Não. Podemos ir mais adiante. – João negava.

Mas Lúcia foi determinada:

- Não, João. Vamos parar Já. Você precisa descansar.

Após dizer isso, caminhou para próximo de algumas árvores e sentou-se dando a entender que não sairia de onde estava. Sem ter como fazer a irmã continuar, João, que também estava bastante cansado, aderiu à ideia de Lúcia e se encaminhou para próximo a ela. Lúcio também fez o mesmo, até mesmo porque queria protelar o quanto possível sua chegada à cidade. Assim, armaram o acampamento para passar a noite. João deitou-se um pouco, alimentou-se e bebeu água. Sentia-se um pouco melhor.

Após algumas horas, já com as estrelas no céu, João levantou-se e pediu para caminhar sozinho, já que seus irmãos estavam acordados. Lúcia, mesmo preocupada, disse:

- Só não vá muito longe, João.

E assim João fez. Após o irmão sair, Lúcia confidenciou baixinho a Lúcio:

- Vai ter outra visão.

A irmã estava certa. Ela já tinha captado como as visões estavam acontecendo naquele momento da vida deles. Esperaria um tempo e depois iria atrás do irmão, com medo de que pudesse novamente desmaiar, pois sabia que ainda estava frágil.

João caminhou um pouco, não se afastou muito, mas ficou fora da vista dos irmãos, pois se refugiou em algumas pedras grandes no caminho que tapavam a visão de Lúcio e Lúcia. Sentou-se nelas e ficou observando o céu, mas não teve muito tempo para isso, pois como Lúcia previu, uma nova visão se iniciou.

João viu uma águia voando muito alto. Era um voo belo e seguro. Mas João olhou para o chão e viu um urso, muito grande e forte, que observava a águia. João viu quando a águia fez um voo rasante na direção do urso, com intenção de atacá-lo. O urso se defendeu e também atacou a águia. A luta durou muito tempo, e mesmo com algumas tréguas, quando a águia se refugiava no alto de alguma montanha e o urso entrava em sua caverna, continuou até que, para surpresa de João, a águia derrotou o urso, que não morreu, apenas caiu vencido e ferido. A águia pousou sobre o urso e pôs um ovo dentro de sua barriga, para que fosse gerado pelo urso.

João acordou do transe e não fazia ideia do que significava aquela visão. Voltou para perto de seus irmãos na intenção de contá-la.

Seus irmãos ainda estavam acordados, e Lúcia já estava prestes a sair à procura de João. A irmã sentiu-se aliviada:

- Ainda bem, João... – disse baixinho para si mesma.

Lúcio também mostrou preocupação:

- Sente-se bem, João?

O pequeno profeta, sorrindo, respondeu dirigindo-se aos irmãos:

- Estou bem, meus irmãos. E tenho uma nova visão para lhes dizer.

Assim João contou a visão que tivera e seus irmãos a escreveram no papiro. Eles também, assim como João, não entendiam do que se tratava, inclusive Lúcio fez comentários de que poderia ser apenas perda de tempo tal visão:

- João, não considera que esta visão é, de certo ponto, inútil? Que nada tem a acrescentar?

Mas João foi breve e inteligente em sua resposta:

- Lúcio, é certo que não entendemos, mas não significa que esta visão não terá explicação no futuro. Não cabe a nós dizer, apenas deixar para que os povos, que ainda virão, expliquem por nós.

Lúcio compreendeu. Dessa forma, os irmãos foram dormir sossegados. João sentia-se bem e disposto para caminhar o dia seguinte inteiro.

A madrugada chegou e os irmãos dormiam tranquilamente, porém João bruscamente acordou, sentando-se imediatamente com o susto que tomara. De pronto, outra visão iniciou-se.

João viu várias pessoas em um vasto campo, porém essas pessoas não ficavam juntas, se misturando. Havia dois grupos. Um grupo ficando ao lado do nascer do sol e outro ficando ao lado do pôr do sol. Eram homens estranhos, mal se falavam dentro de seus próprios grupos. Porém, o fato que mais chamou atenção de João era que, constantemente, alguém do grupo do pôr do sol, sempre o mesmo homem, sem que ninguém de seu grupo percebesse, atirava algo no grupo oposto, que, ao ser atingido, irritava-se. Isso durou um longo tempo, até que alguns homens do grupo do nascer do sol resolveram revidar os ataques, porém o fizeram na frente de todos, sem tentar esconder de ninguém. E foram ataques pesados, onde muitos homens do grupo do pôr do sol se feriram, inclusive, e principalmente, aquele homem que iniciou toda movimentação.

João acordou do transe. Ficou sentado onde estava tentando entender o que vira. Não conseguia. Olhou em volta e viu seus irmãos dormindo com tranquilidade, então resolveu não os

incomodar. Porém, ficou pensando no motivo de as visões estarem tão distantes de sua compreensão. Não teve dúvidas, chamou por Askhetar em pensamento. O amigo espiritual não demorou e logo se apresentou:

- Boa noite, João.

- Boa noite, Askhetar. Desejo lhe perguntar.

- Prossiga, por favor.

- Sobre as últimas visões... Por que não as entendo? Por que estão diferentes? Com pessoas tão diferentes, de forma que não consigo compreendê-las, mesmo com muito esforço?

- João, você sabe que são visões para um futuro muito distante de seu tempo, por este motivo, ficam distantes de sua compreensão. Sua missão é vê-las e escrevê-las para que outros, depois de vocês, ao lerem, consigam entendê-las. E o uso que farão delas será independente de sua vontade ou dedicação.

João se calou. Na verdade, João já sabia dessa resposta em seu íntimo. Mas resolveu chamar por Askhetar para lhe perguntar sobre algo. Respirou fundo, e olhando para baixo, sem ter coragem de olhar direto para o amigo, perguntou:

- Nosso fim está próximo?

- João, todos vocês possuem a liberdade que Deus, o Pai, lhes deu. Com ela, vocês são livres para tomar qualquer decisão, e isso significa que poderão mudar tudo a qualquer momento.

- Se podemos mudar, significa que algo está um tanto certo de acontecer?

- João, o que você deseja eu não posso lhe dizer. Porém, é preciso que saiba que o que está fazendo é louvável e grandioso. Poucos têm essa capacidade de entrega, que até o momento, vocês estão tendo.

- Preocupo-me com Lúcio. Sei que não queria estar aqui, dentro de tudo isso, vivendo essas coisas e caminhando com as próprias pernas para seu fim.

- Como disse, João, Lúcio tem a mesma liberdade que você, Lúcia e eu. E pode decidir usá-la a qualquer momento. É louvável sua preocupação com ele, porém, Lúcio saberá utilizar de sua liberdade quando lhe for conveniente.

João olhou para Askhetar com olhar de entendimento, porém a situação permaneceu enigmática para ele. Ficou em silêncio. Askhetar completou:

- João, sei que é preciso muita força para cumprir toda esta missão. E você a tem. Estou aqui para lhe ajudar a cumpri-la. Você começa a entender todas as coisas, mas tenha calma e

paciência. Sei que é complicado, porém, tudo se ajeitará em seus devidos lugares.

Assim, João sorriu para o amigo, que sorriu de volta. Despediram-se e João deitou-se para dormir, o que não conseguiu, ficando acordado até o amanhecer, quando seus irmãos se levantaram.

Lúcia, ao ver João acordado, logo desconfiou e perguntou ao irmão:

- Acordou cedo, João, ou não dormiu?

João respondeu tranquilamente:

- Não dormi, Lúcia. Tive outra visão, conversei com Askhetar e depois fiquei pensando no que ele me disse.

A menina pegou papiro e tinta se preparando para escrever a visão, enquanto Lúcio levantava e fazia o seguinte comentário:

- Você parece fraco, João, está muito frágil... Podemos ficar hoje apenas descansando...

Mas João interrompeu o irmão:

- Não posso descansar, Lúcio! Jesus não teve descanso! Ninguém disse a ele para descansar enquanto carregava sua cruz!

- Mas você não tem cruz! – Lúcio argumentava.

- Mas tenho uma missão! Tenho algo a cumprir e não posso descansar agora. Não agora...

Lúcia perguntou:

- O que tem agora, João?

João olhou para seus irmãos e respondeu:

- Estamos perto de uma grande cidade, onde encontraremos muitos que nos aguardam, onde todas essas visões terão destino, de alguma maneira...

Lúcio interrompeu, perguntando:

- Como você pode saber?

- Eu apenas sei, Lúcio...

Assim, Lúcio se calou e Lúcia pôde escrever a visão que João ditou para ela.

Após ditar a visão e após a oração matinal, fizeram uma pequena e rápida refeição e seguiram a caminhada. Porém, não demorou muito e João começou a se sentir mal, suando muito e sentindo o corpo enfraquecido. Parou de andar e pediu ajuda:

- Lúcio me sente... Não me sinto bem...

Foi atendido prontamente. Seus irmãos nem o levaram para alguma sombra, ali mesmo, debaixo de sol, o sentaram e deram-lhe água para beber. João sentia um extremo desconforto, quando de repente, sentiu-se entrar em transe e outra visão começou.

João viu ouro negro. Ele via homens com pés de bode e rabos de asno brigando pela posse de um líquido que estava dentro de um jarro, que João não conseguia entender de que era feito. Mas conseguiu, rapidamente, ver o que estava dentro, como era o líquido. Era negro e tinha peso de ouro. Os homens brigavam por sua posse. Depois de algum tempo nessa briga, começaram a cair do céu alguns papéis que João não conhecia, eram muitos e a quantidade aumentava cada vez mais. Os homens brigavam pelo ouro negro e pelos papéis, ao ponto de matarem uns aos outros. Formaram-se grupos desses homens e uma luta silenciosa e perigosa começava. Essa luta, onde não havia soldados, não era uma guerra, um embate corpo a corpo provocaria tragédias e muitas mortes de pessoas inocentes, que nada tinham com ela. Essa luta também causava desastres na natureza, em rios, mares e até no ar. João começou a ver árvores murchando e mares secando, e uma voz disse: “Quando os homens presarem pela ambição, o mundo correrá perigo e sofrerá danos tão grandes que será difícil mudar o que foi feito”. A visão terminou e João desmaiou.

Seus irmãos se assustaram com o desmaio de João. Lúcio conseguiu forças para pegá-lo no colo e levá-lo para a sombra das árvores. E Lúcia, imediatamente pegou de um pouco de água para tentar acordá-lo jogando gotas em seu rosto. Apesar da cena ser preocupante, os irmãos não estavam tão apavorados, pois confiavam que João acordaria e tudo ficaria bem. Mesmo assim, por precaução, Lúcio chamou Askhetar, que atendeu prontamente dizendo:

- Acalmem-se, pois João logo acordará.

Lúcia ainda tentava acordá-lo com a água quando João balbuciou algumas palavras desconexas. Sinal de que estava acordando. Lúcia falou com ele, chamando-o pelo nome, e João respondeu com voz fraca:

- Lúcia... Estou bem...

Os irmãos respiraram aliviados e Askhetar pediu que dessem mais espaço para João, e foi atendido. Aos poucos, o pequeno profeta abriu seus olhos e foi acordando do desmaio. Lúcio afirmou:

- Foi outra visão horrível!

João, já bem melhor, respondeu:

- Foi outra visão. Mas já vi piores... Sinto-me fraco não pela visão...

Lúcia foi categórica:

- João, você vai descansar. Não sairemos daqui até você estar bem.

Lúcio e Askhetar ficaram em silêncio. João tentou dizer algo, mas a irmã continuou:

- Não estou perguntando, João. Estou dizendo que assim será feito.

João, muito debilitado e sem muitas forças, se calou. Assim, Askhetar se despediu dizendo que estaria por perto e os irmãos montaram o acampamento para ali ficarem por mais tempo.

Estavam mais próximos da cidade, apesar de ainda faltar um dia e meio de caminhada, porém, a essa distância, já era possível encontrar soldados romanos fazendo a proteção do perímetro. Quanto mais próximos estivessem dos limites da cidade, maior seria o perigo.

Pessoas, como João e seus irmãos, eram perseguidas naquela época, pois eram cristãs. E os cristãos eram perseguidos, presos, torturados e mortos de forma violenta, e até com fins de entretenimento do povo. Existia a Igreja Primitiva, onde um dos pilares era a Igreja de Jerusalém, porém a Igreja Católica ainda não existia. Por isso, todos aqueles que professavam seu amor por Jesus

e aceitavam Deus como o único Senhor eram perseguidos.

Naquele tempo, havia ainda politeísmo e os deuses do Império Romano eram outros. Portanto, como Jesus era considerado inimigo pelo Império, todos os que se diziam cristãos eram, dessa forma, também considerados inimigos do Império. E João e seus irmãos já haviam ganhado fama de serem cristãos, por conseguinte, o Império Romano já os havia declarado inimigos. Logo, ao serem identificados, deveriam ser presos, torturados e mortos, caso não renegassem Jesus, aceitando outros deuses.

Assim, o perigo só aumentava e João sabia disso e não estava disposto a renegar Jesus.

## Capítulo 16

Alguns dias se passaram e João finalmente estava fortalecido o suficiente para prosseguir com a caminhada. No período em que ficou descansando, não teve nenhuma visão.

- Já estou bem, Lúcia. Creio que amanhã pela manhã, podemos seguir. – João dizia a Lúcia.

A irmã sorriu, consentindo. Como já estava anoitecendo, João deitou-se no intuito de dormir para descansar mais um pouco, porém não conseguia, estava agitado demais para isso. Então disse a Lúcia que iria caminhar ali por perto. Lúcia se preocupou, mas não o impediu. Assim João fez. E como ele próprio desconfiou, após pouco tempo de caminhada, sentou-se ao chão, olhou para o céu e uma nova visão se iniciou.

João viu florestas sendo queimadas, árvores sendo cortadas, rios sendo desviados e homens despejando enormes quantidades de lixo e tubos gigantes despejando líquidos escuros e espumosos dentro dos rios. João viu uma espessa camada de fumaça preta no céu, que cobria tudo, e os homens que respiravam desse ar morriam lentamente e com doenças terríveis, que aumentavam de dentro para fora. Essa visão demorou muitos minutos, pois os quadros que João via eram passados com muita calma para que ele pudesse entender a gravidade do problema e o desenrolar dos fatos. João continuou

vendo que cada vez mais árvores eram cortadas, rios sendo usados como depósito de lixo e de líquidos escuros e espumosos e cada vez mais fumaça preta escondia o céu. Porém, as pessoas, mesmo morrendo, pareciam não notar ou se importar com isso e continuavam suas vidas. João, então, ouviu uma voz: “Caso os homens não parem com a destruição dos bens naturais, sofrerão duras consequências provocadas por eles mesmos”. João acordou do transe. Estava bem e não desmaiou. Mas estava intrigado. Voltou caminhando tranquilamente para junto de seus irmãos e disse a eles que havia tido outra visão e precisava a escrever. Lúcio perguntou:

- Foi horrível?

- Sim, mas de forma diferente. – João respondeu com tom de enigmático.

- Não entendeu? – Lúcia perguntou.

- Entendi. Só não entendi os motivos.

- Os motivos? – Lúcio quis saber.

- Sim... Por que os homens fariam isso?

- Isso o quê? – perguntava Lúcio.

João olhou para os irmãos e disse:

- Melhor dizer logo o que vi.

E assim foi feito. Logo após a narração de João, Lúcia dava razão a ele, pois também não entendia os motivos que levariam os homens a cometerem atos de tamanha violência contra árvores e rios. João chamou Askhetar.

- Boa noite. – Askhetar disse a todos.

Após os cumprimentos iniciais, João perguntou:

- Por que, Askhetar?

- Cegueira e ganância.

- Cegueira? João não havia entendido.

Askhetar explicou melhor:

- Os homens não perceberão o mal que estarão fazendo a si mesmos prejudicando a natureza. Isso é a cegueira provocada pela ganância, uma falsa necessidade de conquistar dinheiro e de ter mais que os outros.

Os irmãos entenderam. E ficaram em silêncio. Askhetar se despediu. Os irmãos experimentaram uma extrema tristeza e decepção com o que ouviram, pois não podiam imaginar que seus sucessores na Terra agiriam de forma tão pequena. Lúcio disse em tom melancólico:

- Estamos vivendo agora para nada...

Todos ficaram em silêncio. Apenas se deitaram, permanecendo pensativos.

Apesar de precisar escrever a visão, Lúcia não conseguiu conter o cansaço e acabou dormindo entorpecida por seus pensamentos que lhe consumiam. Lúcio demorou um pouco mais, porém conseguiu dormir também. Porém João de forma alguma conseguiu adormecer. E estava agitado. Virava-se de lado a outro, sem conseguir se acalmar. E depois de algumas horas sem sucesso na tentativa de dormir, com seus irmãos já adormecidos, João resolveu dar nova caminhada. Levantou-se e andou devagar buscando uma pequena pedra onde pudesse sentar-se para observar as estrelas. Ao achar, olhou para o céu, mas logo sentiu uma força que o impulsionava para olhar para frente, o que fez. Então teve outra visão.

João viu homens lutando fisicamente e com palavras pela posse de espaços em frente a uma grande cruz. Aqueles que conseguiam os melhores espaços, travestiam-se em cordeiros e chamavam o povo para observar a cruz de perto, mas cobravam por isso. Aqueles que não tinham conseguido espaço, tentavam arranjar outro e quando conseguiam, chamavam também o povo para o mesmo fim, porém dizendo que a sua visão da cruz era melhor que a dos outros homens.

Era uma visão confusa e João precisou olhar com muita calma para entender todas essas conexões. Quando finalmente conseguiu entender, uma voz disse: “O Cordeiro será imolado várias vezes pelos homens e de maneiras diferentes. Mas aquele que enganar seu semelhante, utilizando falsamente Seu nome, será lançado ao fogo da penitência, onde terá de repetir antigas provas para demonstrar que é capaz de merecer nova chance”. João acordou do transe. Não estava cansado, mas confuso. Não teve dúvidas, chamou por Askhetar, que o atendeu prontamente:

- Boa noite, João.

- Boa noite, Askhetar. Foi muito difícil para entender o que via. Qual o motivo?

- Não é um problema. Vários já passaram por isso. Apenas se trata de uma visão com interpretação complicada para alguns.

João entendeu e perguntou:

- Mas o que ela quer dizer? Que cruz era aquela e por que os homens viravam cordeiros?

- João, o que fazem com cordeiros?

- Sacrifícios?

- O cordeiro é um animal usado para demonstrar a fé de quem o abate por uma causa. O cordeiro é um símbolo de fé, por assim dizer. Aqueles homens não eram cordeiros, mas se transformavam em cordeiros para tentar que o povo acreditasse no que diziam.

João fez silêncio e não acreditava no que ouvia. Apenas fez o seguinte comentário:

- Está cada vez pior.

Askhetar ficou em silêncio e João perguntou:

- Isso não vai parar?

- Não sei dizer.

João se despediu de Askhetar e voltou entristecido para junto de seus irmãos. De tanta decepção, deitou e logo dormiu.

Na manhã seguinte, os irmãos levantaram e Lúcia foi logo pedindo para João narrar sua visão. E o pequeno profeta disse:

- Direi as duas.

Lúcia perguntou espantada:

- As duas? Você teve outra?

- Sim, enquanto dormiam. Quer saber agora?

- Por favor, irmão.

Assim João contou aos irmãos o que viu na segunda visão após Lúcia ter escrito a primeira, pois já sabia como era. Ao final das duas, João explicou o que Askhetar lhe disse e a reação de Lúcio foi explosiva. Ele se levantou e disse aos irmãos:

- Não consigo mais fazer isso! Estamos sem casa, quase sem comida, pedindo para comer, passando por tudo isso e pelo quê? Por nada! O que será feito depois de nós será isso que João vê? Então nada do que ele vê será usado ou será ouvido? Por que continuamos? Eu preciso pensar em mim! Não consigo mais... Desculpe-me, João... Mas não consigo mais...

João ficou em silêncio, assim como Lúcia, porque não esperavam uma reação como aquela. Atônitos, apenas olhavam para o irmão, que andava de um lado a outro, demonstrando intenso nervosismo. João, em um momento de grande intuição, disse a Lúcio:

- Eu lhe entendo, irmão. Mas preciso continuar. Se desejar outro caminho, tenho certeza de que Deus o abençoará.

Lúcio olhou para João e continuou em silêncio, e andando em círculos. Lúcia permaneceu calada, mas após uns breves instantes com o cenário inalterado, disse aos dois:

- Também seguirei. Não há nada que possa fazer de diferente agora.

Lúcio parou de andar e sentou-se. Depois de alguns minutos em silêncio, disse a eles:

- Não sei o que fazer. Podemos esperar alguns dias?

João levantou-se e foi abraçar o irmão, dizendo:

- Sim, Lúcio. O tempo que precisar.

Assim, haviam decidido permanecer mais alguns dias no mesmo local enquanto Lúcio se decidia sobre seu futuro.

Lúcio permaneceu calado durante boa parte do dia, apenas respondendo de forma simples as perguntas que seus irmãos faziam. Lúcia conversou com João sobre a situação e ele apenas disse a ela:

- Temos de ter paciência e compreender qualquer decisão que Lúcio tome. Ele tem liberdade de escolher, assim como nós também temos, o que é melhor para ele. Eu me decido a continuar e ir até o fim. Acredito que você também.

Lúcia respondeu:

- Não vou te deixar fazer isso sozinho, João. E vou entender se Lúcio quiser iniciar uma nova vida.

Eles sorriram e se abraçaram. João disse que procuraria água e levou os recipientes para serem cheios. Saiu sozinho caminhado à procura de algum rio ou riacho. Estava tranquilo e bem disposto, mas ao se afastar um pouco, começou a sentir uma sensação diferente na parte da nuca, típico de quando as visões começam. João não se intimidou, pois já sabia que teria outra visão. E estava certo. Sentou-se em uma sombra e esperou. Não demorou e a visão se iniciou.

João viu dois grupos de homens muito parecidos, mas ao que João entendia, eles estavam prestes a iniciar uma batalha física, pois havia expressões de ódio, revolta e desconfiança em todos, de ambos os lados. Os dois grupos carregavam uma cruz de madeira. Cada um tinha a sua, mas as duas eram exatamente iguais. Em dado momento, havia brigas e o enfrentamento físico era inevitável, o que causava mortes e mutilações. Mas depois, havia a trégua sem luta, mas as expressões de ódio continuavam e nenhum dos grupos se dava por vencido. Ambos queriam defender a sua cruz, mas nenhum deles percebia que a cruz era igual ao do outro. E assim, João percebeu que já estavam há muito tempo e por muito tempo ainda iriam ficar. Ouviu uma voz, dizendo: “Enquanto os homens

não perceberem que estão lutando apenas por suas diferenças de pó e terra, e que os impulsos do espírito são os mesmos e as cruzes são as mesmas, permanecerão lutando em vão. Chegará o tempo onde a cruz e a espada não terão mais espaço nas lutas, pois não haverá mais lutas, apenas conciliação de espírito”. João acordou do transe.

Pensou em voltar para ditar sua visão, mas preferiu continuar a busca por água e depois retornar. Pensou em chamar por Askhetar, mas antes que pudesse pensar no amigo, ele apareceu caminhando a seu lado e dizendo:

- João... Boa tarde. O que lhe incomoda?

João ficou surpreso, pois havia apenas pensado em chamar o amigo e este apareceu. Respondeu:

- Boa tarde... Rápido, amigo Askhetar... Quero entender por que tenho tantas visões próximas umas das outras.

- Simples – respondia Askhetar – estamos aproveitando todo tempo disponível para lhe passar estas visões, porque... Não sabemos, com certeza, o que irá acontecer quando chegarem muito próximo à cidade.

- Eu sei... Eu pensei nisso... Creio que já tinha me dito antes... O problema é essa questão com Lúcio... Não queria seguir sem ele...

- É preciso entender...

- Eu sei... Mas também sei, ou creio, que estamos próximos de algo perigoso, que represente até nossa morte. Não queria me separar agora, queria estar com eles nesse momento tão difícil.

- João, tente não pensar em morte ou em que acontecerá. Pense em fazer o que seu coração e seu espírito está lhe dizendo.

- Eu sei. E faço. Vou até o fim disso. Não temerei. Mas sentirei falta de Lúcio, caso não esteja a meu lado...

- É justo seu pensamento, mas devemos respeitar o pensamento de Lúcio. Ele tem a liberdade para escolher.

- Eu sei, Askhetar...

Assim, o amigo espiritual se despediu e deixou que João terminasse sua busca por água, sozinho, apenas com seus pensamentos.

Após retornar, contou à Lúcia a nova visão e sua irmã a escreveu. Ficaram sentados em silêncio até o momento de ir dormir. Lúcio ainda não sabia o que iria fazer.

## Capítulo 17

Alguns dias se passaram e Lúcio não havia chegado a nenhuma conclusão e João não havia tido mais nenhuma visão. Era manhã e os irmãos acabavam de acordar, quando João ficou sentado no chão com seu corpo enrijecido e olhar fixo no horizonte. Lúcia achou muito estranho e tentou falar com o irmão, mas João começou a falar. Estava mediunizado em trabalho de psicofonia. Ele disse:

- Amados irmãos... Dirijo-me a vós, que tão bravamente percorrem vastas terras na busca pelo espírito de Deus. A vós, que tão heroicamente, permanecem na lide de Jesus, na vinha do Pai. Não temam pelos dias que virão, não temam pelos homens que herdarão esta terra. Façam apenas o que precisam fazer e o mais será acrescentado. Aqueles que seguem Jesus de coração e espírito serão recompensados no Reino dos Céus. Na carne, terão o que a carne pode dar; mas não se entristeçam, pois que, para aqueles como vós que permanecem firmes, há muito que se receber em espírito. Um dia os homens lerão o que hoje escrevem e vivenciam. E neste dia, nada terá sido em vão.

João acordou do transe e não se lembrava de uma única palavra. Apenas se sentiu tonto e Lúcia o deitou. Ainda atordoado com o que ouviu, Lúcio disse a seus irmãos:

- Não podemos mais perder tempo. Vamos seguir caminho.

João tentou entender o que tinha acontecido e Lúcia explicou para ele e, junto com Lúcio, reproduziram a essência da mensagem recebida. João ficou feliz, especialmente porque Lúcio tinha se decidido a seguir com eles. Arrumaram tudo e seguiram em frente.

Caminharam sem parar naquele dia, com isso, à noite, quando pararam, estavam apenas a meio dia da cidade. Eles planejavam caminhar apenas até o início da tarde do dia seguinte, para se aproximarem da cidade, mas não entrarem nela.

Durante a noite, João teve um sonho. Ele viu Lúcia e Lúcio sendo levados por soldados.

João acordou assustado e suando bastante. Ele não se lembrava de muitos detalhes, mas apenas guardava as sensações de tristeza e desespero que teve ao ver a cena. Não conseguia mais dormir e resolveu não dizer nada a seus irmãos. O dia amanheceu depois de algumas horas.

Os irmãos fizeram suas orações matinais e continuaram na caminhada. Intimamente, cada um deles sabia que aquela poderia ser a última vez que partiam para alguma caminhada, pois, ao terminarem, montariam acampamento próximo da cidade e nenhum deles sabia ao certo o que

aconteceria, mas todos temiam o destino. Porém, Lúcia era a mais otimista, Lúcio o mais receoso, e João o mais decidido. Estavam próximos de uma definição.

Durante a caminhada, João voltou a sentir a sensação na nuca e pediu para sentar porque sabia que iria ter uma visão. Avisou seus irmãos e a visão começou.

João viu enchentes em cidades, que como não conhecia, achou serem cidades do futuro. João viu casas enormes, tão grandes que pareciam chegar ao céu, caindo e virando pó. João viu pessoas morrendo e correndo sem destino. João viu que as águas dos mares invadiam cidades as deixando completamente submersas. João viu as luzes de cidades se apagando, as deixando completamente na escuridão. João viu homens tentando falar com outros, mas seus instrumentos, para isso, não funcionavam mais. João viu grandes catástrofes e soube que estava vendo o fim. Mas João ouviu uma voz que dizia: “Será o fim de um ciclo, mas a paz será restaurada e a vida mudará, sendo mais calma, feliz e dentro da alegria do espírito. Alguns não mais terão lugar na nova morada do Pai, mas terão outras moradas para ficar, pois o Pai é justo e misericordioso. O fim virá, mas será um novo começo também, de novos tempos de prosperidade. Ouçam aqueles que puderem ouvir. Esses, serão salvos e terão lugar na mesma morada, porém que será melhor e mais bonita”. João acordou do transe.

Lúcia o amparou, pois João desfaleceu e seu corpo tombou para trás. No entanto, não demorou e João estava acordado e bem disposto. Lúcio deu-lhe água e João aproveitou e molhou um pouco seu rosto. Após alguns minutos tentando se recuperar, o pequeno profeta pediu para que sentassem todos à sombra de uma árvore para que ele os contasse a visão.

Com a visão dita e escrita, Lúcia perguntou ao irmão:

- João, deseja esperar mais um pouco... Talvez dormir aqui?

Mas João não queria perder mais tempo:

- Não, Lúcia. Dê-me apenas mais um pouco de água e prosseguiremos.

Com a concordância dos irmãos, João descansou por alguns minutos e depois continuaram com a caminhada. Estavam muito próximo à grande cidade. Mais algumas horas atingiriam sua meta, que eram os arredores, não a cidade propriamente.

Depois de tanto tempo, entre visões e inseguranças, entre incertezas e preocupações, depois de tanto caminhar, os irmãos chegavam a seu destino. Já havia intensa movimentação, mesmo do lado de fora. Os irmãos estavam aproximadamente a 1 km dos limites da grande

cidade, no entanto, a movimentação de pessoas era algo de impressionar. Havia soldados romanos passando, comerciantes, mulheres com crianças e homens transportando animais. A presença de soldados intimidou Lúcio, que confidenciou a João em seu ouvido:

- João... Tenho receio... Veja esses soldados... Quando você começar a falar, João... O que irá acontecer?

Mas João apenas sorriu e respondeu ao irmão:

- Não temas, Lúcio. Pois nossa sorte está traçada há muito tempo. Mas se a quiser mudar, você pode.

Lúcio entendeu que João dizia que, se ele quisesse, poderia desistir e partir. Mas ele respondeu confiante:

- Não irei, João. Agora, estamos unidos até o fim... Seja ele qual for.

João sorriu novamente e abraçou o irmão. Lúcia disse a eles:

- Fiquemos aqui, descansemos e pela manhã, se João desejar, façamos o que viemos fazer.

Os irmãos concordaram com Lúcia. Porém, Lúcio, argumentando que procuraria comida, disse que iria até a cidade e pediu que João ficasse para

se certificar de que Lúcia ficaria bem. O pedido parecia justo e João aceitou prontamente.

Lúcio foi até a cidade. Caminhava devagar e parecia observar a tudo, com cautela. Na verdade, Lúcio procurava algo, uma informação. Mas, como não conseguia diferenciar as pessoas e não sabia ao certo como se comportar naquele lugar tão movimentado, preferiu sair de lá sem dar pistas de que estava perdido, mesmo sem a comida.

Ao retornar, apenas disse que tantas pessoas o assustaram e não conseguiu falar com elas. João sorriu, assim como Lúcia, que disse:

- Não se preocupe, Lúcio. Temos frutas e um pouco de pão. Há comida para hoje a amanhã. Depois podemos conseguir mais frutas por aqui perto.

Assim ,os irmãos silenciaram aguardando o dia seguinte. A noite veio, mas ela não trouxe sono a nenhum dos três irmãos. Todos ficaram acordados e juntos. Conversaram sobre a infância e a família que deixaram. Nenhum deles teve a ousadia de falar sobre a missão ou sobre o que os aguardava no dia seguinte. Estavam felizes e unidos.

Na manhã seguinte, um pouco antes do sol nascer, levantaram-se e não demonstravam cansaço ou desgaste. Pareciam prontos para iniciar mais uma etapa, que parecia ser decisiva. João liderou as

orações matinais e pediu que logo se alimentassem e aguardassem o início da movimentação. Disse a seus irmãos:

- Assim que as pessoas começarem a passar, subirei na pedra mais alta que encontrar aqui e começarei a falar sobre Jesus.

O silêncio de Lúcio e Lúcia foi um consentimento à ideia de João. Os irmãos esperaram e logo uma pequena movimentação começava a se formar.

## Capítulo 18

Passada mais uma hora, os arredores da cidade já estava repleto de pessoas indo e vindo. João olhou para seus irmãos e seu olhar continha um misto de coragem e preocupação. Se houve algum momento na vida do profeta em que teve medo e hesitou em não cumprir sua missão, foi aquele. Porém, isso demorou segundos apenas, pois que, na sequência, João levantou-se e caminhou decidido para uma pedra grande o suficiente para elevá-lo do chão alguns centímetros. Seus irmãos, levando seus pertences, o acompanharam. No caminho, João disse:

- Por favor, queridos irmãos, fiquem em prece.

Eis que Lúcia respondeu:

- Não se preocupe com isso, pois ficaremos em prece todo o tempo.

João subiu na pedra e iniciou seu discurso habitual. Ele falava de Jesus, sua vida e seus ensinamentos. Mas apesar disso, João não despertava muita atenção. As pessoas pareciam estar ocupadas demais para parar o que faziam e ouvir um pouco sobre a vida daquele que se entregou para ensinar a humanidade sobre o amor, entre tantos outros ensinamentos. Porém João não se abatia e permanecia falando com o entusiasmo de sempre, citando trechos de escritos que

carregava com ele. Depois de alguns minutos, onde ninguém havia se aproximado, aos poucos, um pequeno grupo se formou para ouvir o que João tinha a dizer, porém também havia quem, de certa forma, se ofendesse com o que era dito. Um homem gritou de longe, mas o suficiente para que todos ouvissem:

- Malditos cristãos! Incendiários de Roma! Deveriam se calar e voltar para o lugar de onde vieram!

No entanto, João não abateu e permaneceu imóvel e falando no mesmo tom de antes. O homem resmungou um pouco mais e acabou indo embora.

Depois de um tempo, não havia multidão formada. Na verdade, eram poucas pessoas que estavam ouvindo o que João dizia. Todas as outras passavam pelo local como se nada estivesse acontecendo ali. Foi então que João pensou em chamar mais atenção. Começou a falar de uma de suas visões. E falou da visão onde uma raposa vira cordeiro. Nesse momento, dois soldados romanos passaram pelo local, mas apenas caminhavam devagar e observavam João com atenção. As pessoas que o ouviam dispersaram rapidamente ao vê-los. João viu o grupo de ouvintes se desfazer em questão de segundos. Olhou para os soldados e desceu da pedra. Os soldados seguiram rumo à

cidade e João voltou com seus irmãos para debaixo das árvores. Lúcio, nervoso, dizia a ele:

- João, eram romanos! É muito perigoso, João! Vamos embora! Já fizemos o que precisávamos, você já falou! Agora vamos embora deste lugar!

Mas, João, com extrema serenidade, respondeu a Lúcio:

- Não, Lúcio, não fizemos o que era preciso. Temos ainda o que cumprir.

Lúcia entrou na conversa:

- Eu entendo João, foram poucas pessoas que ouviram as palavras do Mestre.

João respondeu:

- Não se trata de quantas pessoas ouviram, mas sim de algo que pressinto... Ainda temos algo a fazer aqui...

Os irmãos silenciaram e após alguns instantes Lúcia perguntou a João:

- Não quer caminhar e procurar água e colher algumas frutas, João? Vai lhe fazer bem.

João aceitou, pois além de saber que precisavam de frutas, ele também queria caminhar um pouco

para pensar no que ocorreu. Mas Lúcio preferiu ficar onde estava:

- Vou ficar aqui. Não quero caminhar.

Então, Lúcia e João saíram e Lúcio permaneceu sentado à sombra de algumas árvores. Um senhor de barbas brancas e trajando uma túnica comprida, mas gasta e suja se aproximou de Lúcio e com voz calma disse a ele:

- Bendito sejas, meu irmão!

Lúcio, que por estar de olhos fechados, não percebeu a aproximação daquele senhor, reagiu com espanto, mas ao ver o velho homem apenas respondeu o cumprimento:

- Bendito sejas!

O homem perguntou:

- Você está com aquele que nos falou há pouco?

- Sim, é meu irmão. Quem é o senhor?

- Meu nome é Vausto e sou homem de bem e de paz, não se preocupe. Estava acompanhando seu irmão. Ele tem um bom conhecimento sobre Jesus.

- O que sabe sobre Jesus?

- Sei bastante. Sou cristão, assim como vocês. Como perceberam, são tempos difíceis para pessoas como nós. Mas ouvi atentamente tudo o que ele disse. Vocês parecem ter um bom conhecimento. E ele também é profeta?

Lúcio estava totalmente à vontade com aquele senhor desconhecido, mesmo sendo algo que era incompatível com ele, sempre desconfiado, em especial quando nervoso, como naquele momento. Respondeu:

- Sim. Ele disse apenas uma visão que teve.

- Eu a achei muito profunda. Tem outras?

- Sim. Muitas.

O senhor olhou em volta e se abaixou um pouco. Falou em voz baixa, em tom de confiança:

- Aqueles soldados já devem estar contando o que viram e ouviram e isso não é bom para vocês. Não sei o que pode acontecer, mas vocês podem estar correndo perigo.

- Perigo? – Lúcio se preocupou.

- Sim... – fez uma pequena pausa e continuou – Sou da Igreja, das proximidades de Jerusalém e posso ajudar vocês.

Lúcio se animou:

- Igreja? Nos ajudar? Seria bom, mas preciso falar com meus irmãos...

- Sim, mas não se demore. Estarei por perto. Você não me verá, mas estarei perto quando precisar.

Assim o homem saiu e deixou Lúcio com muito o que pensar. Logo seus irmãos voltaram e Lúcio, sem perder tempo, contou a conversa que tivera. Lúcia foi a primeira a se manifestar:

- Lúcio, nós não conhecemos este homem... Pode ser perigoso.

- Perigoso? Mais que soldados romanos? Você viu o que aconteceu quando chegaram? O povo parou de ouvir! Isso é medo! – argumentou Lúcio.

João disse:

- Se estamos em perigo, é por causa do Cristo. E sendo assim, irei até o fim, como Jesus fez por nós. Não vou a lugar algum. Não conheço essa Igreja, não conheço este homem, mas conheço Jesus e o que nos ensinou.

Lúcio se calou, mas o medo em seu coração permanecia. Estava aflito e não sabia qual decisão tomar. Pensava até em deixar seus irmãos e pedir

ajuda a Vausto. Não sabia o que faria. Todos silenciaram e ficaram pensativos na sombra das árvores.

O dia se passou e pouco os irmãos conversaram. Estavam tensos e as pessoas que passavam, algumas vezes, os reprovavam com o olhar. Lúcio propôs a João:

- Não quer passar a noite distante deste lugar?

João olhou para ele com dúvidas, mas logo respondeu com certa segurança:

- Prefiro ficar. Creio que assim Deus quer.

Novamente Lúcio se calou. A noite veio e os irmãos se abraçaram na tentativa de se aquecerem, uma vez que não fizeram fogueira. Já estavam quase adormecendo quando a voz de Askhetar foi ouvida:

- Meus filhos...

João foi o primeiro a responder:

- Askhetar? Pode dizer o que deseja...

- A bravura de vocês é notável e muito receberão por ela. Saibam que, por mais que pareçam desprotegidos, jamais estarão. Deus assume, agora, o destino de vocês.

João tentou entender:

- Como, Askhetar?

Mas foi interrompido por Lúcio, que dizia com voz trêmula e nervosa apontando para frente:

- Os romanos estão se aproximando.

Com tochas e nada amistosos, seis soldados romanos se aproximavam com ordens de prender os irmãos, sob acusação de desordem pública. Mesmo desesperado, Lúcio olhou para o lado e viu Vasto atrás de uma árvore. Imediatamente e por reflexo, pegou a bolsa onde os papiros com todas as visões de João estavam, mostrou para ele e jogou para trás da árvore onde ele estava com João e Lúcia. Vausto entendeu que Lúcio desejava que ele ficasse com a bolsa.

Atordoados, mas sabendo que seriam presos, os irmãos não tentaram fugir. Apenas aguardaram a chegada dos soldados. Lúcia e João não perceberam a ação de Lúcio com a bolsa, tampouco os soldados, pois ainda estavam distantes. João apenas disse baixinho aos irmãos:

- Obrigado por vocês estarem comigo.

Lúcia chorou e Lúcio apenas olhou para o irmão. Os soldados chegaram e, sem dizerem nada, apenas pegaram os irmãos, sem uso excessivo de

força, uma vez que não havia reação da parte deles. Todos os seus objetos foram levados também, com exceção da bolsa, que os romanos não viram. Rapidamente os irmãos foram conduzidos para a prisão romana, sendo que Lúcia foi separada, sendo colocada junto com outras mulheres, que também eram cristãs e algumas prostitutas e ladras. João e Lúcio também ficaram acompanhados de cristãos, mas assim como Lúcia, também tinham a companhia de ladrões e outros acusados de bruxaria e prestidigitação.

João e Lúcio não tinham contato com Lúcia, nem a podiam ouvir. Passaram o resto da noite ali. Lúcia chorava, mas era consolada por senhoras idosas cristãs, que a acolheram. Lúcio e João, apenas sentaram no chão e esperaram o dia amanhecer na esperança de algum fato novo.

Do lado de fora, assim que os soldados romanos se distanciaram com os irmãos, Vausto foi procurar a bolsa que Lúcio deixara. Ao abri-la, começou a ler e se surpreendeu com o conteúdo dos papiros. Ele sabia que o que tinha nas mãos era precioso. Imediatamente, para não correr riscos, levou a bolsa para seus amigos da Igreja, também conhecida atualmente como Igreja de Jerusalém, um dos pilares da Igreja Primitiva, que teve como fundador, Tiago, o Justo.

Esses papiros foram guardados e preservados intactos até o Concílio de Nicéia, pela Igreja de

Jerusalém. Mas, no momento da conversão de Constantino ao Catolicismo, e devido à transformação religiosa a qual o Império Romano sofreu, eles foram entregues aos novos sacerdotes que assumiam a Igreja, sendo, posteriormente, guardados pela própria Igreja Católica como fossem relíquias. No entanto, muitos escritos foram perdidos durante a Idade Média, Acredita-se que os papiros dos irmãos foram alguns desses.

## Capítulo 19

Ao amanhecer, os soldados voltaram e buscaram os irmãos e os levaram até o chefe da guarda. O homem, com aparência cruel, disse a eles:

- Sabemos que seguem aquele de nome Jesus. Mas podem ir embora... Se renegarem este chamado Messias e seu Deus e aceitarem o poder de algum de nossos deuses. Apenas isso e estarão livres antes do meio do dia.

João olhou para seus irmãos e respondeu ao chefe da guarda:

- Jamais irei renegar Jesus e o Pai. Pois Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida. E ninguém vai ao Pai, senão por Ele.

Antes que o chefe da guarda pudesse se pronunciar, Lúcia também deu sua resposta:

- Também não irei renegar Jesus!

O chefe da guarda olhou para Lúcio, como se aguardasse que também dissesse algo, mas ele nada disse. João o olhou com surpresa, mas Lúcio abaixou a cabeça. O chefe da guarda o perguntou:

- Concedo-lhe a última chance de se pronunciar. Sua mudez não me responde coisa alguma.

Assim, Lúcio levantou a cabeça e disse com lágrimas nos olhos:

- Não posso abandonar meus irmãos. Irei com eles para aonde forem.

- Assim – disse, o chefe da guarda – saibam que serão condenados à morte por desrespeito à ordem Romana.

Os irmãos choravam, com exceção de João, que sorriu. Eles foram levados para um monte próximo à cidade e executados após sofrerem torturas cruéis.

Lúcio pedia clemência, mas não conseguia. Lúcia apenas gritava e chorava. E João apenas pedia perdão a Deus, por não ter conseguido fazer mais por Ele.

Após seus corpos estarem sem vida, seus espíritos receberam o socorro de falangeiros que os conduziram a locais de tratamento. Mesmo debilitados e enfraquecidos, puderam ver o evangelizador e Askhetar sorrindo ao lado deles. O amigo espiritual disse aos irmãos:

- A missão foi cumprida. O que se seguirá não depende mais de vocês. Sejam bem-vindos.

Leia também  
outros títulos do  
Instituto  
Pirâmide:

## **Anarquia no Clero – Uma História Sobre Livros Perdidos**

Espírito Lucarino

Durante a idade média, dentro de um convento para frades menores. Foi neste cenário que uma trama do próprio Clero privou a humanidade de conhecimentos, através da destruição de livros e papiros raros.

Lucarino, o autor espiritual, que viveu neste convento na época onde tudo aconteceu, ocupando a posição de franciscano copista, narra com riqueza de detalhes todos os sórdidos e surpreendentes momentos deste maquiavélico plano.

Mostra, ainda, como as trevas interviram no processo e quais os motivos que o Clero possuía para o cruel e sombrio desfecho.

Indispensável para quem deseja saber mais sobre os bastidores da história religiosa, no que tange aos escritos que, naquela época, feriam aos interesses da Igreja Católica.

## **Cinco Temas para Cinco Amigos**

### Diversos Espíritos

Nesta obra, cinco espíritos convidados abordam individualmente cinco temas diferentes: amor e sensibilidade; liberdade e responsabilidade; reencarnação; transição planetária e comportamento dos médiuns.

Cada capítulo trará uma mensagem inicial e o aprofundamento do tema pelo espírito, que ainda responderá a cinco perguntas pertinentes ao assunto abordado.

Além da irmã Ana, de calmas e doces palavras, a obra conta ainda com a participação de Lucarino, autor de Anarquia no Clero – Uma História sobre Livros Perdidos, dos frades Roberto Luccia e Eluades; além da gentil e emocionante presença da irmã Ermance Dufaux.

Cinco Temas para Cinco Amigos é uma obra imperdível para aqueles que desejam saber mais ou serem iniciados em questões tão importantes e atuais. Sendo indicado não somente para os médiuns, mas para todos que simpatizam e frequentam o Espiritismo.

## **Trabalhos Mediúnicos na Casa Espírita**

Espírito Dr. Klaus

O espírito Klaus nos brinda, nesta fascinante e esclarecedora obra, com diversos assuntos relativos aos trabalhos desempenhados pelos médiuns dentro das casas espíritas. Com linguagem acessível e abordando com a habitual franqueza todos os temas do livro, Dr. Klaus permite com sua narrativa que não somente os médiuns se beneficiem desta obra, mas também abrange a leitura para simpatizantes e curiosos acerca da doutrina espírita.

Desobsessão, trabalhos em desdobramento, vidência e intuição, convívio entre os médiuns e reforma íntima são os temas tratados pelo sempre incisivo irmão Klaus que, além de nos trazer textos introdutórios sobre os assuntos, ainda responde a uma série de perguntas formuladas acerca dos temas propostos. Klaus responde a mais de 160 perguntas de forma clara, franca e com apurado conhecimento sobre as questões abordadas, tão pertinentes às atuações dos médiuns dentro das casas espíritas. Leitura obrigatória para quem deseja aprender sobre os meandros e detalhes do bom funcionamento de qualquer instituição espírita, sendo trabalhador ou frequentador.

## **Judaeh, um Anônimo Seguidor de Jesus**

Espírito Lucarino

O espírito Lucarino nos brinda com esta primeira, emocionante e reveladora, obra da coleção intitulada “No Tempo de Jesus”.

Este livro narra detalhes, até então desconhecidos, da passagem de Jesus entre os encarnados, feito por testemunhas oculares que tiveram contato direto com o Mestre e escreveram o que viram, e suas experiências pessoais com o Rabi da Galileia. É uma daquelas narrativas perdidas no tempo, pelos mais variados motivos; porém, felizmente para a humanidade, através do autor espiritual Lucarino, que em uma de suas encarnações personificou um franciscano copista, foi trazida de volta para lançar luz sobre diversos temas, ainda polêmicos, nas palavras do próprio Jesus, como por exemplo, a reencarnação. O livro conta a história de Judaeh, apenas mais um daqueles anônimos seguidores de Jesus. Mas diferente da maioria, Judaeh teve a bondade de nos deixar relatos preciosos sobre a época em que Jesus, nosso zeloso governador do orbe, andou com seus próprios pés sobre a Terra. Prometendo ser esclarecedor, este livro certamente responderá a diversos questionamentos que há tanto permeiam o imaginário popular.



**[www.institutopiramide.com.br](http://www.institutopiramide.com.br)**

**[contato@institutopiramide.com.br](mailto:contato@institutopiramide.com.br)**

**Encontre-nos também no Facebook.**